



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Educação

Luiz Eduardo Paulino da Silva

Entre tempos, lembranças e narrativas: memórias e trajetórias das professoras egressas da Escola Normal em Bananeiras/PB (1983-2017)

Rio de Janeiro

2022

Luiz Eduardo Paulino da Silva

Entre **tempos, lembranças e narrativas**: Memórias e Trajetórias das professoras egressas da Escola Normal em Bananeiras/PB (1983-2017)

Tese apresentada, como requisito parcial, para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de Concentração: Instituições, Práticas Educativas e História

Orientadora: Profa. Dr^a. Lia Ciomar Macedo de Faria

Rio de Janeiro

2022

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/A

S586 Silva, Luiz Eduardo Paulino da
Entre tempos, lembranças e narrativas: Memórias e Trajetórias
das professoras egressas da Escola Normal em Bananeiras/PB
(1983-2017) / Luiz Eduardo Paulino da Silva. - 2022.
149 f.

Orientadora: Lia Ciomar Macedo de Faria.
Tese (Doutorado) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
Centro de Educação e Humanidades.

1. Educação - Teses. 2. Memória - Teses. 3. Trajetória - Teses.
4. Professores - Formação - Teses. I. Villardi, Raquel. II.
Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Centro de Educação e
Humanidades. III. Título.

es

CDU 37(015.3)

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Luiz Eduardo Paulino da Silva

Entre tempos, lembranças e narrativas: Memórias e Trajetórias das professoras egressas da Escola Normal em Bananeiras/PB (1983-2017)

Tese apresentada, como requisito parcial, para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de Concentração: Instituições, Práticas Educativas e História.

Aprovada em: 23 de setembro de 2022

Banca Examinadora:

Prof. Dr^a. Lia Ciomar Macedo de Faria (Orientadora)
Programa de Pós-Graduação em Educação do PROPED/UERJ

Prof. Dr^a Alexandra Lima da Silva – UERJ
Programa de Pós-Graduação em Educação do PROPED/UERJ

Prof. Dr. Jorge Luiz da Cunha – UFSM
Programa de Pós-Graduação em Educação do PPGE/UFSM

Prof. Dr. Lincoln de Araújo Santos – FEBEF/UERJ
Programa de Pós-Graduação em Educação da FEBEF/UERJ

Prof. Dr^a Maria Angélica da Gama Cabral Coutinho – UFRRJ
Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares (PPGEduc)

Rio de Janeiro

2022

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Deus, o Grande Eu Sou, até aqui tem me guardado com amor. Toda honra e mérito é para Ele que me criou, se cheguei até aqui foi a providência e permissão do Senhor que de mim cuidou. (SILVA, 2022)

AGRADECIMENTOS

Agradecer tem inúmeros sinônimos, como: reconhecer, gratificar e retribuir. Portanto, só atribuímos tais adjetivos a quem, na verdade, tem nos amparado em algum momento. Por isso, agradeço a Deus primeiramente, por até aqui ter me ajudado. (I SAMUEL, 7.12)

Retribuo ao Senhor em agradecimento por tudo que fez e faz na minha vida.

Através do Altíssimo Deus, faço menção a todos aqueles e aquelas que cooperaram de maneira direta ou indireta na construção dessa Tese. Faço gratulações às pessoas, mencionando o Senhor em seus múltiplos títulos, para que Ele seja lembrado e glorificado em todo tempo.

Gratulo ao El Shaddai¹ por minha mãe (Socorro) que me incentivou a galgar trilhas na educação, sempre presente com seu sorriso, carinho e orações. Ela se sente feliz por me ver realizado no pessoal, espiritual e profissional. A Bíblia diz: “Honra teu pai e tua mãe, a fim de que tenhas vida longa na terra que o Senhor teu Deus te dá”. (ÊXODO: 20.12). Com as minhas limitações, e imperfeições, procurei honrar aqueles que Deus me agraciou como pai e mãe.

Gratulo a Deus *in memória* do meu pai, Manoel Borges da Silva, homem simples, agricultor, que teve uma vida atravessada por uma trajetória do alcoolismo, mas que, nos momentos de lucidez, era um ser humano trabalhador, ajudador e querido pelas pessoas. Tinha uma admiração imensa por mim e era envaidecido por ter um filho professor. “Saudades...”.

Gratulo a Deus Amado pelos vinte anos de professor concursado na secretaria do Município de Belém/PB e pelos três anos concursados na secretaria de educação do Município de Logradouro/PB, onde, em ambos os municípios, fiz meu trabalho com dedicação, reflexão e dando meu melhor. Porém, o período que Deus determinou para mim nesses municípios foi o tempo Dele, somente a Ele elevo toda honra e louvor. Ele me colocou e me tirou. O Salmo (91.1-2) está escrito, “Aquele que habita no esconderijo do Altíssimo, à sombra do Onipotente descansará. Direi do Senhor: Ele é o meu Deus, o meu refúgio, a minha fortaleza, e nele confiarei”. Obrigado, Senhor!

Gratulo a Deus, que é o Caminho, a Verdade e a Vida pela instituição, Escola Normal Estadual Pedro Augusto de Almeida, *lócus* da minha formação normal, o *lócus*

¹ “Deus Todo-Poderoso”, ou “Deus a Rocha”

do trabalho docente das entrevistadas e *lócus* de centenas de normalistas do interior do nordeste brasileiro. Grato por essa instituição que sobrevive às adversidades em tempos incertos, mas que fez um brilhante papel como Escola Normal no Brejo Paraibano. “E, levantando-se dali, foi para os termos da Judéia, além do Jordão, e a multidão se reuniu em torno Dele; e tornou a ensiná-los, como tinha por costume”. (MARCOS, 10.1). A mão do Senhor se faz naquele lugar.

Gratulo a Deus, o Bom pastor, pelas vidas das professoras entrevistadas Vilma de Lourdes, Claudia Michelino, Francillanes Rodrigues e Maria Goretti, por se disponibilizarem para a entrevista via o *google Meet*, demonstrando motivadas e alegres em participarem da pesquisa para a tese de doutoramento. Em Colossenses 3:23, diz, “Tudo o que fizerem, façam de todo o coração, como para o Senhor, e não para os homens”. Essas professoras demonstram, através das suas memórias suas contribuições na Escola Normal, o quanto amaram ser professora da escola normal. Deus abençoe!

Gratulo a Deus Luz do mundo pela Universidade Federal da Paraíba, UFPB, especialmente o campus III, Bananeiras/PB, ao curso de Pedagogia e ao departamento de Educação que me abriu as portas e me fez evoluir academicamente. Gratidão aos professores, alunos, colegas, funcionários por terem me proporcionado debates e embates que me fizeram crescer como professor, jovem, estudante e cristão. “O Senhor é o meu pastor; de nada terei falta”. (SALMOS 23:1)

Gratulo a Jeová/Javé² pela professora e amiga Dr^a Efigênia Maria da UFPB, Campus III, por ter acreditado em mim, me incentivando ao doutorado. Por sua alegria ao saber da minha aprovação no doutoramento do Proped, pelos diálogos através das ligações telefônicas e via *WhatsApp*, pelas palavras de fé e sabedoria que sempre transmitiu para mim, pela parceria de publicarmos nosso livro e outros trabalhos. Pelo apoio no decorrer do processo seletivo para professor assistente da Universidade Federal do Amapá. Gratidão a Deus por sua vida.

Gratulo a Jeová Nissi³ por minha amiga e irmã em Cristo Miriam Luís e seu esposo Luciano, pelo incentivo, apoio, encorajamento em sempre estarem do meu lado quando mais precisei, antes, durante e com certeza após o doutorado. Uma amiga verdadeira, em que sempre posso contar. Em Provérbios (17:17), algo semelhante: "O amigo ama em todos os momentos; é um irmão na adversidade". És

² “Eu sou”

³ "O Senhor é a minha Bandeira"

para mim uma amiga e irmã que guardo no meu coração, sempre que lembro de ti, vem uma frase que falaste uma vez para mim, e que guardo até a eternidade. Deus é contigo minha amiga, nunca esqueça que te quero muito bem.

Gratulo a Jeová Shamah⁴ pela vida desses amigos e amigas, Adriano Araújo, Edjane, Genilson Viana, Conceição, Michel, Flaviana e Leonora pelas conversas sinceras, amizade calorosa. Por Deus cuidar de nossas amizades, creio que em tudo Ele nos tem abençoado, vocês são referências em minha vida, mesmo professando fé diferentes, temos algo em comum o mesmo amor por Deus. Até aqui nos ajudou o Senhor!" (I SAMUEL 7.12)

Gratulo a Deus de toda a terra⁵ pelo Ministério Assembleia de Deus Ide e Apascentai, do município de Belém/PB, na pessoa do Pastor Manuel Messias e a sua esposa Irmã Marluce, o Diácono Isaias Santos e sua esposa, Irmã Débora, e a todos os irmãos e irmãs do ministério que me acolheram com tanto amor no dia 20 de *março de 2019*, quando na ocasião concordei em viver uma vida para Cristo. Tamanha foi a unidade dessa igreja, no acolhimento, no afeto, carinho, e acima de tudo nas orações, quantas madrugadas, eu e o pastor Messias oramos, nos montes adorando ao Senhor, tudo porque é para Deus, toda honra e gloria. Portanto, Dele, por Ele e para Ele são todas as coisas. A Ele seja a glória perpetuamente! Amém. (ROMANOS, 11.36)

Gratulo a Papai do céu, pela vida da amiga, irmã em Cristo, professora, e conselheira Maria José, ser humano único, pessoa de um coração lindo, uma alma pura e um ser completo de boas ações. Deus te guarde e proteja. Tua vitória é a minha e a minha vitória é a tua. Em Romano (8.31) diz, "Que diremos, pois, diante dessas coisas? Se Deus é por nós, quem será contra nós?" Gratidão por sua amizade, compreensão e acreditar em mim, Deus é contigo sempre!

Gratulo a Jesus Cristo pelo amigo e irmão Manuel Neto por sempre estar comigo, vivenciando os momentos difíceis e fáceis que a vida me proporcionou. Grato pela parceria de verdadeiros amigos no curso de Licenciatura em Ciências Biológicas/UFPB, pelos conselhos, diálogos e experiências partilhadas no decorrer de nossa vida acadêmica. Apesar de estarmos distantes atualmente, sempre tiramos um tempinho para nos comunicar e falar que Deus é lindo e as maravilhas que têm feito em nossas vidas. 2º Samuel (7.22) diz, "Quão grande és tu, ó Soberano Senhor! Não há ninguém como tu nem há outro Deus além de ti, conforme tudo o que sabemos".

⁴ "Deus está aqui"

⁵ Deus reconhecido como a maior autoridade que os hebreus foram ensinados a conhecer.

Gratulo a Deus Rei dos reis, Senhor dos Senhores, pela instituição Universidade Estadual da Paraíba/UEPB, em específico ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática – PPGECEM, pelo mestrado profissional Ensino de Ciências e Educação Matemática. À cada professor e professora, colegas e funcionários, muita paz. Em especial a minha orientadora do mestrado, Dr^a Zélia Maria de Arruda Santiago, que muito me ajudou, tornando assim uma professora, amiga, conselheira e irmã na fé. Que Deus abençoe abundantemente.

Gratulo a Deus Emanuel, "Deus Conosco", pela vida do amigo Rômulo Tonyathy por sua amizade, diálogo e experiências vividas durante e depois do mestrado. Que Deus o abençoe sempre. "Deem graças em todas as circunstâncias, pois esta é a vontade de Deus para vocês em Cristo Jesus". (I TESSALONICENSES 5:18)

Gratulo a Deus Messias, "o Cristo", pela vida do amigo Messias e sua esposa Cristiane, que estiveram do meu lado e sempre torceram (e torcem) por mim. Messias, um amigo que muitas vezes esteve presente nas minhas ansiedades e anseios, querendo que sempre conseguisse o melhor, uma vez ele me dizia "quero ter um amigo doutor e professor universitário". Agora, tens (risos). Deus te abençoe. Em Marcos (11:24), diz: "Por isso, vos digo que tudo o que pedirdes, orando, crede que o recebereis e tê-lo-eis".

Gratulo ao El Elyon⁶ por minha sobrinha (Hortência) que durante o processo de seleção do doutorado foi uma apoiadora, incentivadora, me estimulando a não perder o foco, me enviando mensagens por meio do *WhatsApp*, e atenta as etapas da seleção na fé de que tudo daria certo e teria o primeiro Doutor na Família. Deus te abençoes, te proteja e te guarde sempre!

Gratulo a Jeová Shalom⁷ por ter me presenteado com a professora e orientadora Lia Farias, por ser uma mulher compreensiva, amiga, professora, dedicada, simples, humana, pessoa que tenho pouco contato físico, mas, que tornei-me um admirador, por suas contribuições e atribuições para comigo. Uma mulher experiente, dedicada, mãe, esposa, avó, tantos atributos que, se pudesse, escreveria uma autobiografia em homenagem pelo caráter, humildade e, acima de tudo, fé em

⁶ "Deus Altíssimo"

⁷ "O Senhor é Paz"

um Deus que tudo pode. Em Tiago (1.3) diz, “Sabendo que a prova da vossa fé produz a paciência”. Obrigado, professora, por tudo.

Gratulo ao Deus de Abraão, Deus de Isaque, o Deus de Jacó⁸ pela instituição Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, em especial pelo Programa de Pós-graduação em Educação/Proped, que me acolheu no ano de 2020, fazendo parte de uma Instituição séria, compromissada com o ensino, pesquisa e extensão, abraçando centenas de jovens e adultos do Brasil e exterior em seus cursos de pós-graduação. Gratidão ao Senhor por me colocar em uma instituição que tem um excelente conceito pela capes no doutoramento em Educação; foi através desse programa de pós-graduação que pude conhecer docentes, colegas, dos quais nomeio aqui nomes de pessoas estimadas: professora Rosana Glat, as amigas Karyne e Alessandra, e o amigo Jorge, e a todos os colegas do grupo de pesquisa LER, Laboratório Educação e República. “Estou com você e cuidarei de você, aonde quer que vá; e eu o trarei de volta a esta terra. Não o deixarei enquanto não fizer o que lhe prometi” (GÊNESIS, 28.15)

Gratulo a El Olam⁹ aos meus irmãos e irmãs, Maria do Céus, José Enilson, Manoel Eronildo, José Hélio, Maria Gorete, Maria Ivoneide, José Ricardo, que mesmo não demonstrando, acredito que se sentem orgulhosos por eu concluir mais uma etapa na minha vida acadêmica. Que Deus cuide, abençoe e proteja cada um de vocês. Buscai ao Senhor enquanto se pode achar – (ISAÍAS 55.6)

Gratulo a El Roi¹⁰ aos meus sete sobrinhos e dez sobrinhas pela torcida durante o percurso do doutoramento, e aqui menciono a duas sobrinhas especiais, Jardele Feliciano e Kathleen Araújo, pelas trocas de conversas e debate reflexivo no percurso da escrita. Vocês são especiais, Deus abençoe, cada um/a realizando o desejo dos vossos corações. “Deleita-te no SENHOR, e Ele satisfará os desejos do teu coração”. (SAMUEL 37.4)

Gratulo a Deus a brilhante estrela da manhã pela vida do meu cunhado Romeu Araújo, pelo seu incentivo, apoio e carinho que tem por mim. Percebo sua alegria quando estou alegre. Através das minhas conquistas, vejo-o alegrando-se e testemunhando as maravilhas de Deus. Deus te abençoe cunhado. Em Romanos

⁸ Deus disse: “Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó.” (Êx. 3:6)

⁹ “Deus Eterno”

¹⁰ “o Deus que me vê”

(12.15), diz, “Alegrai-vos com os que se alegram; chorai com os que pranteiam”. Nessa sintonia, iremos caminhando e seguindo até o céu.

Gratulo a Deus Emanuel, "Deus Conosco", ao irmão Pedro e sua noiva Joana (País de Angola), pelas orações, pela amizade, pelo carinho. A você, meu irmão e amigo, quero tão somente dizer: Deus é contigo, obrigado pelas madrugadas de oração, pelas noites de clamor e por estar do meu lado quando mais precisei, Muitas das vezes, a resposta não vinha de perto, e sim distante, porque nosso Deus é onipresente, onisciente e onipotente e Ele nos uniu para juntos estamos nessa unidade, nosso “Deus é de poder e de glória”. Em provérbios (17.17), Diz que “Em todo o tempo ama o amigo e para a hora da angústia nasce o irmão”. Você é um grande amigo e irmão.

Gratulo ao Deus Zeloso¹¹ por todos os irmãos e irmãs em Cristo da Assembleia de Deus em Inhaúma, Ministério Conservador, em especial ao Pb. Aniel Barbosa, Pb. Jorge Biserra, Pb. Leandro Barbosa, Pr. Clemente, Pr. Miguel, Irmã Aparecida, Irmã Helena, Irmã Maria Roque, Irmã Léa, Irmã *Rosemary (esposa do irmão Edson)*. Ao Departamentos da União Feminina, as irmãs da Consagração, Departamento dos varões e Departamento da Mocidade pelas orações e intercessões, gratidão. Em 1 Tessalonicenses (5:17) diz, “Orai sem cessar”.

Gratulo a Jeová Jiré¹² por meu pastor João Pereira e sua esposa irmã Elza, pelas orações. Ambos sabiam que estudava e sempre foram pacíficos e compreensivos comigo, atribuindo palavras sábias e fervorosa, como diz a Bíblia: Há tempo para todas as coisas! “Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo o propósito debaixo do céu”. (ECLESIASTES 3:1). No propósito com Deus e ouvindo o exemplo do meu pastor, deu tudo certo.

Gratulo ao Senhor¹³ *in memória* do pastor João Ferreira, homem de Deus, coração simples, dedicado a obra do Senhor, viveu para Cristo, me acolheu com amor, me aconselhando, alegrando e orando, era um pai na fé, saudades. Em 2 Timóteo (4.7-8) diz, “Combati o bom combate, terminei a corrida, guardei a fé. Agora me está reservada a coroa da justiça, que o Senhor, justo Juiz, me dará naquele dia; e não somente a mim, mas também a todos os que amam a sua vinda”.

¹¹ Que Deus é zeloso e que nós seres humanos também sejamos zelosos.

¹² "Deus proverá"

¹³ Deus

Gratulo a Jeová Tsidikenu¹⁴ pelo meu amigo e irmão Pastor Melque e sua esposa irmã Viviane pelos momentos de amizade e incentivo, sempre me convidando a fazer um lanche, conversar um pouco, sorrir. Em 1 Tessalonicenses 5.16 diz, alegrem-se sempre e ambos me alegraram bastante em Cristo Jesus. Sempre amigos e acolhedores, me acolheram com carinho no aconchego do seu lar.

Gratulo a Deus de Israel, pela vida do irmão Marinho Paiva, por sua amizade, seu carinho e por sempre estarmos próximos nos momentos alegres e tristes. Amplas foram as atribulações, vencemos todas em Cristo Jesus, pois a palavra diz, "Mas em todas estas coisas somos mais que vencedores, por meio daquele que nos amou". (ROMANOS, 8.37). Irmão, que Deus te guarde e te abençoe sempre, és um irmão querido.

Gratulo a Deus Maravilhoso, Conselheiro, Deus Poderoso, Pai da Eternidade, pela irmã Lucilene, uma amiga que nos conhecemos em 2020 na igreja Assembleia de Deus em Inhaúma, Ministério Conservador, e o próprio Deus testemunhou essa amizade em Cristo. As conversas equivocadas e o julgamento não foram suficientes para nós afastarmos e tão pouco deixarmos o nosso Deus. No livro de Mateus, capítulo (11. 29-30), diz: "Tomem sobre vocês o meu jugo e aprendam de mim, pois sou manso e humilde de coração, e vocês encontrarão descanso para as suas almas. Pois o meu jugo é suave e o meu fardo é leve"

Gratulo a Senhor dos Exércitos¹⁵ pela vida das irmãs Liliane e Joziane, amigas que sempre estiveram presentes nesse tempo de Ministério Conservador, admiro-as e considero-as, que Deus abençoe, os guarde e os proteja sempre. "O Senhor te abençoe e te guarde; O Senhor faça resplandecer o seu rosto sobre ti, e tenha misericórdia de ti; O Senhor sobre ti levante o seu rosto e te dê a paz". (NÚMEROS 6.24-26)

Gratulo a Deus, O Cordeiro de Deus, pela vida do amigo Edilson, pela amizade que iniciou no dia da prova de didática do concurso da UNIFAP. Tornamo-nos amigos de boas conversas, sejam no âmbito espiritual ou acadêmico, sempre falamos em Deus que é maravilhoso. Edilson é um amigo, um pai, um esposo, um homem temente ao Senhor, e tem um coração gigantesco. Que Deus te guarde sempre, Deus tem muito a realizar em tua vida. Obrigado, pelas preocupações para comigo, perguntando como está a escrita e as leituras da tese, gratidão por tudo. Deus te abençoe sempre.

¹⁴ "Senhor, Justiça nossa"

¹⁵ nome de Deus no Antigo Testamento

“Perfume e incenso trazem alegria ao coração; do conselho sincero do homem nasce uma bela amizade”. (PROVÉRBIOS, 27.9)

Gratulo Jeová Rafá¹⁶ pela vida dos jovens e amigos, Matheus Leal (UESPI), Matheus Freire (UERJ) e Matheus Martins (UEPB), pela amizade, diálogos e troca de experiências. Ambos têm algo em comum além do nome, sabedoria e inteligência, longes da soberba e próximos da humildade. Em Provérbios (11.2) está escrito: “Vindo a soberba, virá também a afronta; mas com os humildes está a sabedoria”. Deus os guarde.

Gratulo a Deus Príncipe da paz pela vida dos examinadores desse trabalho, a prof.^a Dr^a Alexandra Lima da Silva da UERJ, o prof. Dr. Jorge Luiz da Cunha da UFSM, o prof. Dr. Lincoln de Araújo Santos da FEBF-UERJ, a prof.^a Dr^a Maria Angélica da Gama Cabral Coutinho da UFRRJ, a prof.^a Dr^a Maria Celi Chaves Vasconcellos da UERJ, e o prof. Dr. Waldeck Carneiro da Silva da UFF pela disponibilidade, carinho, e consideração em apreciar esse texto e trazer contribuições para o melhoramento deste trabalho. Deus o recompense com muito amor. Em 1 Tessalonicenses (5.18) diz, “Bendiga o Senhor a minha alma! Não esqueça nenhuma de suas bênçãos”!

Gratulo a Deus Alfa e Ômega – "Princípio e o fim" – a todos que direta ou indiretamente contribuíram com essa tese, orando, lendo, torcendo, acreditando, mas, em tudo e em todos gratulo a Deus, pois seria impossível realizar-se esse sonho sem a mão do Grande Eu Sou, a Deus seja dada toda Glória, por intermédio de Jesus Cristo, para todo o sempre. Amém! (ROMANOS 16.27)

Gratulo a Deus onipresente, onisciente e onipotente – pela vida da amiga, coordenadora e professora Kátia Lira, a professora Edmílson, a professora Dora e os alunos e alunas do curso de Pedagogia do Campus Binacional/Unifap, grato pela compreensão, carinho, e momentos descontraídos e pelas orações. Grato ao Senhor por cada vida que Ele me presenteou, como diz 1 Samuel (7.12) "Até aqui o Senhor nos ajudou" e Graças ao Senhor dos exércitos, tem nos sustentados.

Gratulo ao Eu Sou, o que Sou, – Em Êxodo (3:14) disse Deus a Moisés: "Eu Sou o que Sou. É isto que você dirá aos israelitas: Eu Sou me enviou a vocês", portanto gratulo ao Eu Sou, o que Sou, por tudo que tem me proporcionado, pela vida, pelas conquistas, vitórias, pela mamãe, pela força, por conseguido galgar degraus que aos meus olhos eram impossíveis, grato ao Eu Sou, o que Sou, por tudo que tem feito,

¹⁶ "Deus que sara"

gratidão é meu nome, sou servo do Grande Eu Sou, e a honra e glória é Dele, por essa conquista, conclusão do doutorado, e pela conquista professor efetivo da Unifap, principalmente pela cura da minha mãe, pelas bênçãos espirituais derramada sobre minha vida.

Menciono um louvo de Diante do Trono
"Te Agradeço" para dizer

Por tudo o que tens feito
Por tudo o que vais fazer
Por tuas promessas e tudo o que és
Eu quero te agradecer
Com todo o meu ser

Te agradeço, meu Senhor
Te agradeço, meu Senhor
Te agradeço, meu Senhor
Te agradeço, meu Senhor

Te agradeço por me libertar e salvar
Por ter morrido em meu lugar, te agradeço
Jesus, te agradeço
Eu te agradeço
Te agradeço

Por tudo o que tens feito
Por tudo o que vais fazer
Por tuas promessas e tudo o que és
Eu quero te agradecer
Com todo o meu ser

Te agradeço, meu Senhor
Te agradeço, meu Senhor
Te agradeço, meu Senhor
Te agradeço, meu Senhor

Te agradeço por me libertar e salvar
Por ter morrido em meu lugar te agradeço
Jesus, te agradeço
Eu te agradeço
Te agradeço

Te agradeço, meu Senhor
Te agradeço, meu Senhor
Te agradeço, meu Senhor
Te agradeço, meu Senhor

Te agradeço por me libertar e salvar
Por ter morrido em meu lugar te agradeço
Jesus, te agradeço
Eu te agradeço
Te agradeço

Te agradeço por me libertar e salvar
Por ter morrido em meu lugar te agradeço
Jesus, te agradeço
Eu te agradeço
Te agradeço
Te agradeço
Te agradeço.

Um “saber absoluto”, “uma verdade absoluta” não serve aos estudiosos sérios e dignos do nome; servem aos totalitários, tanto de direita como de esquerda, que, colocando-se como donos do saber e da verdade, procuram, por meio da explicação histórica, justificar a sua forma de poder.

Borges, 2017, p. 48

RESUMO

SILVA, Luiz Eduardo Paulino da. **Entre tempos, lembranças e narrativas: memórias e trajetórias das professoras egressas da Escola Normal em Bananeiras/PB (1983-2017)** 149 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2022.

Este estudo está vinculado à linha de pesquisa: Instituições, Práticas Educativas e História, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, e tem como foco uma pesquisa de abordagem historiográfica sustentada na investigação de aspectos das memórias e trajetórias de professoras egressas da Escola Normal, bem como suas reminiscências e inserção profissional em uma instituição de ensino público em Bananeiras/PB: o Curso de Formação de Professores Primários da Escola Normal Estadual Professor Pedro Augusto de Almeida. A pesquisa justifica-se por dar visibilidade à história de professoras veteranas da Escola Normal e às suas práticas de ensino, sobretudo no que diz respeito à formação docente para o ensino infantil e séries iniciais em Bananeiras e cidades circunvizinhas, no interior paraibano, onde estabeleceram experiências de vida em época longínqua. Como objetivo pretende-se analisar, por meio das memórias e da história oral, as narrativas dessas professoras sobre as práticas docentes, identificando diferentes discursos e subjetividades, dialogando com temáticas relevantes para a formação docente, uma vez que o ensino nas séries iniciais está atrelado à formação da Escola Normal. Para dialogar sobre memória buscou-se respaldo nos referenciais de Halbwachs (2013), Bosi (1994), Candau (2019), Nora (2011), Paul Ricœur (2007), Izquierdo (2011) e Le Goff (2013); assim como sobre história oral a pesquisa está amparada em Alberti (2013), Delgado (2010), Meihy e Seawright (2020). No que se refere às escritas de si, a referência é Silva (2019), enquanto para o tema formação docente foram considerados: Charlot (2013), Pimenta (1999), Nóvoa (2020) e Freire (2015). Procedeu-se ainda à pesquisa de trabalhos conclusivos (monografias, dissertação e tese) sobre memórias e trajetórias de professoras do ensino normal na cidade de Bananeiras/PB, no interesse de averiguar sua existência nesse campo de investigação, não tendo sido encontrado nenhum trabalho que versasse sobre essas narrativas. Entende-se que as memórias e trajetórias de professoras egressas cooperam na ressignificação do conhecimento, estimulando a inserção e o protagonismo social, por isso foi necessário acolhê-las, dialogando e refletindo sobre as práticas docentes atuais.

Palavras-chave: Memória. Trajetória. Professoras e Práticas de Aprendizagem.

ABSTRACT

SILVA, Luiz Eduardo Paulino da. **Through times, remembrances and narratives:** memories and trajectories of former teachers from the Normal School in Bananeiras/PB (1983-2017) 149 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2022.

This study is linked to the Institutions, Educational Practices and History line of research of the Education Post-Graduate Program of the State University of Rio de Janeiro, and its focus is a research with a historiographic approach supported by investigation of aspects of memories and trajectories of former teachers at the Normal School, as well as their reminiscences and professional placement in a public teaching institution in Bananeiras/PB: the Professor Pedro Augusto de Almeida State Normal School's Primary School Teachers' Training Course. This work is justified by giving visibility to the history of veteran professors of the Normal School and their teaching practices, especially on what concerns the training of teachers for children's education and the early grades in Bananeiras and nearby towns in the countryside of Paraíba, where they established life experiences in times long past. As a goal is the intent to analyze the narratives of those teachers about teaching practices, through memories and oral history, identifying different discourses and subjectivities, dialoguing with relevant themes for teachers' training, given that teaching for the early grades is linked to the training from the Normal School. For the dialogue about memory, backing was obtained in the references of Halbwachs (2013), Bosi (1994), Candau (2019), Nora (2011), Paul Ricœur (2007), Izquierdo (2011) and Le Goff (2013); and for oral history the study is supported by Alberti (2013), Delgado (2010), Meihy and Seawright (2020). On the written materials themselves, the reference is Silva (2019), while for the theme of teachers' training were considered: Charlot (2013), Pimenta (1999), Nóvoa (2020) and Freire (2015). It follows an extensive search for conclusive works (monographs, dissertations and theses) about memories and trajectories of Normal School teachers in the city of Bananeiras/PB, in the interest of ascertaining its existence in this field of investigation, which did not find any work that addressed such narratives. It finds that memories and trajectories of the former teachers cooperate for the re-signifying of knowledge, encouraging insertion and social protagonism, which is why it was necessary to accommodate them, dialoguing and reflecting on current teaching practices.

Keywords: Memory. Trajectory. Teachers and Learning Practices.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Mapa do estado da Paraíba, destacado o município de Bananeiras. ...	33
Figura 2 –	Cidade de Bananeiras, PB.	35
Figura 3 –	Colégio Agrícola Vidal de Negreiros, Bananeiras, PB.	36
Figura 4 –	Colégio Sagrado Coração de Jesus, Bananeiras/PB.	37
Figura 5 –	Grupo Escolar Municipal de Maniçoba, Bananeiras/PB.	39
Figura 6 –	Escola Normal Prof. “Pedro Augusto de Almeida”, Bananeiras/PB.	41
Figura 7 –	Primeira turma de alunos – Município de Belém/PB.	42
Figura 8 –	Turma do 3º ano do magistério.	43
Figura 9 –	Desfile Cívico (7 de setembro)	45
Figura 10 –	Estória em quadrinhos.	46
Figura 11 –	Grupo Escolar Xavier Júnior, Bananeiras, PB.	47
Figura 12 –	As professoras egressas da escola normal.	59
Figura 13 –	Localização da escola normal de Bananeiras, PB.	93
Figura 14 –	Parte da cidade, acesso para a escola normal.	94
Figura 15 –	Emblema da escola.	96
Figura 16 –	Desfile, 7 de setembro.	99
Figura 17 –	A escola normal antes da reforma.	100
Figura 18 –	A escola normal após a reforma.	101
Figura 19 –	Instituições que as professoras concluíram o ensino médio.	108
Figura 20 –	Parâmetros Curriculares Nacionais.	122
Figura 21 –	Desfile cívico – pelotão masculino da escola normal.	131
Figura 22 –	As professoras egressas da escola normal.	137

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 –	Narrativas da naturalidade das professoras egressas	65
Tabela 2 –	Lembranças de quando criança	68
Tabela 3 –	Narrativas sobre a fundação da escola normal de Bananeiras	91
Tabela 4 –	Narrativas das professoras sobre a escola.	94
Tabela 5 –	Comentário sobre a escola normal – atualmente.....	98
Tabela 6 –	Narrativas do percurso estudantil: Da infância ao ensino médio	106
Tabela 7 –	Narrando a formação superior	112
Tabela 8 –	Modelo/Fluxograma do Curso de Ciências Agrárias – Licenciatura.	113
Tabela 9 –	Narrativas como adentrou na escola normal.....	115
Tabela 10 –	Narrativas sobre as formações continuadas	121
Tabela 11 –	Narrativas sobre planejamentos, recursos, metodologias e outros.	125
Tabela 12 –	Narrativas sobre os eventos escolares	130
Tabela 13 –	Narrativa sobre um episódio marcante	134

SUMÁRIO

	A CONSTRUÇÃO DO OBJETO: PALAVRAS INTRODUTÓRIAS	19
1	MEMÓRIAS DA ESCOLA NORMAL PEDRO ALGUSTO DE ALMEIDA	86
1.1	Origem da Escola Normal Estadual Prof. Pedro Augusto de Almeida	90
1.2	A escola normal de hoje	99
2	NARRATIVAS QUE ANTECEDEM A DOCÊNCIA	103
2.1	Da infância ao ensino médio, narrativas do percurso estudantil	104
2.2	Superando os desafios, memória da formação superior	110
2.3	Narrativas docentes: ingresso na escola normal	114
3	MEMÓRIAS DAS PROFESSORAS: Diálogo e formação docente	119
3.1	As memórias da formação continuada e do ensino e aprendizagem. ...	120
3.2	Atividades docentes	124
3.3	Lembrança de ontem, narrando hoje – eventos escolares	128
3.4	Acontecimento marcante – memorável	132
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	138
	REFERÊNCIAS	142
	APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre Esclarecido - TCLE	148
	APÊNDICE B - Roteiro de entrevista – professoras	149

A CONSTRUÇÃO DO OBJETO: PALAVRAS INTRODUTÓRIAS

As memórias dos humanos e dos animais provêm das experiências. Por isso, é mais sensato falar em “memórias”, e não em “Memória”, já que há tantas memórias quanto experiências possíveis

Izquierdo, 2011, p. 20

Invoco Ivan Izquierdo para iniciar a exposição da tese, trazendo uma citação de seu livro *Memória*. Como expressou o autor, acumulamos tanto memórias quanto experiências ao longo da vida, e através das memórias e experiências vivenciadas começo esta escrita para trazer recordações e trajetórias à pesquisa de pós-graduação do Proped/UERJ.

Minha escolha pelo objeto de pesquisa no doutoramento iniciou quando concluí o curso de mestrado do PPGECEM/UEPB¹⁷, entretanto, desde as graduações em Pedagogia e Ciências Biológicas, ambas pela UFPB¹⁸, já pinçava artefatos da memória, no projeto de TCC¹⁹, referentes às temáticas educação ambiental e ecopedagogia na formação docente.

Porém, quando cursei a pós-graduação em nível de especialização em Educação de Jovens e Adultos, pela UFPB; Educação Ambiental, pela UFSM²⁰, e Educação e Novas Tecnologias, pela UEPB, desenvolvi produções sobre motivação, educação ambiental e letramento digital no contexto de formação de professores.

Mesmo observando as experiências das professoras em sua formação, como também historiando suas vivências e práticas, não analisei as narrativas sobre memórias docentes.

Apenas ao iniciar as observações no mestrado, com o projeto de pesquisa: *Inter-relação dos saberes da disciplina de Biologia com as do técnico em*

¹⁷ Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática da Universidade Estadual da Paraíba.

¹⁸ Universidade Federal da Paraíba.

¹⁹ Trabalho de Conclusão de Curso.

²⁰ Universidade Federal de Santa Maria.

agropecuária, no PROEJA²¹, com os estudantes do CAVN²², compreendi que o objeto se encaminhava para as memórias na formação de professor.

No entanto, não me enveredei para uma pesquisa em memórias, concluí o mestrado em 2017 com o objeto inicial, desapontado e desmotivado por ter abandonado as lacunas de investigação em memórias docentes.

Assim, faço alusão a Iván Izquierdo para elucidar as angústias deixadas para trás, na certeza de estar na direção certa, através do objeto desta tese.

Podemos afirmar, conforme Norberto Bobbio, que somos aquilo que recordamos, literalmente. Não podemos fazer aquilo que não sabemos, nem comunicar nada que desconhecemos, isto é, nada que não esteja na nossa memória. Também não estão a nossa disposição os conhecimentos inacessíveis, nem formam parte de nós episódios dos quais esquecemos ou os quais nunca atravessamos. O acervo de nossas memórias faz com que cada um de nós seja o que é: um indivíduo, um ser para o qual não existe outro idêntico (IZQUIERDO, 2011, p. 11, grifo do autor).

O autor me faz refletir como ser humano, nordestino, estudante, profissional, filho e cristão que precisa aprender para fazer e comunicar aquilo que investiga, pois tudo deve estar em minhas memórias. Freire (2015, p. 31) afirma que pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.

Nesse sentido, as alocações de professoras devem ser ouvidas e escritas, para não caírem no esquecimento, pois são mulheres, nordestinas, mães e donas de casa que, em suas trajetórias, trazem experiências e aprendizagens como indivíduos únicos, sem que haja outro idêntico.

Através desses apontamentos, ao concluir o mestrado, fiz uma autoanálise sobre minha trajetória acadêmica, procurando me identificar com um objeto de tese que me motivasse a prosseguir a pesquisa.

Após concluir o mestrado, em 2017, embarquei numa viagem de leituras em artigos científicos, monografias, dissertações e teses, assistindo a diversos vídeos com a temática memórias de professores, envolvendo as experiências e práticas docentes.

No ano de 2018, encontrei, através da rede social *Facebook*, o perfil da professora Maria Lúcia da Silva Nunes, que lidera o grupo de estudo e pesquisa

²¹ Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos.

²² Colégio Agrícola Vidal de Negreiros.

HISTEDBR-GT/PB²³, do PPGE²⁴/UFPB, e declarei meu interesse em participar dos encontros, sendo prontamente acolhido.

Naquele período pleiteamos várias leituras de textos relacionados às memórias de professoras que fossem mulheres negras, nordestinas e de outras categorias que são invisíveis na sociedade vigente.

Um dos livros debatidos que me avocou a atenção foi *A Normalista*, de Adolfo Caminha, que traz as memórias de uma jovem normalista que, após a morte da mãe e a viagem do pai para lugares longínquos em procura de melhorias, é deixada, ainda criança, aos cuidados do padrinho. A jovem Maria do Carmo enfrenta inúmeros desafios em uma sociedade machista, preconceituosa, capitalista e desigual, sendo, inclusive, abusada pelo padrinho, na adolescência. Caracterizada como uma moça simples, estudiosa e educada, carregava nas memórias as reminiscências de outrora, muitas vezes desejando a morte do que viver de tal maneira.

A partir dessa leitura, fiz alguns apontamos reflexivos e questionadores sobre a trajetória da jovem normalista e todo o contexto da obra. Nessa perspectiva, refleti acerca das normalistas, por terem uma trajetória de mulheres, estudantes e donas de casa que carregam consigo arquivos memoráveis que só o tempo fará desarquivar.

Dentro desse contexto, Caminha nos faz refletir, a partir da leitura, o quão aconchegante é a escola normal.

O edifício da Escola Normal, a um canto do quadrilátero, pintadinho de fresco, cinzento, com as janelas abertas à claridade forte do dia, tinha o aspecto alegre d'uma casa de noivos acabada de criar-se. Maria estava radiante! Que extraordinária alegria o infiltrava-se na alma, que excelente disposição moral! Acordara mais cedo que nos outros dias, como se tivesse de ir a alguma desta matinal, a algum passeio no campo, espanejando-se toda numa delícia incomensurável, feliz como uma ave que solta o primeiro voo (CAMINHA, 2007, p. 69).

A narrativa descreve os detalhes de instituição atemporal, como também apresenta o dia a dia de uma normalista, sua trajetória, suas amizades e paixões, ou seja, a verdadeira situação de moças que vivem seus encantos e cantos, em uma efervescência de horrores e amores, guardando tudo isso nas memórias.

A partir da leitura, refleti sobre o papel e a desvalorização na contemporaneidade das normalistas, que estudam de três a quatro anos com o objetivo da formação docente, do ser professora.

²³ Grupo de Estudos e Pesquisas História da Educação da Paraíba (HISTEDBR/GT-PB).

²⁴ Programa de Pós-Graduação em Educação.

No entanto, muitas dessas jovens mulheres e mães foram esquecidas no tempo e no espaço que ocuparam ao longo de sua vida.

Ao trazer a normalista no título da obra, o autor faz com que entendamos que são mulheres inseridas em uma sociedade que desvaloriza a formação feminina e o trabalho docente, é imprescindível dar fala a essa categoria tão subjugada em cenários como o que estamos vivenciando.

Portanto, meu interesse por memórias docentes não cessou, de forma que assumi uma incansável busca pela temática, principiando uma cooperação com professores e colegas acadêmicos de determinadas instituições públicas, quando elaboramos um projeto de escrita acadêmica a respeito da coletânea *Sementes da Educação*.

A ideação dos textos é a partir de temáticas sobre a educação em múltiplos campos, entre os quais norteamos uma parte para as memórias docentes. Em todos os três volumes escrevi sobre memória de professor.

Para o 1º volume, *Sementes da Educação* (2019), redigi o capítulo: *Memórias e Trajetórias de vida: o professor que superou limites*. Assim, parti de memórias da minha formação professoral, assinalando elementos de minha experiência e vivência ao longo de 22 anos de docência na escola básica, pública e particular.

No 2º volume, *Sementes da educação: Novos enredos, novos saberes e fazeres* (2019), abordo a *Biografia, História e Memória de uma professora aposentada, a evocação das lembranças na educação do campo*. Nele trago a trajetória de minha genitora, mulher, esposa, agricultora, mãe de doze filhos (oito vivos), professora com formação primária (4ª série), atualmente com 79 anos, honrada com sua aposentadoria pela profissão que abraçou.

Ainda nesse escrito, com as memórias que foram trazidas através das narrativas de Raimunda Paulino de Souza (Socorro), analiso o tripé de seu trabalho na escola do campo, posto que tenha atuado como merendeira, professora e gestora.

No 3º volume, *Sementes da educação: Voos, Vozes e Esperança* (2020), colaborei com o texto: *História de vida: Memórias e narrativas de uma professora da educação infantil*, em que escrevo sobre a narrativa da professora, mulher, negra, separada e mãe batalhadora, mesmo diante de uma sociedade preconceituosa.

No texto, aponto a trajetória da professora que foi alfabetizada por sua genitora em sua residência e só frequentou a escola a partir dos 9 anos. Contudo, concluiu dois cursos superiores em universidades públicas - Geografia (UEPB) e Pedagogia (UFPB) - e foi aprovada em concurso público no município de Passa e Fica, no Rio

Grande do Norte, para atuar como professora da educação infantil, nível de ensino pelo qual se diz encantada.

A partir das publicações, leituras e debates, marchei contagiado pelas memórias de mulheres professoras. Definitivamente estava definido o objeto de pesquisa para o projeto de doutoramento. Então, para determinar seu público-alvo e o *lócus* do estudo, refleti sobre minha trajetória de professor, evocando lembranças dos tempos da escola normal.

Assim, ajustei o meu objeto para as memórias de professoras egressas da escola normal, por terem, intrinsecamente, trajetórias impregnadas de experiências e aprendizados por lecionarem para inúmeras normalistas.

Candau (2019) faz com que reflitamos, a partir do livro *Memória e Identidade*, sobre o fato de que cada memória abrange diversos acontecimentos e que, a partir dela, carregamos as trajetórias individuais e coletivas por onde formos.

Cada memória é um museu de acontecimentos singulares aos quais está associado certo “nível de evocabilidade ou de memorabilidade. Eles são representados como marcos de uma trajetória individual ou coletiva que encontra sua lógica e sua coerência nessa demarcação. A lembrança da experiência individual resulta, assim, de um processo de seleção mnemônica e simbólica de certos fatos reais ou imaginários – qualificados de acontecimentos – que presidem a organização cognitiva da experiência temporal (CANDAU, 2019, p. 98).

A autora aponta para a compreensão de que carregamos memórias guardadas dos tempos remotos e que essas lembranças devem ser narradas por meio das experiências temporais que o sujeito evidencia.

Nessa perspectiva, as professoras que lecionaram na escola normal carregam consigo experiências, vivências e aprendizagens em seu percurso professoral, fazendo-se necessário dialogar com a formação docente vigente.

As experiências dessas professoras egressas da escola normal são relevantes, uma vez que suas práticas de ensino contribuíram para a formação de professores polivalentes do ensino público e particular da região do brejo paraibano, atendendo às demandas de formação teórica e prática dentro e fora da sala de aula.

Em meados de 2018, iniciei a escrita do projeto de tese e, em seguida, inscrevi-me para os processos seletivos de 2020 em algumas instituições públicas que apresentassem doutoramento em Educação, com a linha de pesquisa História da Educação, ou similar.

Para a honra do Senhor e meu contentamento, fui aprovado no Proped/UERJ, com o projeto *O Ensino Normal do meu tempo no seu tempo: memórias escolares relatadas entre gerações*, na linha de pesquisa: Instituições, Práticas Educativas e

História, e presenteado com a orientadora professora doutora Lia Ciomar Macedo de Faria, para quem oferto um poema.

Ser humano único,
professora, amiga, mãe, filha...
Amável e simples
são qualidades dessa mulher,

Lia Ciomar,
que Deus me presenteou
com tamanha fé.

Mulher aguerrida, ajudadora,
de coração acolhedor.
Posso narrar, sem errar,
que Lia Ciomar tem muito amor.

Os títulos não superam seu valor.
Sua força, seu braço e seu sorriso
são merecedores de tudo que conquistou.

Sua trajetória é exemplo para mim.
Suas vivências e experiências
me fazem entender
que não foi por acaso que a conheci,
teve um propósito que, hoje, compreendi.

Ser orientando dessa mulher
é não saber explicar,
só glorifico ao Senhor,
que me deu esse presente
de grande valor.

Obrigado, professora,
por sua compreensão,
sua amizade, sua gratidão.

Mesmo na pandemia, de mim cuidou,
sofreu minhas dores
e com minhas conquistas se alegrou.

Só tenho a agradecer, de todo o coração,
e pedir ao Senhor
que a proteja, abençoe e guarde
com a sua poderosa mão.
(SILVA, 2022)

O *lócus* inicial da pesquisa seria a Escola Estadual Carmela Dutra, localizada no bairro de Madureira, no Rio de Janeiro, escolhida como campo de investigação por estar na mesma cidade em que cursei o doutorado.

No entanto, ao iniciarem as aulas do Proped/UERJ, iniciou também a pandemia da Covid-19²⁵, doença infecciosa causada pelo coronavírus e descoberta em dezembro de 2019. Esse novo vírus, chamado SARS-Cov-2²⁶, era desconhecido antes do início do surto em Wuhan, na China.

Assim, as aulas foram iniciadas remotamente, e os encontros presenciais foram deixados para um momento incerto. A partir da leitura das disciplinas e de conversas com alguns colegas e com a orientadora, senti o desejo de modificar o *locus* da tese, uma vez que a Escola Normal Carmela Dutra é campo de investigação de vários pesquisadores da história da educação na cidade do Rio de Janeiro. Dessa forma, enveredei na investigação das memórias de professoras egressas da Escola Normal Estadual Professor Pedro Augusto de Almeida, no município de Bananeiras, no estado da Paraíba.

Devido ao surgimento global da Covid-19, decidi desenvolver a pesquisa dos sujeitos pelas redes sociais, como *Facebook*, *WhatsApp*, *Google Meet* e *Google Academics*.

Principiei uma pesquisa no *Google Acadêmico* e nos portais da UEPB e da UFPB sobre teses, dissertações e artigos que versassem sobre memórias das professoras egressas da escola normal em Bananeiras/PB e não me deparei com nenhum trabalho escrito sobre as docentes que lecionaram por décadas na instituição onde se formaram inúmeras normalistas.

Encontrei alguns trabalhos monográficos e dissertações sobre a instituição, referentes à evasão escolar e ao projeto político pedagógico, mas sobre as reminiscências de professoras egressas da Escola Normal de Bananeiras, salvo melhor juízo, não existe nenhum escrito.

Contudo, meu interesse em fazer um levantamento sobre a temática vai ao encontro do que alguns autores denominam “estado da arte”, como bem escreve Romanowski e Ens, (2006, p. 3): “O interesse por pesquisas que abordam “estado da arte” deriva da abrangência desses estudos para apontar caminhos que vêm sendo tomados e aspectos que são abordados em detrimento de outros.”

²⁵ A Covid-19 é uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus - SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/>. Acessado em 19 de abril de 2022.

²⁶ O SARS-CoV-2 é um betacoronavírus descoberto em amostras de lavado broncoalveolar obtidas de pacientes com pneumonia de causa desconhecida na cidade de Wuhan, província de Hubei, China, em dezembro de 2019. Pertence ao subgênero Sarbecovírus da família Coronaviridae e é o sétimo coronavírus conhecido a infectar seres humanos. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/>. Acessado em 19 de abril de 2022.

Nessa perspectiva, enveredei-me por leituras no campo da memória para informar ao leitor sobre as pesquisas realizadas na instituição normal de Bananeiras/PB, “embora recentes, os estudos de “estado da arte” que objetivam a sistematização da produção numa determinada área do conhecimento [...]” (ROMANOWSKI e ENS, 2006, p. 4), investigo memórias de professoras, área ainda pouco explorada em nossos dias.

Todavia, pretendo contribuir na pesquisa a partir da teoria e prática, como bem afirma Romanowski e Ens, (2006, p. 5): “em um estado da arte está presente a possibilidade de contribuir com a teoria e prática” de uma área do conhecimento. Sendo teoria e prática indissociável, contribuindo com o campo científico.

Portanto, resgatar as memórias das professoras egressas é uma amostra do quanto a profissão docente vem sendo objeto renovador e de interesse dos pesquisadores em educação, sobretudo a partir dos anos 90 do século XX. Daí surge o interesse em desenvolver estudos no campo multidisciplinar na perspectiva do ser professor (MATOS, 2016, p. 63)

Nessa perspectiva embarquei na pesquisa da temática em discussão por perceber que é necessário evidenciar narrativas de mulheres, professoras, mães, dona de casa, que contribuíram de forma abundante no ensino do magistério.

As questões que nortearam as perguntas para a entrevista surgiram antes do contato com as professoras, uma vez que eu precisaria entender o percurso de suas trajetórias. De forma que elas foram elaboradas a partir do tipo de entrevista que escolhi como metodologia que privilegiasse o diálogo com os pares. Entre tantas indaguei quais memórias de infância elas trazem sobre ser professora; quais caminhos percorreram para que se tornarem professoras; o que as incentivou a lecionar na escola normal; e quais as práticas de ensino e metodologias que aplicavam na época.

Nomeei quatro professoras egressas da escola normal como sujeitos da pesquisa, por ser uma quantidade suficiente, dialogando com autores que lidam com as memórias e com a formação de professores.

Iniciei a investigação procurando os sujeitos da pesquisa, ou seja, as professoras egressas da escola normal do município de Bananeiras/PB.

Por ser um período atípico, de isolamento, e por estar na cidade do Rio de Janeiro com minha mãe, mulher idosa e que depende de mim, não foi possível viajar à Paraíba em busca de elementos para a pesquisa.

Principiei, então, uma busca pelo *Facebook* e deparei-me com a professora Vilma de Lourdes Silva Lemos, para quem enviei uma mensagem cordial.

Prontamente ela me respondeu, fornecendo-me seu contato no *WhatsApp*, aplicativo pelo qual tivemos nossa primeira conversa.

A professora, que também já foi gestora da escola normal, fez menção ao orgulho de saber que eu estava cursando o doutorado em Educação, na UERJ, e, bem disponível e sábia, prontamente se prontificou em participar da pesquisa, esclarecendo algumas dúvidas prévias, para que eu tivesse ciência do ensino normal e assim elaborar o plano de perguntas que pormenoriza a metodologia deste trabalho.

Marcamos nossa primeira entrevista oficial pelo *Google Meet*, que aconteceu no dia 25 de junho de 2021. No entanto, era preciso ainda encontrar as outras professoras e completar os sujeitos da pesquisa.

Por meio da professora Vilma, consegui o contato da professora Claudia Michelino Targino de Souza, fiz contato com ela pelo *Facebook* e depois via *WhatsApp*. Tendo ela se prontificado a participar da pesquisa, foi entrevistada através da ferramenta *Google Meet*, no dia 17 de julho de 2021.

A professora Cláudia me passou o contato da professora Francillanes Rodrigues Cordeiro do Nascimento, que também se disponibilizou para a entrevista, que ocorreu no dia 22 de julho de 2021.

Ainda restava a última entrevistada, porém nenhuma das professoras entrevistadas tinha o contato dela. Conversando com uma amiga do tempo da graduação, ela me passou o número do telefone do filho da professora Maria Goretti da Silva Cunegundes, entrei em contato com ele, que fez o elo de comunicação entre mim e sua mãe, e marcamos a entrevista para o dia 09 de agosto de 2021.

Esta não é uma tese de cunho institucional, traçando a história da Escola Normal de Bananeiras e tampouco do ensino normal da Paraíba. Trata-se de narrativas de professora egressas que trazem nas memórias as experiências de suas práticas educativas enquanto docentes do ensino normal.

A importância deste estudo é por dar visibilidade e voz às mulheres aguerridas, professoras do ensino normal que preparavam os alunos para o magistério com práticas de ensino apropriadas à época.

Continuando a pesquisa, tive acesso, através da secretaria da escola, via rede social *WhatsApp* e por *e-mail*, ao projeto político pedagógico da Escola Normal de Bananeiras, bem como de seu regimento interno, e pude fazer uma leitura minuciosa com a intenção de compreender um pouco da história da instituição e de como era regida, dialogando com as narrativas das professoras por meio das fontes existenciais.

Diante de todo esse conteúdo, pude passar à análise das práticas docentes dessas professoras egressas do ensino do magistério no curso normal em Bananeiras/PB.

O recorte temporal em questão inicia-se no ano de inauguração da Escola Normal, 1984, e vai até o final do período em que as professoras se ausentaram dela, momento em que trilharam outros percursos, na aposentadoria ou em outras instituições.

Esses desígnios auxiliaram-nos no registro das memórias das práticas docentes das egressas professoras e permitiram que “as experiências, vivências e aprendizagem, individuais e coletivas, reingresse na história” (BURKE, 2008, p. 61).

Dessa forma, o objetivo que orientou este estudo foi analisar, por meio das memórias, as narrativas das professoras egressas da Escola Normal, em Bananeiras/PB, sobre as práticas docentes, identificando diferentes discursos e subjetividades. Para sua consolidação, elenquei outros objetivos:

- a) identificar o papel das professoras egressas da escola normal enquanto protagonistas de sua formação professoral;
- b) registrar as experiências mais significativas das professoras egressas da escola normal e as memórias presentes na formação do magistério, valorizando suas narrativas;
- c) refletir, com base nas histórias de vida, sobre os principais anseios, desafios e possibilidades educacionais que o ensino normal possa ter contribuído na formação das normalistas;
- d) incentivar que os registros dessas memórias sejam publicados e contribuam para o enriquecimento da história da educação.
- e) Na organização deste estudo, o texto encontra-se sistematizado em quatro capítulos.

O primeiro capítulo aborda como se deu o processo de aproximação com o objeto de estudo, apontando elementos da memória como o norte da pesquisa e utilizando a história oral como fonte historiográfica.

O segundo capítulo faz uma breve discussão acerca das facetas e da memória da Escola Normal, instituição de Bananeiras, desde quando tudo começou percorrendo o percurso de uma escola que era projetada para gerações.

No terceiro capítulo, discorro sobre as narrativas que antecedem a docência, naturalidade, trajetória e aprendizado.

E no quarto capítulo registram-se as memórias das educadoras, o diálogo e a formação docente, práticas, metodologias e experiências no ensino normal.

Por fim, escrevo as considerações finais e as referências bibliográficas, inserindo nos apêndices o texto: o Termo de Consentimento Livre e Esclarecedor (TCLE) e o roteiro da entrevista.

Destarte, com este trabalho objetivo contribuir com os estudos que estão sendo desenvolvidos na linha de pesquisa Instituições, Práticas Educativas e História, acerca das práticas docentes de professoras paraibanas, anotando suas histórias a partir de suas memórias e contribuindo ao mesmo tempo para a escrita da história da educação local.

Através das memórias, as ex-professoras da Escola Normal Professor Pedro Augusto de Almeida trazem relatos significativos do seu trabalho na educação local e regional.

Nessa perspectiva, as egressas descrevem, através das suas narrativas, o formato do ensino normal no período em que lecionaram na instituição, elencando saberes docentes em uma formação voltada para as séries iniciais do ensino básico.

Trazer as memórias das egressas na tese do doutoramento é dar visibilidade às educadoras cujas trajetórias muito contribuíram na vida de centenas de alunas e alunos normalistas, que posteriormente ingressaram em escolas públicas e privadas, por meio de concurso ou contrato temporário.

No que se refere ao aporte teórico, discuto com autores clássicos e atuais a partir de temáticas pertinentes à discussão da tese, a exemplo de argumentos sobre memória, respaldados nos referenciais de Halbwachs (2013), Bosi (1994), Candau (2019), Nora (2011), Paul Ricœur (2007), Izquierdo (2011) e Le Goff (2013).

No tocante aos teóricos da memória, discorro a partir das ideias coletivas quantos individuais, dialogando com os sujeitos da pesquisa, as egressas professoras, e reflito sobre a exegese da memória em uma chave teoricamente plácido no intuito de pensar a memória como inacabada, flexível e porque não dizer complexa, que constitui indagações para outros questionamentos.

Para defender a história oral, busco o apoio de autores como Alberti (2013), Delgado (2010) e Meihy e Seawright (2020). No que concerne as leituras sobre a história oral, abordo-a como fonte historiográfica, apontando conceitos e buscando a compreensão a partir dos elementos que compõe a investigação, como entrevistas, questionários, gravações e outros.

Sobre a escrita de si, trago Silva (2019), que aborda narrativas a partir da escrita que percorre em sua trajetória e com os pares, evidenciando momentos memoráveis, fazendo resgates históricos tanto a partir de suas trajetórias quanto de

suas histórias de mulheres professoras, negras, domésticas, que narram com proeza sobre suas trajetórias.

No que diz respeito à formação docente, me amparo em Charlot (2013), Pimenta (2005), Nóvoa (2017) e Freire (2015), que apontam sobre a formação docente, o ser professor numa perspectiva construtivista, dando abertura para outras reflexões a partir das que investigam e discutem na sociedade. Ainda esses autores contribuem de forma significativa no que diz respeito as teorias e práticas docentes a partir de experiências vividas e pesquisadas norteando sobretudo o professor a conhecer-se, e conhecer a partir do diálogo, de questionamentos e da autoavaliação.

Para evocar o desconhecido, como diz Izquierdo (2011) em seu livro *Memória*, busco respaldo teórico em teses e dissertações, bem como em artigos científicos sobre a temática. Teoricamente, a memória remete à lembrança e através dela o indivíduo recorda momentos que vivenciou.

Por meio das vivências escolares das egressas professoras, provooco o diálogo com a formação docente, referenciando a eficácia para a inserção do educador em tempos atuais, sem me distanciar das práticas tradicionais.

Escrita de si: lugar de fala e aproximação com o objeto de estudo

Escrevo um poema de minha lavra, indo ao encontro daquilo que Chaunu (1989, p. 63) expressou: “até onde remontam as minhas lembranças, encontro-me fascinado pela memória”.

Através dessas memórias, estreio esta escrita para elucidar a minha aproximação com o objeto da tese a que me propus discorrer nessas linhas colossais.

O afogamento

Manhã ensolarada,
o pai e a mãe saíram para trabalhar.
Cinco crianças sentadas no quintal da casa,
três resolveram brincar,
brincar de cobra-cega.

Para isso, precisariam de um irmão para vender.
Colocaram um saco de nylon
na cabeça de um deles,
envolveram todo o corpo
e giraram algumas vezes
para atônito ficar.

Correram para se esconder.
O irmão, coberto pelo saco, começou a procurar,
seguiu outro destino
em um açude cheio de água
foi se afogar.

Ao entrar na água,
o saco começou a boiar
impedindo o afogamento
e de água ingerir.

As irmãs ouviram o barulho
e uma delas perguntou:
“onde está nosso irmão?”,
e um dos meninos gritou:
“morreu”!

Correram para a cabeceira do açude
e começaram a gritar.
Os vizinhos no roçado, ouvindo os gritos,
falaram: “não vamos lá,
o garoto caiu no açude
e morto deve estar”.

Algum tempo se passou,
ninguém sabe explicar,
apareceu outro irmão
que não estava por lá
e não pensou duas vezes,
no açude se atirou,
salvando seu irmão com todo vigor.

Todos contemplaram
o milagre do Senhor,
livramento de morte
e bênçãos do Criador.

O garoto cresceu,
um jovem se tornou,
passou por provas,
mas Deus sempre o guardou.

Já adulto vivenciou a dor da angústia e solidão.
Clamou a Deus, de todo seu coração.
Deus resolveu dar um basta
naquela situação,
livrando-o das amarras do suicídio e recessão.

Deus, por sua bondade, com o jovem falou,
afirmando contemplar a sua dor.

O jovem, em lágrimas, começou a chorar
e com Deus fez um voto de somente O adorar.

Deus, com sua misericórdia
e com o seu amor,
repreendeu o mal e a paz ordenou
na vida desse jovem que
é servo do Senhor.
(SILVA, 2021)

Grafo esse poema como recordação de um episódio real, que me aconteceu há 38 anos. Entre tempos, lembranças e narrativas, descrevo minha aproximação com o objeto de estudo, elencando momentos vivenciados.

Alguns historiadores descrevem a escrita de si como uma metodologia de relevância que atualmente envolve o meio acadêmico.

A escrita de si é delineada como narrativas de si, e Araújo (2011) compreende o narrador como a primeira pessoa a se reconhecer, podendo ser autobiográfico. Por outro lado, autores clássicos, como Pierre Nora et al (1989), indicam a construção do gênero e a ego-história, em que o historiador busca ser narrador dele mesmo. Sobre o assunto, Bakhtin (1997, p. 166, apud SOUSA, ASSIS e NOGUEIRA, 2016, p. 56) diz:

[...] por sua vez, afirma acerca da escrita de si que o “[...] valor biográfico pode organizar não só a narração sobre a vida do outro, mas também o vivenciamento da própria vida e a narração sobre a minha própria vida, pode ser forma de conscientização, visão e enunciação da minha própria vida”.

Assim, quando decorro sobre as experiências e vivências por meio das narrativas, apresento a história de vida, seja a minha ou de outros sujeitos, sempre norteando a trajetória passada suscitada no presente. Nesse sentido, Ribeiro e Ribeiro (2021, p. 278) afirmam que a compreensão das histórias de vida e a utilização da abordagem narrativa, que é a maneira pela qual se (re)contam e (re)memoram experiências significativas e sua relação com o passado, presente ou futuro.

O passado é o presente que estamos, e o futuro será o presente que estaremos, ou seja, a história sempre está presente por meio de suas narrativas, seja escrita de si, biografia, autobiografia, todas serão leituras reflexivas de experiências vivenciada de um presente. Assim, como apresenta Souza e Vanzuita (2022, p. 41),

[...] a leitura de mundo que pretendemos interpretar a partir da apresentação das narrativas reflexivas que se dão sequência, revelam-nos, entre outras questões, a arte dinâmica da reinvenção das experiências vividas a partir do presente e, por conseguinte, a possibilidade de agir no agora e criar memórias de futuro.

A partir da citação compreendemos que o agir de agora cria memórias para o futuro, que será o presente de outras gerações. Por meio das experiências vividas nos tornamos um sujeito histórico e social. “As experiências que vivemos acontecem nos mundos históricos e sociais aos quais pertencemos e trazem, portanto, a marca das épocas, dos meios, dos ambientes nos quais nós as vivemos” (DELORY-MOMBERGER, 2016, p. 137).

É pertinente compreendermos que, na escrita de si, o narrador descreve as narrativas a de uma biografia, consideração além da história de vida, ou história pessoal, mas abordando experiências vividas a partir dos espaços que vive e vivenciou. Por isso, “o *biográfico* não é apenas um espaço de mediação e de

articulação entre o individual e o social: ele é simultaneamente o lugar de uma instituição do indivíduo e de uma realização social, no âmbito da sua produção recíproca. (DELORY-MOMBERGER, 2016, p. 141)

O autor aponta a importância de uma biografia da escrita de si, envolvendo a instituição que o sujeito estudou, trabalhou, vivenciou a partir de sua formação, e profissão, nessa perspectiva, as professoras egressas trazem essas narrativas, apontando suas experiências na escola normal.

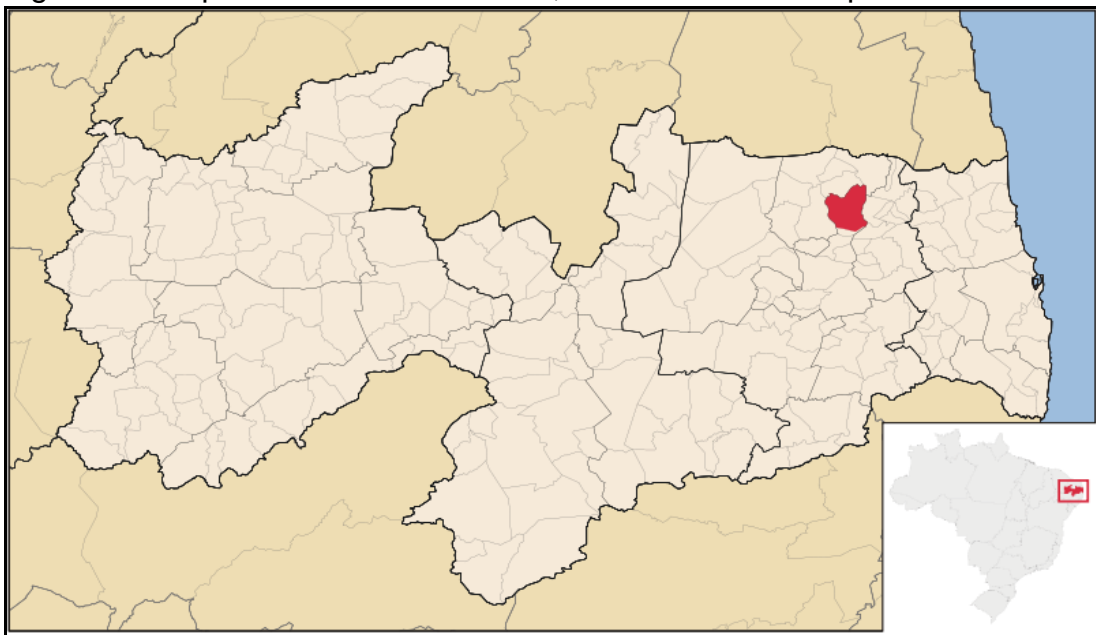
Não sou historiador nato, mas sou deslumbrado pela história de vida e, como Chaunu (1989), fascinado por memórias, e por essas vibrações percorro numa viagem as lembranças de outrora.

Historiarei momentos afáveis, mas certamente surgirão situações desalegres que aconteceram na trajetória da vida.

Sou brasileiro, nordestino arretado, paraibano, filho de agricultor, de professora primária, brioso de um povo lutador. Minhas raízes vêm da roça, lugar de sujeitos esforçados e labutadores; homens e mulheres persistentes, lidadores, resistentes e fascinados pela vida e bem acolhedores (SILVA, p. 10, 2020).

Exórdio a me expor, sou paraibano, nasci na cidade de Bananeiras, a 141 Km de João Pessoa, capital paraibana alicerçada por belas praias, a exemplo de Cabo Branco, Tambaú, Areia Vermelha, Tambaba, Coqueirinho e outras.

Figura 1 – Mapa do estado da Paraíba, destacado o município de Bananeiras.



Fonte: Acervo Google imagem, 2022.

Paraíba é terra de músicos, poetas, literatos, artistas e compositores, a exemplo de Ariano Suassuna, Elba Ramalho, Lucy Alves, Marília Arnaud, Mayana Neiva, Rachel Sheherazade, Roberta Miranda, Tânia Alves, Walkyria Santos, Zé Ramalho, entre outros personagens que contribuem e contribuíram com seus labores.

O estado da Paraíba abriga o ponto mais oriental das Américas, é onde o sol nasce primeiro. João Pessoa, a capital paraibana, já levou o título de cidade mais verde do Brasil e segunda do mundo e é considerada uma das capitais mais antigas do país.

João Pessoa tem característica de interior, a afetuosidade de seu povo acolhedor, paisagens encantadoras e uma comida típica diferenciada de qualquer outro recanto do país. No entanto, só conheci a capital paraibana com meus 15 anos.

Mimoseio essa escrita para que adiante o leitor compreenda a justificativa que utilizei para priorizar o objeto da tese e, quiçá, conheça minha origem através da trajetória de vida que trilhei.

Nessa concepção, concordo com Araújo (2011) quando afirma que a escrita de si abrange uma organização de ideias que abarca as experiências e vivências cotidianas.

A narrativa do eu, é uma tentativa de recuperar e fixar a imagem sempre dispersa, de um eu coeso, uno, constante. No caso das sociedades contemporâneas, a escrita de si sinaliza para uma tentativa de organização do eu pós-moderno, descentrado, fragmentado, cujas identidades múltiplas giram ao redor de um núcleo caótico e mutante. E, além disso, ela busca também registrar a experiência fugaz do cotidiano (ARAÚJO, 2011, p. 20).

A partir dessa racionalidade, adentro momentos memoráveis da minha trajetória, e vêm na lembrança a saudade e a tristeza daquilo que prezaria esquecer ou que, talvez, pudesse permanecer para toda a vida.

Para Candau (2019, p. 17), [...] “sem lembranças, o sujeito é aniquilado. É através das reminiscências que carregamos nossas trajetórias”, e, segundo Izquierdo (2011, p. 22), “a memória também é esquecimento, sem a qual o convívio entre os membros de qualquer espécie animal, inclusive os humanos seria impossível”.

Como a memória se remete também a esquecimentos, suportamos a vida em uma leveza transcendental, uma vez que acontecimentos que nos ocasionam marcas dolorosas são esquecidos ao longo do tempo e do espaço que percorremos.

Relembro a primeira vez que conheci a capital paraibana, ainda em minha adolescência. Esse privilégio sucedeu devido a alguns irmãos terem saído de casa,

ainda jovens, para trabalhar nas lavouras de latifundiários, na redondeza da capital, para ajudar no sustento da família.

Em uma dessas saídas, um dos meus irmãos casou-se com uma jovem e foram residir em um quarto nos fundos do quintal de um casal conhecido da moça, no bairro de Monsenhor Magno, em João Pessoa.

Por residir nesse aposento, convidavam-nos para visitá-los periodicamente. Por meio deles, conheci alguns pontos turísticos da capital: as praias, o Zoológico da Bica (Parque Zoobotânico Arruda Câmara), shoppings, o centro da cidade, cenários que me encantavam.

Esses momentos me fazem lembrar o quanto galguei para alcançar os meus objetivos.

Nasci na cidade de Bananeiras, interior paraibano, precisamente no Hospital Municipal Dr. Clovis Bezerra Cavalcanti, no dia 02 de novembro de 1978, às 18h. Jamais residi na cidade em que nasci, a maior parte da infância e adolescência vivi na zona rural do município de Bananeiras, e na minha juventude e fase adulta passei a residir na cidade de Belém, município fronteiro com Bananeiras.

Figura 2 – Cidade de Bananeiras, PB.



Fonte: Acervo Google imagem, 2022.

Bananeiras é um dos 223 municípios paraibanos, uma cidade histórica de 142 anos, com uma população de aproximadamente 22 mil habitantes (IBGE²⁷/2010), altitude de 526 metros e clima mais ameno que a média do agreste paraibano. Por englobar-se na unidade geoambiental do Planalto da Borborema, proporciona relevo movimentado, com vales profundos e estreitos dissecados.

²⁷ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Na cidade de Bananeiras estão instaladas instituições de ensino que servem como ponto de referência para os municípios circunvizinhos, como Araruna, Arara, Belém, Borborema, Cacimba de Dentro, Dona Inês, Pirpirituba, Tacima, Solânea, e de outros estados, como Rio Grande do Norte, Pernambuco e Ceará.

A cidade abriga o Colégio Agrícola Vidal de Negreiros (CAVN), historicamente fundado em 1924, que oferece ensino técnico em agropecuária, agroindústria, aquicultura, nutrição dialética, paisagismo, laboratório de ciências da natureza e informática²⁸.

Figura 3 – Colégio Agrícola Vidal de Negreiros, Bananeiras, PB.



Fonte: Acervo Google imagem, 2022.

O CCHSA²⁹ é uma unidade da UFPB, Campus III, localizado na cidade de Bananeiras, possibilitando o ensino em nível de graduação e de pós-graduação, priorizando as áreas de agricultura, pecuária, agroindústria, gestão e educação³⁰.

Os cursos de graduação oferecidos pelo centro são: bacharelado em Administração, licenciatura em Ciências Agrárias (presencial e EAD), bacharelado em Agroindústria, bacharelado em Agroecologia e licenciatura em Pedagogia. O centro também oferta especialização em educação profissional integrada à educação básica, na modalidade de jovens e adultos, e especialização em Agroecologia.

O município de Bananeiras dispõe também de ensino para a educação infantil e ensino fundamental, nas séries iniciais e finais, nos órgãos municipais, estaduais,

²⁸ Informações encontradas no site: <http://www.cavn.ufpb.br/>. Acessado em 17 de janeiro de 2022.

²⁹ Centro de Ciências Humanas, Sociais e Agrárias/Campus III da Universidade Federal da Paraíba

³⁰ Informações encontradas no site: <https://www.ufpb.br/ufpb/contents/galeria-de-fotos/campus-iii-da-ufpb-bananeiras-pb>. Acessado dia 17 de janeiro de 2022.

filantrópicos e particulares. O ensino médio é oferecido pelo órgão estadual e por instituições privadas.

A cidade de Bananeiras/PB foi uma das pioneiras a ser sede de uma instituição normal, a exemplo do Colégio Sagrado Coração de Jesus, que por muitos anos foi chamada de Escola Normal pela burguesia local e regional. Trindade (2017, p. 11) diz que a instituição era conhecida mais popularmente pelos habitantes da cidade como Colégio das Dorotéias e foi fundada em 02 de fevereiro de 1918, dedicada exclusivamente ao sexo feminino.

Figura 4 - Colégio Sagrado Coração de Jesus, Bananeiras/PB



Fonte: Acervo Google imagem, 2022. *Ilustrações adaptadas*

Contudo, a escola esteve ativa na região por algumas décadas.

O Colégio Sagrado Coração de Jesus surge a partir da iniciativa das famílias mais abastadas da cidade de Bananeiras na época, intituladas como “Rocha, Coutinho, Anísio Maia e Bezerra Cavalcanti” (Histórico. Arquivo da Instituição, Guarabira, s.n.t.). Surge em Bananeiras em 1918, numa época de muitas transformações vivenciadas pela cidade, privilegiada com um clima tropical e em determinadas épocas do ano com uma temperatura baixa, típicas de regiões serranas (TRINDADE, 2017, p. 26).

O colégio, por sua vez, também se preocupava com o lado social, ou seja, concedia bolsas de estudo para alunas de poucas condições. Trindade (2017) ainda revela que a Escola Normal era particular e confessional, com regime de internato, e com esse ofertava ensino às suas alunas, com o domínio da Igreja Católica.

No ano de 1975, quando a escola fechou as portas por escassez de verbas, a instituição passou a ser liderada pelo estado e foi transformada em Grupo Escolar José Rocha Sobrinho, com as modalidades de ensino científico e ensino normal conjuntamente.

A partir de 1984, foi inaugurada a Escola Normal Estadual Professor Pedro Augusto de Almeida, instituição de nível regional, oferecendo exclusivamente o ensino do magistério para, em sua maioria, estudantes femininas dos municípios de Arara, Bananeiras, Belém, Borborema, Casserengue, Serraria e Solânea.

Como conheci a Escola Normal?

Uma amiga e professora do ensino fundamental das séries iniciais incentivou-me a estudar lá, pois, segundo ela, a instituição preparava muitas jovens para lecionar no magistério, a começar pelo seu próprio testemunho, já que estava efetivada em uma escola estadual da Paraíba.

Confesso que no primeiro momento resisti, pois a escola, até meados dos anos 90, destinava-se ao público feminino. Quando a professora me incentivou a estudar naquele colégio, já havia um ou dois rapazes estudando na instituição.

Entre as décadas de 80 e 90, naquela região, as normalistas angariavam admiração e eram vistas como futuras professoras.

O ônibus saía da praça central da cidade Belém, às 5h30, percorrendo 23 km até a cidade de Bananeiras, retornando somente ao meio-dia. Também relutei por causa desse sacrifício de despertar cedo e só voltar após o almoço. Indagava comigo mesmo se valeria a pena me submeter a tal labuta. Porém, observando as jovens estudantes e o soar incentivador daquela amiga, instiguei-me a trilhar nessa caminhada.

Minha mãe não cursou o ensino normal, mas foi uma professora admirável. Com apenas a 4ª série, dedicava-se ao trabalho, gostava de português e matemática, dominava as classes gramaticais e as quatro operações com muita facilidade. Ela também foi uma incentivadora para que eu fizesse o magistério, e resolvi trilhar o ensino normal motivado por seu estímulo a lecionar quando ainda jovem.

Quando jovem, aos 22 anos, casou-se com Manoel Borges da Silva (*in memoriam*). Concebeu doze filhos, dos quais quatro faleceram ainda crianças. Atualmente há oito vivos - cinco homens e três mulheres. Sempre atenta na correção dos filhos e no ganha-pão para o sustento do lar, ela costuma dizer: “eu concebi e Deus criou e cuidou”. Apesar de se chamar Raimunda Paulino de Sousa, todos a conhecem como Socorro, devido a uma promessa de seus pais. Entre sorrisos e choros, sempre morando em terras de latifundiários, como escreve Silva (2020), enfrentou dificuldades na vida interiorana.

Passou a sobreviver com os filhos e o esposo com um baixíssimo salário de professora e o cultivo da lavoura cultivado por eles na propriedade de outrem. Como as dificuldades eram gigantes, os filhos mais velhos se sujeitaram a procurar emprego, por esse motivo, muitos saíram cedo de casa, em busca

de oportunidade para contribuir no sustento dos irmãos mais novos. Por outro lado, a filha mais velha quando completou doze anos passou a ser o braço forte da família, trabalhando duramente para ajudar a criar, desde cedo, os irmãos (SILVA, 2019, p. 62).

Meu pai era analfabeto, agricultor, um ser humano de um coração imenso, porém alcoólatra e, quando ingeria a bebida, o vício o transformava. Ele não demonstrava carinho pelos filhos, embora comigo fosse diferente, sentia orgulho de mim. Recordo, com lágrimas nos olhos, uma noite em que ele, embriagado e caído no portão, com a cabeça sangrando, expressou quando me aproximei: “ninguém mexe comigo, meu filho Eduardo chegou, ele é professor”. Talvez esse orgulho que sentia se devesse ao fato de eu ser professor e por nunca ter despartado de perto dele por longos períodos.

Mediante o processo de morte que ele enfrentou, senti-me impotente por não ter feito algo por meu pai. A última recordação que tenho dele é de, em uma manhã de quarta-feira, anunciar para mim e minha mãe que estava envenenado. O maldito veneno tirou a vida do meu pai, relato esse episódio em um conto de minha autoria.

Crescemos na zona rural do município de Bananeiras, de forma humilde, enfrentando dificuldades. Minha mãe lecionava no próprio domicílio, lugarzinho simples, de pau-a-pique e poucos cômodos, mas com o passar dos anos foi transferida para uma escola no campo que existe até os dias atuais.

No ano de 1987 o prefeito de Bananeiras construiu o Grupo Escolar de Maniçoba, nomeando a professora a uma tripla jornada de trabalho: gestora, professora e merendeira. Nesse período, a professora deixa de lecionar em sua residência e passa agora a fazer parte de uma instituição escolar no campo (SILVA, 2019, p. 10).

Figura 5 – Grupo Escolar Municipal de Maniçoba, Bananeiras/PB



Fonte: Acervo particular de Luiz Eduardo Paulino da Silva (2021)

Socorro era um exemplo de professora na comunidade, sempre dedicada no ofício, a primeira a chegar e a última a sair, zelava pelos alunos como se fossem seus filhos, aconselhando, disciplinando, regrando e transmitindo conhecimento através dos conteúdos didáticos, com foco na aprendizagem das crianças e adolescentes.

Seu salário era muito pouco, e quando viajava à cidade para receber a remuneração não tomava sequer um copo de café, pois o dinheiro, mínimo, talvez não fosse suficiente para comprar o básico em um supermercado.

Como o marido nunca ajudava com valor algum no sustento de casa, ela teve de ajudar os oito filhos, e ele próprio, com os vinténs que recebia do seu trabalho árduo e suado.

Por enfrentarmos dificuldades financeiras, o tempo fez com que seus filhos se ausentassem do lar a procura de melhorias em outros estados.

Quando a primogênita se casou, veio residir no Rio de Janeiro e aos poucos foi trazendo os outros irmãos e irmãs, permanecendo apenas eu, meu irmão caçula e meus pais na zona rural.

Toda a minha infância e adolescência estudei na cidade de Belém/PB, pois minha mãe não permitia que estudássemos na instituição que lecionava, prevenindo-se de reclamações e contendas com pais e alunos.

Por esses motivos, sempre nos matriculou em escolas da cidade, mesmo distante, não faltávamos um dia de aula, com sol ou chuva, com fome ou alimentados, vontade de aprender ou desinteressados, sempre prontos para estudar. Todos os dias, caminhávamos praticamente uma hora a pé na ida e uma hora a pé na vinda, mas, sempre com sorrisos abertos e pretensão de conseguir alcançar nossos sonhos (SILVA, 2019, p. 68).

Aprendi e aprendo com ela, sempre motivadora e incentivadora, cuidando da casa, do roçado e ainda dando conta de um tripé de jornada trabalhista, como merendeira, professora e gestora na escola.

No turno inverso ao que eu estudava, ela sempre me levava para a escola e deixava-me na sala como seu professor substituto, enquanto resolvia os afazeres de gestora ou merendeira. Rememoro que, ainda jovem, lecionava para as crianças e outros adolescentes, assim como eu. Esse incentivo fez com que eu despertasse para a aspiração de ser professor, mesmo não tendo o sonho solidificado intrinsecamente quando criança.

Nem todos os irmãos e irmãs tiveram a oportunidade de concluir a educação básica, outros, porém, tiveram, mas não desejaram trilhar esse caminho. Alguns

concluíram o ensino médio, e a mais velha cursa o ensino superior. Confidencio que os mais novos tiveram oportunidades para estudar, mas não quiseram. Ao contrário, eu abracei os estudos e desde a educação infantil, passando pelas séries iniciais e finais do ensino fundamental e pelo ensino médio científico e normal, segui retilineamente no alvo para conseguir meus objetivos.

Por uma situação memorável e trágica, em que minha mãe quase perdeu a vida devido a alguns marginais tentarem assaltar nossa residência, saímos da zona rural de Bananeiras/PB e fomos residir na cidade de Belém/PB.

No ano de 1996, concluí o 1º ano do ensino médio e, apesar das minhas resistências, percebi que o ensino normal seria importante para o meu futuro. Em 1997, dirigi-me ao prefeito da cidade de Belém/PB a procura de um emprego e ele outorgou-me um contrato de professor no ensino fundamental (4ª série). Logo comecei a lecionar. Por carecer de formação para minha prática em sala de aula, resolvi seguir o conselho da amiga e o incentivo de minha mãe, matriculando-me na Escola Normal Professor Pedro Augusto de Almeida, em Bananeiras/PB.

Figura 6 – Escola Normal Prof. “Pedro Augusto de Almeida”, Bananeiras/PB.



Fonte: Acervo Google imagem, 2022.

Ingressei no 2º ano da Escola Normal, pois já tinha concluído o 1º ano no ensino científico. A escola oferecia três anos de ensino normal, recordo que concluí no ano de 1998.

Assim, eu estudava pela manhã o ensino normal, à tarde lecionava a 4ª série numa escola próxima à minha residência e à noite estudava o 2º ano científico. A próxima imagem é da 4ª série (5º ano), minha primeira experiência de fato em sala de aula, a faixa etária dos alunos eram entre 9 e 11 anos. A maioria residia na comunidade local, no entanto observa neles o desejo de estudarem e aprenderem, era um desafio grande para mim naquela época. Lembro que as crianças não tinham fardamento e nem restrições para o uso de uniformes na instituição.

A imagem foi registrada em um momento recreativo no pátio onde acontecia as brincadeiras fora da sala de aula. Portanto as crianças eram sonhadoras, esperançosas e tinham dedicadas. Atualmente alguns desses alunos são casados, construíram família, alguns exercem profissões, como pedreiro, técnico administrativo, comerciantes, dona de casa, auxiliar de produção, e outas atividades.

Figura 7 – Primeira turma de alunos – Município de Belém/PB.



Fonte: Acervo particular de Luiz Eduardo Paulino da Silva (1997)

A aprendizagem que adquiria na Escola Normal era suficiente para a minha prática em sala de aula. Tornei-me um professor reflexivo a partir de cada disciplina que estudei naquele ano de 1997.

A reflexão crítica sobre a prática torna-se uma exigência da relação teoria/prática, sem a qual a teoria pode ir virando blá-blá-blá e a prática, ativismo (FREIRE, 2015, p. 24).

Ao adentrar pelos portões da Escola Normal no primeiro dia de aula, observei inúmeras normalistas com compridas saias de dobras abaixo dos joelhos, meias brancas, sapatos pretos e camisas brancas de mangas curtas, no bolso exibiam o emblema da instituição, a maioria trazia os cabelos soltos ao vento, e havia pouco menos de cinco rapazes no meio daquele mulheril.

O impacto foi visível, não tive informação de que eram poucos os homens que estudavam o curso normal. No decorrer dos dias, questionei sobre os professores que lecionavam as séries iniciais do ensino fundamental sem terem cursado o ensino normal.

Figura 8 – Turma do 3º ano do magistério



Fonte: Acervo particular de Luiz Eduardo Paulino da Silva (1998)

No entanto, averigui que a maioria dos homens cursaram ou cursavam o Logos II³¹ ou o Proformação³², modalidades de ensino criadas para a formação de

³¹ O Logo II veio superar uma limitação de professores leigos que estariam em exercício da docência e não tinham formação. Após a conclusão do curso, o professor ficava habilitado em nível de 2º grau. Informações precisas na dissertação de mestrado, com o título: Projeto Logos II na Paraíba: ingerências políticas e implicações na sua Proposta Político-Pedagógica, da autora Jerusa Pereira de Andrade (1995), do programa de pós-graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/12318?locale=pt_BR. Acessado no dia 21/02/2022.

³² O Proformação, programa da Secretaria de Educação a Distância, é um curso em nível médio com habilitação para o magistério na modalidade Normal, realizado pelo MEC em parceria com os estados e municípios. Destina-se aos professores que, sem formação específica, se encontram lecionando nas quatro séries iniciais, classes de alfabetização ou Educação de Jovens e Adultos – EJA das redes públicas de ensino do país. Disponível no site do programa de formação de professores em exercício: <http://proformacao.proinfo.mec.gov.br/apresentacao.asp>. Acessado em 21/02/2022.

professores leigos, habilitando-os ao ensino do magistério. Esses cursos eram oferecidos em vários municípios da região.

A ausência de homens na Escola Normal sucedia também por razão de rumores que o ensino do magistério era próprio ao público feminino, exclusivamente, colocando em dúvida a masculinidade dos jovens que pretensiosamente estudassem na instituição.

Entre os poucos rapazes estudantes da Escola Normal, havia os que a frequentavam no interesse de namorar as normalistas, outros com a veemência de aprender e, ainda, aqueles que tinham convicção de terem nascido para a docência. Freire (2015, p. 47) afirma: “como professor num curso de formação docente não posso esgotar minha prática discursando a teoria da não extensão do conhecimento”.

Na certeza de uma formação docente sólida, e por estar lecionando numa turma de 4º ano, os conhecimentos adquiridos naquela época do ensino normal eram lâmpadas para clarear o obscuro de minha prática professoral na escola pública da cidade de Belém/PB. Independentemente de quantos homens estivessem na sala, eu estava disposto a aprender para levar adiante a minha prática.

Enquanto os meses se passavam, meu gosto pelo magistério crescia e eu colhia cada vez mais conhecimento e colocava na minha prática docente. O ensino normal passou a me deslumbrar, tomei gosto pela instituição, disciplina, organização, normas, regras, as matérias e aprendizagens, como também pelos eventos educativos. Tudo isso me incentivava para lecionar.

Nesse período, a gestora da escola era a professora Vilma de Lourdes, mulher respeitada e admirada por todos, embora extremamente rígida no que dizia respeito ao fardamento, à pontualidade, ao intervalo e a outras eventualidades em que percebesse infração do regimento escolar. Quando isso acontecia, os normalistas tinham que se explicar.

A gestora exercia com muito amor suas ocupações e honrava seu compromisso com a instituição e a responsabilidade por cada aluno/a da escola. O afeto transparecia, através do diálogo, do carinho e do amor que nos transmitia.

Freire (2014, p. 114) diz que somente o diálogo, que implica um pensar crítico, é capaz também de gerá-lo. A professora e gestora detinha um senso dialógico que nos impulsionava a confiar assuntos particulares ou coletivos sem nenhuma restrição de algoz.

Da mesma forma, a gestão escolar, os docentes, a equipe pedagógica, os auxiliares de serviços gerais, merendeiras e porteiros eram bastante acolhedores/as, e a escola proporcionou a todos nós inúmeras atividades: seminários, projetos escolares, desfiles cívicos, microaulas, feiras de ciências, apresentações culturais, estágios docentes, aulas de campo, disciplinas propedêuticas etc.

Figura 9 – Desfile Cívico (7 de setembro)



Fonte: Acervo particular de Luiz Eduardo Paulino da Silva (1998)

Tornava-me brioso por estudar na Escola Normal, usar calça azul, blusa branca com seu emblema no bolso direito, sapato preto e meias brancas. Na ocasião de desfile cívico, pleiteava conduzir a bandeira do Brasil. Ser do primeiro pelotão era sinal de honradez.

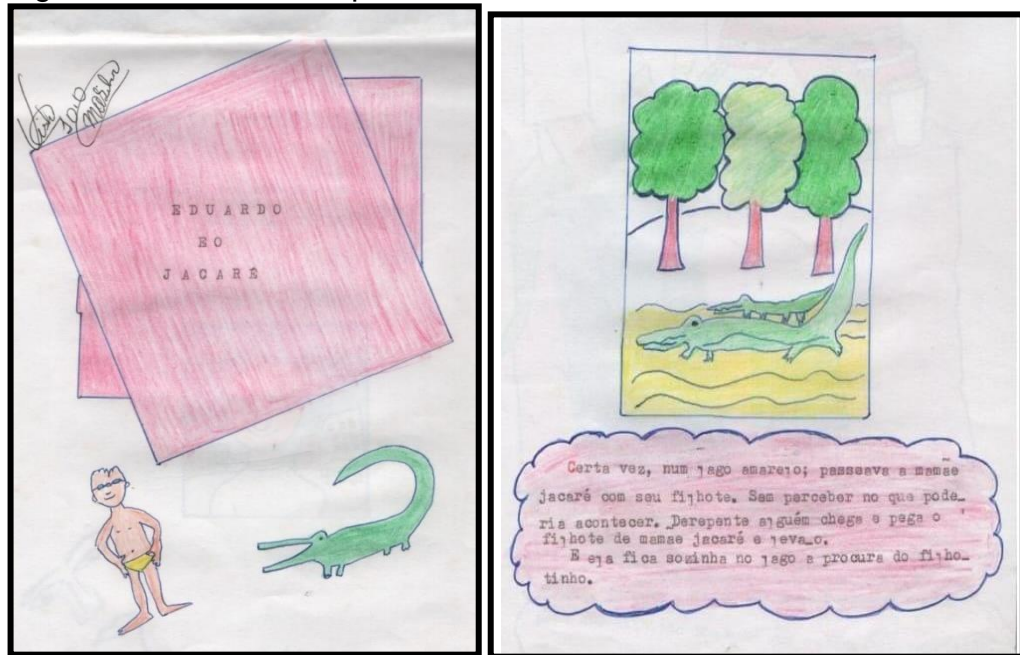
Rememoro com júbilo as contendas dos normalistas, as brincadeiras, as danças de quadrilha, as confraternizações e as punições das professoras - uma delas nos colocava para rezar e ficar em silêncio.

Outrossim, recordo os treinos ortográficos que a professora de português ditava, especialmente as palavras com dígrafos e as classes gramaticais, posteriormente corrigindo todos os treinos, utilizando caneta vermelha e registrando os números de acertos ou erros na caderneta.

Relembro um texto narrativo que a professora Marly, da disciplina de Didática da Linguagem, requisitou como avaliação bimestral. Este escrito eu arqueei, nos formatos impresso e digital, como memória da turma do 2º ano A, de 1997.

A narrativa está intitulada de *Eduardo e o Jacaré* (texto do autor), as ilustrações refiz a partir de imagens sem registros, e a estória foi criada a partir de ideias fluidas em tempos sonháveis. Incluo duas imagens para apreciação do leitor, o texto completo será publicado por uma editora infantil.

Figura 10 – Estória em quadrinhos



Fonte: Acervo particular de Luiz Eduardo Paulino da Silva (1997)

As ilustrações e pinturas foram feitas em papel ofício, e a escrita, datilografada para dar a ideia de uma obra para a educação infantil.

A narrativa fala sobre um filhote de jacaré que é retirado de um lago onde vivia com sua mãe jacaré e trazido para o mundo exterior. O salteador entrega o jacaré para seu filho Eduardo, o qual estava aniversariando, e o menino apegou-se ao animalzinho e leva-o para todos os lugares que pretende viajar. Mas, em um belo dia, ele vê no jornal a notícia do sequestro do filhote de jacaré e, percebendo a maldade que o pai fez, resolve devolver o filhote à sua genitora. Decisão triste, mas feita como uma boa ação.

Essas e outras atividades encantavam-me e faziam de mim um professor comprometido e investigativo da minha prática, pois o que aprendia na Escola Normal desenvolvia em sala de aula, envolvendo meus alunos para que produzissem textos que conduzissem a um pensamento reflexivo.

Freire (2015, p. 49) afirma que, como professor crítico, sou um “aventureiro” responsável, predisposto à mudança e à aceitação do diferente. E essa característica,

confesso, foi forjada em minha aventura no ensino normal, em que cada ensinamento e pesquisa me fizeram crescer no nível profissional.

No último ano de normalista idealizei lecionar na própria Escola Normal, pois observava poucos professores na instituição. Estudei apenas com o professor de matemática, que era bastante plácido conosco. Em suas aulas aprendi as quatro operações matemáticas e expressões numéricas de forma simples para ensinar aos meus alunos.

O desejo de lecionar na Escola Normal não se concretizou, porém prossegui no chão da escola básica, nas séries iniciais, lecionando do 1º ao 5º ano do ensino fundamental.

Figura 11 – Grupo Escolar Xavier Júnior, Bananeiras, PB.



Fonte: Acervo Google imagem, (2022)

Os estágios supervisionados eram realizados no último semestre do 3º ano do magistério. A professora supervisora inspecionava nossa prática na sala de aula através da observação e relatório. Estagiei, juntamente com minha amiga Luciana de Fátima Silva Propino, numa turma de 3ª série da Escola Municipal de Ensino Fundamental Xavier Júnior.

Todavia, ao concluir o ensino normal, percebi no olhar de minha mãe a alegria contagiante, pois a oportunidade que ela não havia logrado nos estudos, viu se realizando em mim.

No ano de 1998 fui aprovado em concurso público como professor efetivo do ensino fundamental das séries iniciais, no município de Belém/PB. Concluído o ensino

normal e concursado, fiz algumas tentativas no vestibular de áreas como jornalismo, arte, mídia e cinema, todas sem êxito.

Entendi que minha missão seria ser professor, de forma que desisti das iniciativas de vestibulares em outras áreas e, no ano de 2002, mais uma vez, minha mãe me estimulou a cursar Pedagogia.

No entanto, por não haver o curso de Pedagogia em nenhuma instituição pública nas proximidades, inscrevi-me no vestibular da instituição privada UNAVIDA (Universidade Aberta Vida), em parceria com a UVA (Universidade Estadual Vale do Acaraú), no curso de Licenciatura em Pedagogia. Aprovado, percorri o trajeto.

O curso era em regime especial. Após a conclusão, em 2004, pedi licença sem vencimento e me afastei por dois anos da docência. Mudei-me para o Rio de Janeiro, retornando apenas no finalzinho de 2007.

Quando retornei à sala de aula, iniciei uma nova empreitada acadêmica, a graduação no curso de bacharel em Administração no Campus III/UFPB. Para minha decepção, o curso não me motivava, portanto, no 6º período, pedi transferência para Pedagogia, na mesma instituição, uma vez que o curso era novo no campus III.

Houve falatórios, proferindo que eu estava alienado por cursar Pedagogia novamente. Porém, o que mais tarde ficou comprovado foi que estudar Pedagogia na UFPB/Campus III foi o primeiro degrau para que eu prosseguisse na carreira acadêmica.

No campus da UFPB, conheci professoras, colegas que me subsidiaram experiências, conhecimentos e dialética, que me fizeram crescer ao longo dos anos em que estudei na instituição.

No curso de Pedagogia da UFPB/Campus III, publiquei diversos artigos, participei de monitoria em algumas disciplinas, como aluno voluntário, estive atuante em aula de campo, ingressei em projetos de pesquisa, extensão, palestrei em disciplinas de práticas escolares, entre outras.

No Campus III conheci uma grande pessoa, amiga e professora: Dr^a Efigênia Maria Dias Costa, que também fez magistério em sua trajetória e, percebendo que eu cursava Ciências Biológicas paralelamente à Pedagogia, me estimulou a concluir ambas as graduações e enveredar pelo mestrado.

O sonho do mestrado alegrava-me, mas eu achava muito distante para um jovem de origem do campo, pobre e filho de pessoas simples. Porém, no percurso das graduações, cursei três pós-graduações *lato sensu*: Educação Ambiental (UFSM),

Educação de Jovens e Adultos (UFPB) e Educação e Novas Tecnologias (UEPB). O mestrado veio depois.

Após algumas tentativas, em 2015 ingressei no mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática, pela UEPB. Relembro o Campus III como uma escola de aprendiz, nela compreendi os dois lados da vida acadêmica, abracei o mais favorável e prossegui caminhando sem olhar para trás.

Na trajetória da Pedagogia no Campus III, pude participar de alguns projetos, fui tutor do Campus I em João pessoa, pela UFPB/Virtual, durante um semestre, na disciplina Psicologia da Educação. Ainda nesse período, tive a oportunidade de ser tutor no Campus III, pela UFPB/Virtual, no curso de Ciências Agrárias, nas disciplinas: Movimentos Sociais, Didática e Tecnologia da Educação, entre outras.

Concluí o mestrado no ano de 2017 e fui aprovado em outro concurso público, agora para professor da EJA – Educação de Jovens e Adultos, no município de Logradouro/PB, e por estar em período probatório não dei andamento à iniciativa do doutorado.

Porém, em 2019 iniciei a tentativa e fui aprovado no doutoramento em Educação do Proped/UERJ - Programa de Pós-Graduação em Educação, pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. A reação de parte dos familiares, amigos e colegas foi de muita alegria, e ao dar a notícia, por telefone, para a professora Efigênia Dias, percebi tamanha exultação e emoção em sua voz. Minha mãe sentiu-se muito orgulhosa por minha aprovação no doutorado, ainda que não seja de expressar seus sentimentos ao falar sobre minhas conquistas.

O que me fez narrar essa escrita de mim?

Para anunciar ao leitor a minha história estudantil, com o objeto da tese - memórias das egressas professoras, o qual tem a ver com a escolha dessa temática de pesquisa no doutorado

Penso que as narrativas trazidas por mim vão ao encontro do que Bourdieu (1996, p. 76) afirma: “produzir uma história de vida, tratar a vida como história, isto é, como a narrativa coerente de uma sequência significativa e coordenada de eventos”, nesse sentido surgem, à luz das lembranças, os acontecimentos que vivenciei em minha trajetória estudantil e especialmente na formação do magistério.

Essa escrita alegra-me por estar expressando sentimentos e dando vozes a essas mulheres, professoras, que têm uma trajetória de vida e que contribuíram,

vivenciaram e compreenderam o sentido da Escola Normal em uma época que não se tinha recursos, verbas e infraestrutura condizente para a instituição.

Ao longo da tese, perceberemos, através das narrativas das professoras egressas, que a dedicação pelo ensino normal superou as dificuldades encontradas ao longo do tempo em que permaneceram na instituição.

Todavia, as memórias das egressas professoras nos farão compreender o sentido de mulheres que fizeram história, que têm trajetória e que precisam ser ouvidas através da escrita dessa tese e, posteriormente, em livros e artigos científicos.

Essas mulheres contribuíram com a educação no município de Bananeiras/PB, na formação de centenas de estudantes normalistas, e eu fiz parte desse município e dessa instituição. E entre tempos, lembranças e narrativas, sinto-me alegre em escrever sobre professoras e mulheres ponderadas, aguerridas e cultas.

A memória e a história oral como fontes historiográficas

O diálogo é uma condição imprescindível para a construção social do sujeito. As investigações por meio da história oral representam uma estratégia caracterizada de pesquisa por envolver questionamentos cognitivos, emocionais, sociais, morais, éticos e religiosos, entre outros.

Fundamental para a história oral é o tratamento conceitual dado ao narrador que se dispõe a ajudar no processo de entrevista. Sem dúvida, a mudança das considerações tradicionais carece de novos ângulos. A proposta de “colaboração” ganha terreno, em particular, em vista da humanização das relações na produção de textos, em que a interação entre as partes atua de forma determinante (MEIHY E HOLANDA, 2019, p. 117).

Reflico, a partir da citação de Meihy e Holanda, para iniciar esta parte da tese, por compreender que os narradores, neste trabalho as professoras egressas da Escola Normal, se disponibilizaram de forma afável para contribuir com o processo de entrevista, que faz parte da metodologia.

Detalhar a metodologia de um trabalho científico requer um olhar enérgico e pontual, partindo do princípio de que o pesquisador deve ter as minúcias, isto é, os detalhes, o cuidado com os elementos que distingue no decorrer da pesquisa.

Nesse sentido, descrevo a memória e a história oral como fontes essenciais da historiografia, debruçando sobre os indicadores das fontes orais, como fotografias, livros, regimento interno e outros, amparado pelas memórias.

Como todo sujeito é construtor de sua história, seja por meio da profissão, da formação ou do convívio social, traz reminiscências conservadas ao longo da vida. Delgado (2010) faz com que reflitamos sobre o fato de que os educadores e outras categorias constroem sua história através das memórias, e que se faz necessário, através da escrita ou da oralidade, dar voz aos sujeitos, como menções para outras gerações.

Os sujeitos construtores da História são líderes comunitários, empresários, militares, trabalhadores anônimos, jovens que cultivam utopias, mulheres que labutam no cotidiano da maternidade e, simultaneamente, em profissões variadas, são líderes e militantes de movimentos étnicos, **são educadores que participam da formação das novas gerações**, são intelectuais que pensam e escrevem sobre os problemas da vida e do mundo, são artistas que através do seu ímpeto criativo, representam realidades e sentimentos nas artes plásticas [...] (DELGADO, 2010, p. 55, grifo nosso).

Recorro a Delgado nessa passagem por ser uma pesquisa norteada pelas memórias e trajetórias de professoras egressas da Escola Normal, que contribuíram significativamente na formação de centenas de educandos em uma região carente de profissionais na esfera da educação básica.

Esta tese tem relevância científica por trazer as memórias das professoras egressas, através de suas narrativas sobre a formação de alunos do magistério que adquiriram saberes e os transmitiram nas escolas e na sociedade.

Nessa perspectiva, motivo-me a especificar os métodos e fontes que atribuí à análise para o entendimento, de acordo com a exatidão teórica.

Partindo do objetivo - analisar, por meio das memórias, as narrativas das professoras egressas da Escola Normal, em Bananeiras/PB, sobre as práticas docentes, identificando diferentes discursos e subjetividades -, recorro à memória para obter um novo aspecto na construção do conhecimento histórico.

Todavia, a fonte oral torna-se abundante ao relacionar-se com outras nascentes (GALVÃO, 2011). Nesta tese constam as memórias como fontes evidenciadas por meios dos relatos orais (entrevistas) e outros documentos, como fotografias, caderneta, currículos e documentos das egressas professoras que estruturaram o *corpus* dessa investigação.

A memória, principal fonte dos depoimentos orais, é cabedal infinito, onde múltiplas variáveis, - temporais, topográficas, individuais, coletivas - dialogam entre si, muitas vezes revelando lembranças, algumas vezes de forma explícita, outras vezes de forma velada, chegando em alguns casos a ocultá-las pela camada protetora que o próprio ser humano cria ao supor, inconscientemente, que assim está se protegendo das dores, dos traumas e das emoções que marcam sua vida (DELGADO, 2010, p. 16).

Optei pela abordagem da memória e história oral, uma vez que investiguei a trajetória profissional das professoras egressas, apresentando os diálogos e experiências no desenvolvimento da educação regional, compreendo que as narrativas constroem memórias na história da educação.

Entretanto, as memórias dessas professoras nos remetem a lembranças de momentos experimentados a partir da infância, a situações enfrentadas e conflitos ocorridos no percurso da trajetória. Cândido (2021, p. 108) afirma:

A dureza das descrições da vida escolar das crianças, as dificuldades e os preconceitos sofridos são nuançados pela retomada das histórias de vida e de escolarização das crianças e da professora responsável pela classe, nos permitindo conhecer as crianças de outros modos e em outros contextos diferentes da sala de aula, suas habilidades e potenciais de aprendizado.

As narrativas das professoras egressas descrevem sobre a infância traçando marcas históricas, e trajetórias de labutas que vivenciaram no decorrer do ensino básico. Gil, (2021, p. 133) diz: “No horizonte vislumbro um longo caminho e, embora eu esteja convencida de que vale a pena percorrê-lo, sinto-me de volta ao começo da trilha, um pouco como se estivesse chegando agora ao campo científico”.

Reflieto sobre mim e sobre elas, o vislumbrar no trajeto, nos faz ajuizar do quanto foi prazeroso ou não, no entanto a sensação é de que valeu a pena, e só por meio do campo científico é que me dou conta de que a investigação de me conhecer, e conhecer o outro faz parte das memórias que procurei escrever

Para Iwanczuk, Voltz e Zucchetti (2022, p. 167), “[...] a produção escrita de um estudioso impescinde de sua leitura particular de mundo, de sua bagagem de leituras de textos, do debate e problematização da realidade com os outros sujeitos”. Partindo desse conhecimento, que me desdobrei na pesquisa, problematizando, indagando e refletindo sobre questões imprescindível na perquisição.

É notório que escrever sobre si, e sobre o outro não é fácil, é uma tarefa complexa e desafiadora. Quando me remeto a tal análise, busco refletir na investigação antes, durante e após, pois percebo o grau que me exige como pesquisador, pois “[a] escrita não acontece simplesmente, precisa de conexões e de intensa atividade cerebral. Por vezes mais fluída, outras com maior sofrimento, revela-se uma atividade intensa e exaustiva em função dos prazos e outras demandas entre as já mencionadas”. (IWANCZUK, VOLTZ e ZUCCHETTI., 2022, p. 172)

Portanto a memória e história oral como método a ser investigado me faz um pesquisado(r) que considera esse método investigativo adequado pelo fato de ser o

resgate das reminiscências trazidas pelas professoras egressas, dando voz e restituindo às entrevistadas o protagonismo de suas histórias.

O estudo desta tese foi desenvolvido por meio da memória coletiva das professoras. Le Goff (2013, p. 254) diz que “a memória é um elemento essencial, do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia”.

Estudar sobre memórias é retomar o passado, lembrando episódios que designaram algumas épocas e que se perderam no esquecimento do tempo. A memória é percebida como uma concepção de recordações distantes determinada por vivências individuais e coletivas.

A partir dessa compreensão, entendo que as narrativas das professoras egressas por meio da história oral contribuem para a configuração de uma memória institucional educacional no tempo presente. Para Delory-Momberger, (2016, p. 136)

“O ser humano faz a experiência de si mesmo e do mundo em um tempo que ele relaciona com sua própria existência. A *temporalidade biográfica* é uma dimensão constitutiva da experiência humana, por meio da qual os homens dão forma ao que vivem.

As egressas professoras, mulheres, mães, ser humano que expressa suas experiências através do tempo presente, narrado a partir de elementos biográficos, que demonstrando sentimentos e até mesmo lágrimas entre uma conversa e outra era o sentimento demonstrado.

Por meio da memória, narrativas, história, biografia, autobiografia como método para uma pesquisa em história oral, nos faz instigar os sujeitos a compreensão dos fatos narrados, [...] a abordagem (auto)biográfica como método de pesquisa autônomo, embora reconheça que, igualmente e concomitantemente, possa ser utilizada como técnica de recolha de dados de pesquisa. (SOUSA, ASSIS e NOGUEIRA, 2016, p. 54)

Ao longo da nossa trajetória de vida vamos colecionando obras e autores que se tornam inesquecíveis. (LIMA, AMPARO e SILVA, 2021, p. 84) e esses autores nos fazem refletir a partir de suas escritas autobiográficas. Calhau e Nogueira. (2022, p. 21) destacam:

A escrita autobiográfica apresenta-se como sendo um tipo de lugar onde o sujeito se desvela, para si, e se revela para os outros, através de uma narrativa autorreferenciada carregada de significados (ABRAHÃO, 2014). Trata-se de um relato que surge da necessidade de falar de si e,

principalmente, como possibilidade de explicitar o desconhecido, o não visto, o contrapelo, o entreato.

Contudo, a história oral como metodologia em pesquisa pode ser compreendida em uma abordagem qualitativa, no interesse de adquirir os depoimentos dos sujeitos através de entrevistas.

Esses depoimentos são narrados a partir das experiências vivenciadas por pessoas de diferentes classes sociais, etnias, faixa etária, religiosidade e outras categorias cuja inclusão na história se faça necessária.

A HO, como metodologia de pesquisa, tem por objetivo ouvir e registrar vozes dos sujeitos que se distanciam da história oficial e aproximá-los, a exemplo das professoras egressas da instituição normal da cidade de Bananeiras/PB.

Portanto, a HO está conectada à pesquisa qualitativa por decretar que o pesquisador compreenda os eventos investigados (Alves, 2016). Nessa perspectiva, a entrevista, como instrumento da pesquisa, aproxima o pesquisador do pesquisado, quando o segundo expõe sua trajetória de experiências vividas por um período ou ao longo da vida.

Esta pesquisa teve por finalidade responder à seguinte indagação: quais lembranças as professoras apresentam, por meios das narrativas, sobre o tempo que lecionaram na Escola Normal? Compreendendo os conceitos de tempo, lembranças e narrativas que nos fazem refletir por meio da memória.

A partir dessa questão, recorri à entrevista como instrumento de suporte para a mediação entre o entrevistador (eu) e os entrevistados (sujeitos da pesquisa). Alberti (2013, p. 47) ressalta a importância da escolha do tipo de entrevista a seguir, sejam “entrevistas temáticas ou entrevistas de história de vida”.

Nesse entendimento, priorizei a entrevista temática, sem renunciar à história de vida que, em alguns momentos, é relatada. Portanto, focalizei na prática docente, dando voz às entrevistadas, que guardam nas memórias lembranças da infância até a fase adulta.

Foram entrevistadas quatro professoras egressas da Escola Normal Pedro Augusto de Almeida, do município de Bananeiras/PB, através da plataforma *Google Meet* – recurso online que facilitou a participação e bastante utilizado no setor educacional, especificamente nesse tempo pandêmico que vivenciamos.

É evidente que os anos de 2020, 2021 e 2022 foram marcados por uma enfermidade que devastou vidas, ocasionou isolamento social e colocou muitos em

leitos hospitalares. Essa doença, denominada de Covid-19, é uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2.

O vírus alastrou-se de norte a sul do país, deixando milhares de pessoas trancadas em suas residências, especialmente os mais vulneráveis ao agente infeccioso, que são os idosos, diabéticos e outros grupos.

Por esse motivo, conversei com as professoras (sujeitos da pesquisa) e fizemos as entrevistas pela plataforma, para as quais elas dispuseram de tempo e consentiram com as gravações para que fossem transcritas posteriormente.

Como garantia para não perder as gravações da videochamada, utilizei também o gravador do celular como ferramenta de suporte.

Portanto, necessitei elaborar um roteiro e estabelecer critérios para que as entrevistas fossem precisas e bem-sucedidas. Thompson (1998) diz que:

Há algumas qualidades essenciais que o entrevistador bem-sucedido deve possuir: interesse e respeito pelos outros como pessoas e flexibilidade nas reações em relação a eles; capacidade de demonstrar compreensão e simpatia pela opinião deles; e, acima de tudo, disposição para ficar calado e escutar. Quem não consegue parar de falar, nem resistir à tentação de discordar do informante ou de lhe impor suas próprias ideias, irá obter informações que, ou são inúteis, ou positivamente enganosas. Mas a maioria das pessoas consegue aprender a entrevistar bem (THOMPSON, 1988, p. 254).

O autor ressalta o papel essencial de escuta do entrevistador, na chamada pesquisa oral, em que ele deve ouvir e respeitar a opinião, seja divergente ou até mesmo confusa.

Nessa perspectiva, o entrevistador faz as anotações e, após a fala do entrevistado, poderá reformular a pergunta de maneira mais simples e direta, não deixando brechas para um desvio de fala.

É trivial que, no decorrer da entrevista, o entrevistador se emocione, se entristeça ou se alegre, de acordo com a narrativa do sujeito, pois ele, acima de tudo, é um ser humano, constituído de emoções e razões. No entanto, deve ter o equilíbrio para a entrevista não seguir outro direcionamento.

Assim, o pesquisador diferencia-se do sujeito-pesquisado. Enquanto ao segundo interessa narrar as experiências significativas que lhe vêm à memória e dar ênfase àquelas mais instigadas, ao primeiro interessa ouvir, registrar e descrever o que informa o seu objeto de estudo (ALVES 2016).

Porém, quando o sujeito aceita ser entrevistado, necessita estar ciente do que almeja relatar ao pesquisador. Por isso a decisão de aceitar ou não ser entrevistado

é individual, e necessariamente o sujeito não precisa ser instigado a contribuir com os fatores históricos.

Cabe ao pesquisador encaminhar um breve roteiro (apêndice B)³³ aos sujeitos e, durante a entrevista, ouvir com precisão as narrativas, trazendo as falas que cooperam com o objeto de estudo, podendo haver recorte na entrevista, sem que aconteça desvio na constância das falas dos entrevistados, havendo assim a importante ética em seu trabalho.

Portanto, o pesquisador é um ser capaz de aproveitar os elementos narrados de forma que sirvam para o objeto da pesquisa como temas importantes, separando outras narrativas para uma reflexão *a priori* ou *a posteriori*.

A memória está, internamente e externamente, envolvida na metodologia da história oral, uma vez que os sujeitos rememoram acontecimentos (memoráveis) no consciente e através de fontes do passado, constituindo a história do presente e do futuro.

Nessa perspectiva, a memória surge no presente momento, memorável do passado, trazendo reflexões e questionamentos do que se viveu/vivenciou para o tempo atual. Mesmo a história oral sendo um campo novo na pesquisa brasileira, nos últimos vinte anos vem se fortalecendo por meio das fontes orais, sem deixar de lado a importância da escrita.

Por meio da oralidade, discorrem-se as narrativas dos sujeitos, dando ênfase à sua imagem como cooperador na transcrição do pesquisador quando redige as narrativas orais. Por meio da escuta, as lembranças são relatadas pelos sujeitos como um estudo de opinião, em um processo dinâmico com relevância na história da educação.

Joutard (2000) fala da importância de ouvir os excluídos e esquecidos na sociedade quando afirma:

preciso saber respeitar três fidelidades à inspiração original: ouvir a voz dos excluídos e dos esquecidos; trazer à luz as realidades "indescritíveis", quer dizer, aquelas que a escrita não consegue transmitir; testemunhar as situações de extremo abandono (JOUTARD, 2000, p. 33).

A escrita em si não dá conta daqueles que não tiveram acesso a ela, é por meio da oralidade que se atribui a importância da escrita. Muitos docentes não escrevem

³³ O roteiro encontra-se no apêndice B, não como um padrão para as entrevistas, mas como norte do diálogo e conversa com os sujeitos da pesquisa.

seus acontecimentos e datas marcantes durante sua trajetória professoral, guardando na memória acontecimentos que somente através da oralidade poderemos investigar.

Porém, cada indivíduo é intérprete da sua história, e somente por meio da oralidade e de fontes (palpáveis) explanará as elevadas e descidas experiências ao longo da vida.

Mesmo os sujeitos que registram suas memórias por meio da escrita, como em cartas, agendas, diários etc. revelam aquilo que foi escrito e que um dia foi oral. Por outro lado, muitos acontecimentos não aparecem nas escritas documentadas, isso por fatores considerados inconfessáveis ou impossíveis de comunicar, mas que, por meio da oralidade, vem esclarecendo alguns posicionamentos.

É notório que a história oral é discutida por alguns especialistas como uma técnica, disciplina ou metodologia. Muitos deles discorrem sobre sua importância como método de investigação. É o que, nesse momento, proponho como abordagem metodológica.

Optei pela história oral e pela memória como metodologia deste trabalho por lembrar que no Brasil ela vem conquistando adeptos, nesse campo do conhecimento, nas últimas décadas.

Alguns especialistas desse método preferem eleger o conceito de fontes orais por possibilitar a construção histórica, enquanto a história oral é uma temática recente, cuja utilização do termo não era comum há algumas décadas, por esse motivo existe a denominação de fonte oral.

Joutard (2000) comunga que o termo HO deve vir acompanhando das fontes documentais, nesse entendimento utilizar-se das fontes orais é adquirir documentos para dar veracidade à memória dos sujeitos que narram histórias.

Muitos estudiosos comungam da ideia de que não existe uma história oral por excelência e, nesse sentido, corroboram que é mais condizente chamar de fontes orais. Todavia, a entrevista é uma fonte oral, não se estabelece na história em si, mas é a construção do passado do indivíduo com base nas experiências guardadas por sua memória.

Iniciei a entrevista com as professoras egressas, pedindo que ficassem bastante à vontade e que respondessem as questões calmamente, rememorando suas lembranças e fazendo o resgate das memórias. Bosi (1994) anuncia a lembrança como a essência do passado:

“à lembrança é a sobrevivência do passado. O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora à consciência na forma de imagens-lembrança. A sua forma pura seria a imagem presente nos sonhos e nos devaneios” (BOSI, 1994, p. 53).

A autora compreende que as reminiscências são, para os seres humanos, uma ilustração que faz rememorar episódios ou momentos alegres, tristes, individuais ou coletivos.

Bosi (1994) afirma que as lembranças distantes muitas vezes são evocadas pelas testemunhas, ou seja, uma memória coletiva que faz com que os sujeitos entrem em si mesmos, buscando conviver com outros seres não materialmente presentes.

Nas entrevistas com as professoras egressas, a todo momento elas relembavam cenas de suas vidas e demonstravam sorrisos, alegria, tristeza, saudades, amor e esperança, entre outras expressões, do que ficou no passado, restando somente as memórias.

Nesta tese abordo a memória individual e coletiva, embora exista controversa sobre a memória individual, porém, prossigo por ambos os caminhos, demonstrando amplitude de conhecimento através dos sujeitos que se ocupam do campo da educação e partilham vivência com outros sujeitos em seu *lôcus* de trabalho.

É o caso das egressas professoras, que viveram a maior parte do tempo com alunos, auxiliares do trabalho, gestoras, pais, merendeiras e outros que, por sua vez, contribuíram com a formação de uma memória coletiva.

Todavia, pesquisar sobre memória não é algo simples, há situações em que o esquecimento surge, e isso é percebido durante as entrevistas com as professoras egressas quando, em suas falas, tentam lembrar de acontecimentos de outrora e realmente não conseguem descrever como os fatos aconteceram.

Segundo Ricoeur (2007, p. 455), “assim como é impossível lembrar-se de tudo, é impossível narrar tudo”. A memória como fonte historiográfica, por meio dos depoimentos e relatos, procura se aproximar da veracidade.

Nessa perspectiva, ao perceber a imprevisibilidade no andamento das entrevistas, dei importância às transcrições das narrativas das professoras egressas, atentando para admissíveis falhas e lacunas a serem completadas posteriormente, se necessário.

No decorrer das entrevistas aconteceram alguns imprevistos, nem todas as perguntas do roteiro foram respondidas, por vezes as conversas levavam a outros caminhos, fazendo-me escutar as narrativas que as educadoras expressavam

interesse em descrever para, em seguida, retomarmos ao ponto programado. A cada entrevista transcrita, algo novo era esclarecido, mas algumas lacunas ficaram inconclusas.

Finalmente as narrativas foram gravadas, transcritas, elegidas e consideradas memórias trazidas por meio das narrativas das professoras egressas da Escola Normal do município de Bananeiras/PB que colaboraram com o processo educacional.

O recorte temporal deste trabalho considera a fundação da escola, em 1983, quando seu prédio foi entregue à professora Vilma, até a saída da última professora, Maria Goretti, no ano de 2017.

Portanto, apresento brevemente as professoras egressas da Escola Normal Professor Pedro Augusto de Almeida, que lecionaram na escola por alguns anos.

- **Vilma de Lourdes Silva Lemos:** professora aposentada, residente na cidade de João Pessoa. Nasceu em 11 de abril de 1957, na cidade de Serraria/PB, filha de Severino Cândido da Silva e Josefa de Sena Silva. Ainda quando criança seus pais se mudaram para a cidade de Borborema/PB e depois para o distrito denominado Moreno, que passou a ser a cidade de Solânea/PB. A professora, uma das pioneiras da Escola Normal, teve uma trajetória religiosa orientada por seus pais, os quais a incentivaram no sonho de ser educadora.

Figura 12 – As professoras egressas da escola normal



Fonte: Acervo particular de Luiz Eduardo Paulino da Silva (2021)

- **Claudia Michelino Targino de Souza:** professora efetiva do município de Damião/PB, atualmente residente na mesma cidade. Nasceu em 11 de maio de 1971, na cidade de Bananeiras/PB, filha de Valdemar Targino de Souza e Josefa Maria de Souza, seus pais tiveram quatorze filhos, incluindo a entrevistada. Quando seu pai

faleceu, Claudia ainda era jovem, porém, com o incentivo de sua mãe, galgou espaço profissional na escola técnica e no ensino superior. A professora lecionou na Escola Normal por mais de uma década. É a única das entrevistadas a não ter formação no magistério, porém, apaixonada pela educação. Atualmente é casada e mãe de dois filhos.

- **Francillanes Rodrigues Cordeiro do Nascimento:** professora efetiva dos municípios de Borborema/PB, onde reside atualmente, e Solânea/PB, onde nasceu em 08 de fevereiro de 1979. Filha de pais separados, hoje é casada e mãe de um filho. Tem uma trajetória de guerreira, em que superou as dificuldades, tendo sempre o apoio da mãe como incentivadora no seu percurso de professora. Lecionou, ainda jovem, na Escola Normal.

- **Maria Goretti da Silva Cunegundes:** professora aposentada, residente na cidade de Bananeiras/PB, onde nasceu em 30 de março de 1959. Filha de Sebastião Francisco da Silva e Maria Alice da Silva, atualmente é viúva e mãe de dois filhos. Lecionou na Escola Normal por 23 anos, dedicando-se exclusivamente à docência. Quando criança e adolescente teve o incentivo de seus pais, e ao casar-se recebeu apoio intenso do esposo amado, a quem rememora com lágrimas, pelo homem, esposo e pai que foi seu falecido marido.

Trabalhar com seres humanos deve ser extremamente ético, e por isso as egressas professoras autorizaram suas entrevistas e contribuição na pesquisa.

Em um momento antecessor ao desenvolvimento da análise, o projeto de pesquisa foi encaminhado ao Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) para avaliação, apreciação e emissão do parecer favorável ao seu prosseguimento, em atendimento aos critérios preconizados na Resolução 466/2012, do Conselho Nacional de Pesquisa e Ensino e Conselho Nacional de Saúde, que dispõe sobre normas éticas para pesquisas com seres humanos.

As egressas professoras da Escola Normal foram selecionadas para a realização da pesquisa com total esclarecimento sobre o seu tema e objetivos, assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), conforme exige o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), encontra-se em apêndice A.

Apresentada a metodologia da pesquisa com as professoras egressas, a seguir abordo a exegese da memória, adentrando nos aspectos teóricos e práticos por meio da temática discutida nesta tese.

Exegese³⁴ da memória

O estudo da memória constitui-se em interesse dos especialistas de diversos campos do conhecimento, como antropologia, arquitetura, história, pedagogia, psicologia, neurociência, sociologia e outras. Todavia, nesse inciso busco dialogar sobre a memória a partir das narrativas das professoras egressas da Escola Normal.

Mas, antes de tudo, anseio refletir sobre o conceito de memória.

Memória!
 Se retornasse o tempo
 estimaria ser poeta
 escrever poemas
 das minhas reminiscências
 expressar entre versos
 o sertão e o litoral
 o nordeste e o sudeste
 o sorriso e as lágrimas
 o sonho e a realidade
 o medo e a coragem
 a luta e a fadiga
 lugares onde vivi e percorri
 cantos por onde andeilhei
 pensamento que criei
 momentos que passei
 lutas que enfrentei
 e, através dos poemas,
 expressar o ser
 dentro de mim.
 (SILVA, 2022)

Início esta escrita com um poema de minha autoria, a fim de expressar meu encantamento pelas memórias, no interesse de discorrer com leveza o conhecimento adquirido a partir de leituras pertinentes.

Neste inciso, comento sobre memória à luz de teóricos clássicos e contemporâneos, tendo em vista a relevância da referida temática para a sociedade moderna.

Por tratar-se de uma tese sobre memórias de professoras egressas da Escola Normal, sinto-me inspirado em escrever este item denominando-o de exegese da memória, trazendo informações tão discutidas por teóricos de diferentes épocas.

³⁴ Análise, explicação ou interpretação de uma obra feita de maneira cuidadosa. Comentário cujo propósito é esclarecer ou interpretar detalhadamente um texto, uma expressão ou **uma palavra**. Significado retirado do dicionário online de português, DÍCIO. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/exegese/>. Acessado em: 23 de abril de 2022. (grifo do autor)

Nesta parte, trago ao leitor uma reflexão apurada de leituras que me direcionaram a refletir sobre memórias. Por meio das memórias se dá voz ao receptor, independentemente do grupo social, seja pobre, índio, negro, sem-teto, retirante, mulheres, professores ou outras categorias.

Aqui descrevo memórias apontando elementos sobre as professoras egressas de uma escola que, por décadas, formou normalistas para o exercício efetivo do magistério. Essas mulheres - professoras, mães, avós, cristãs - são detentoras de experiências de aprendizado ao longo do tempo que lecionaram na Escola Normal.

Todavia, ouvimos falar em memórias das mais diversas categorias, nas vozes de professores, idosos, negros, mulheres, sem-teto, garís e outras classes que ampliam a história da Educação no Brasil.

Quando adentrei o estudo de memórias, dispus da vontade de conhecer, concedendo voz às professoras egressas da Escola Normal, a construção da história regional.

Debrucei-me sobre o discurso das memórias, à procura de conhecimentos teóricos respaldados por autores que investigam esse campo de conhecimento, dando ênfase a uma intensidade de reflexões.

Ao passo que fazia as leituras, percebi que essa temática não é recente. É notório que a memória sempre esteve diretamente ligada ao campo da neurociência e psiquiatria, com espaço nas áreas de ciências sociais e humanas, como, artes, direito, história, letras, pedagogia, sociologia e outras.

Portanto, na história da educação, a memória envolve espaços que dialogam com uma reflexão à luz da formação docente, de instituições educacionais, períodos e outros temas, que fazem embarcar nas histórias dos sujeitos que, necessariamente, constroem sua trajetória, por meio de narrativas.

Dessa forma, escrevo amparado por reflexões que julgo pertinentes ao embasamento da temática a qual me interessa debruçar. E as egressas professoras da Escola Normal, como sujeitos da pesquisa, trazem narrativas das memórias que dialogam com o campo educacional, a partir do *lócus* onde passaram parte da vida, lecionando, dialogando, instruindo e emocionando-se.

Por meio das lembranças, as professoras narram relatos de vivências que direcionam as emoções, razões, afetos e bravuras que o tempo marcou em seus percursos. Ao longo do texto, a memória surge a partir da subjetividade, distinguindo

os momentos de alegrias, anseios, tensão, suavidade e adversidade que os percalços ofereceram às entrevistadas.

A memória das professoras egressas dá-se por meio da história oral, outras metodologias caberiam nesta tese, mas optei por esse método, dando abertura para outros trabalhos, a partir da memória autobiográfica, biografia, ego-história e narrativas de si, enquanto metodologias referenciadas para um trabalho posterior.

Todos os métodos que direcionam a trabalhar com a memória são importantes, pois nenhum deles seria possível se não houvesse a memória. Izquierdo (2011, p. 11) argumenta que “memória” significa aquisição, formação, conservação e evocação de informação. Aquisição, também chamada de aprendizado ou aprendizagem: só se “grava” aquilo aprendido.

Quando nos prontificamos a discutir uma temática, partimos do princípio de que precisamos dialogar com o que se aprendeu e está na memória. Entretanto, estudiosos da memória compreendem que essa temática não é unívoca, uma vez que ela é compreendida de variadas facetas como é estudada no campo das ciências sociais.

Jó Gondar (2010, p. 50) cita Virginia Woolf, em *Orlando*, quando diz: “memória é inexplicável”. Se não podemos nem mesmo defini-la, como esgotá-la com explicações? Segundo a autora, quem explicaria a memória? Seria imprudente descrevermos conceitos acabados como se existisse uma definição unívoca para um tema tão questionado nos últimos dias, de modo minucioso, na história da educação.

Iván Izquierdo (2011, p. 15), psiquiatra renomado que discorreu sobre o campo da memória, “afirma que só lembramos daquilo que gravamos, aquilo que foi aprendido”. Nesse pensamento compreendo que, quando as professoras narram suas reminiscências, é porque elas estão gravadas em suas memórias.

Para alguns estudiosos, a memória remete apenas ao passado, fixo ou estável. No entanto, a memória está relacionada com o presente, passado e futuro. Segundo Nery (2020), não existe memória unívoca em nenhuma área do conhecimento, mesmo no interior de cada disciplina ela é controversa.

A autora (2020) ainda afirma que a memória é pessoal, coletiva e remete a esquecimento, uma vez que, ao longo dos dias e anos, esquecemos daquilo que não interessa, aquilo que não nos marcou. Assim, compreende que ninguém se lembra em que ano foi construída uma casa malfeita no outro quarteirão ou onde vivia aquele

colega da escola com quem tivermos pouco contato, pois se a memória remete à lembrança, também envolve esquecimento.

Por outro lado, a memória ainda diz respeito a emoções a partir de situações inesperadas, a exemplo de sermos bons e piedosos quando lembramos os mortos, embora em vida os condenássemos.

Para Nery (2020), existe a possibilidade de esquecimento daquilo que nos feriu, da mesma forma que, em momentos desesperadores, lembramos dos bons acontecimentos. Por outro lado, a memória individual é vista por autores clássicos e atuais como uma memória inexistente, embasada com praticidade apenas na memória coletiva.

Ainda segundo a autora, até os textos que escrevemos não são somente nossos, ou seja, quando escrevo, quando narro, é um acontecimento vivenciado pelo meio e por meus pares, ainda que existam aqueles que defendem essa memória como um choque, um momento pessoal.

Segundo Halbwachs (2013), a memória social constitui-se a partir de experiências vividas por grupos sociais e se articula com a oralidade, a pluralidade e a sociedade civil, enquanto a memória histórica (individual) é da ordem do registro textual e produzida a partir do poder, relacionando-se com a textualidade, a unicidade e o estado.

Quando reflito sobre esses pontos da memória, adentro em reminiscências das egressas professoras que envolvem tempo e relações simbólicas. Santo Agostinho, em suas *Confissões*, ainda na Idade Média, proferia que só existe o tempo presente, pois o tempo passado é a memória de um presente que passou e o futuro ainda não veio, o futuro é projeção e o passado, a memória

Halbwachs (2013) comunica que toda memória individual e coletiva parte de uma relação sócio-histórica. Podemos perceber que os acontecimentos pandêmicos de 2020 surgem dessa relação memorável. Portanto, compreendo que a memória social é antiga, o próprio Halbwachs (2013) descreve que no início do século XX a memória era foco de outros pensadores, como Nietzsche, Bérson e Freud, sendo um campo que possui autores clássicos, como, além de Halbwachs, Pierre Nora, Le Goff, Michael Pollack, Santo Agostinho e outros.

Esses teóricos produzem conceitos sociais que foram e continuam sendo importantes para se estudar a memória, levando em consideração que esses

conceitos não foram criados do acaso. Essas opiniões são criadas a partir de problemas sem os quais perderiam sua razão de ser.

Quando outras contingências sociais se transformam, outros problemas são descobertos. É preciso novos conceitos para respondê-los, sem que os conceitos existentes percam seu vigor, pois permanecem relacionados aos problemas anteriores. Se não entendo, não são suficientes para responder aos novos problemas.

Discutir memória é discutir conhecimento, ou seja, são as heranças (Nery, 2020). Escrever as heranças das professoras que trazem contribuições significantes para a educação é traçar um percurso de sua infância à fase adulta.

Nessa intensidade, percebo que as professoras egressas da Escola Normal narram lembranças que conservam consigo quando discorrem sobre sua naturalidade/infantil.

Tabela 1 – Narrativas da naturalidade das professoras egressas

<p>Professora: Vilma de Lourdes.</p>	<p>Sou natural da cidade de Serraria/PB e na minha infância meus pais se mudaram para o município de Borborema, ali num lugarzinho perto do Roncador, onde meus pais passaram sete anos. Depois desses sete anos e alguns meses, meu pai comprou uma casinha em Moreno, um distrito que logo passou à cidade, hoje é a cidade de Solânea. Meu pai se chamava Severino Candido da Silva, era agricultor, minha mãe, Josefa de Sena Silva, cuidava da casa. Na época tinham seis filhos, e fomos morar em Moreno. Mas antes, durante um período de quatro a sete anos, meus pais me colocaram para estudar e aprender as primeiras letras numa escola pertinho do sítio. Meus pais diziam que eu era muito inteligente, pois gostava de aprender a ler rápido, queria ser destaque.</p>
<p>Professora: Claudia Michelino</p>	<p>Meu nome é Cláudia Michelino Targino de Souza, estou com 50 anos, sou filha de Valdemar Targino de Souza e Josefa Maria de Souza. Os meus pais e eu somos naturais de Bananeiras/PB, sendo que na minha casa somos quatorze irmãos, dez homens e quatro mulheres. Todos os meus irmãos nasceram na casa em que meus pais moravam, na zona rural em Bananeiras, mais precisamente no sítio Estivas. Porém, quando eu nasci, eles já haviam se mudado para a cidade, de forma que sou a única dos meus irmãos que nasceu no hospital. O meu pai era analfabeto, não tinha estudo, era agricultor, tinha terra, lidava com a terra, comercializava. Como somos de Bananeiras, seu comércio era com a plantação de bananas, mas também era marchante e cuidava e lidava com troca e venda de gado. Minha mãe era dona de casa, estudou até a 4ª série, sabia ler um pouco, tinha as dificuldades dela. Casou-se muito jovem, teve muitos filhos, vivia naquela vida de dona de casa, exclusivamente para cuidar do marido e dos filhos.</p>
<p>Professora: Francillanes Rodrigues</p>	<p>[...] nós morávamos em São Paulo. Minha mãe teve a oportunidade de ir para um projeto da creche municipal lá do nosso município, que formava ambiente de creches nas residências. Então, fui tomando gosto por escola, até que eu vim morar na Paraíba. Eu vim para Solânea com 10 anos, estudei em Bananeiras, na Escola Xavier Júnior e no Colégio José Rocha Sobrinho. Sou filha de um pai muito tradicionalista, ciumento e ignorante, que dizia: “minha filha nunca vai estudar no Colégio Agrícola, minha filha não vai estar naquele ambiente cheio de homem, minha filha tem que estudar na Escola Normal”. Eu sou solanense, meu pai residia em Bananeiras, onde hoje é o coreto, após a reforma da praça, existia um restaurante cujo proprietário era o meu pai. Quando completei um aninho, fui para</p>

Tabela 1 – Narrativas da naturalidade das professoras egressas

	São Paulo e morei lá até os 10 anos. No segundo semestre, quando eu tinha 10 anos, fui transferida de lá para o Xavier Júnior, onde concluí a quarta série e fiquei até hoje. A família de minha mãe é de São Paulo, a de meu pai é toda de Bananeiras. Meu pai era muito ciumento, opressor, ele tinha ideia de que era melhor estudar em Bananeiras, próximo da minha família, do que em Solânea, então minha trajetória foi toda em Bananeiras.
Professora: Maria Goretti	Venho de uma família humilde, de agricultores, mas minha mãe e meu pai deram todas as condições para que nós pudéssemos estudar. Como éramos filhos de pobres agricultores, de família humilde, tínhamos que crescer na vida através dos estudos e, sofridos, já que era época de dificuldades financeiras, tínhamos dois caminhos: estudar e trabalhar ou só trabalhar. Minha mãe, porém, era aquela pessoa que nos incentivava para que tivéssemos uma formatura. Tínhamos que nos formar! E ela sempre dizia que nós tínhamos que estudar e que, se dependesse dela, seríamos profissionais do futuro. E isso aconteceu!

Quatro histórias, quatro narrativas, quatro mulheres, épocas distantes, mas que se encontraram no chão da Escola Normal e trazem na descrição o que alguns teóricos chamam de narrativa da infância, e essas também são coletivas, uma vez que se constroem entre os pares.

Podemos compreender, por meio das falas das professoras egressas, que elas vêm de família simples, são filhas de pais analfabetos ou que têm apenas o primário, mas que acreditaram que, por meio dos estudos, suas filhas conseguiriam galgar um êxito que não tiveram oportunidade de obter, ou seja, a educação.

Como diz a professora Francillanes (2020)³⁵, “eu repito muito o início dessa trajetória quando estou em família, conversando... Porque ser professora é uma profissão tão árdua, tudo tão difícil”.

Na fala da docente, compreendemos que as demais passaram por momentos difíceis, principalmente quando têm origem no campo e estudam na cidade, quem vivenciou essas experiências sabe o quão difícil é esse cotidiano.

Anseio ouvir as professoras egressas que trazem episódios para contar, a partir de suas trajetórias de vida, como foi sua infância, focado na entrevista temática.

As narrativas de infância fizeram algumas egressas professoras emocionarem-se ao lembrarem episódios que, talvez, estivessem “adormecidos”, quando descrevem espaços que percorreram, suas conquistas e aprendizados que guardaram entre a família.

³⁵ Citação retirada do texto completo da entrevista que se encontra no Anexo I – Professora Francillanes Rodrigues.

Historiar pessoas é encantador, identifico-me em escrever sobre mulheres, historicizar sobre elas, ouvir suas narrativas, compreender o quanto são aguerridas, fortes, frágeis, trabalhadoras, sedutoras, simples, companheiras, tristes, felizes, enfim, essenciais.

Anseio ouvir as professoras que representam todas as outras centenas de mulheres que lecionaram e lecionam nas escolas públicas, particulares e filantrópicas em nosso país. Professoras que contribuíram e contribuem na formação de alunos de diversas etnias, raças, religiões, classes sociais, e que hoje estão aposentadas ou na ativa, mas que admitem o quanto é prazeroso ser professora, fazer parte da educação.

Percebo a relevância deste escrito por historicizar sobre as egressas professoras que contribuíram na formação social, intelectual, espiritual, ética e disciplinar dos normalistas na região do brejo paraibano.

As narrativas trazem explicações, são histórias que surgem por meio das memórias, são lembranças da vida, da escola, da comunidade. Elas foram motivadas a narrar sobre o que vivenciaram, viveram, sentiram, se emocionaram, choraram, compreenderam, entenderam e aprenderam ao longo do trajeto.

Por meio das narrativas das professoras egressas, entendo seus amores, encantos e encontros pela educação, regozijando em partilhar um pouco de sua trajetória, contribuindo com a história da educação.

Descrever sobre memória, é impregnar-se de narrativas, porque quando anotamos acontecimentos estamos indo ao encontro de memórias que em algum período foram guardadas e, através das narrativas, são resgatadas.

Ao entrevistar as professoras egressas, percebi que poderia resgatar as memórias do percurso de sua vida, mas restringi a entrevista à temática “educação”. Discorrer sobre as narrativas não é falar de reprodução, mas expressar sobre a continuidade e mudança, sendo necessário enxergar o mundo do qual faço parte, o mundo que eu construo.

Para Halbwachs (2013), o indivíduo que lembra é sempre um indivíduo inserido e habitado por grupo de referência, isto significa que a memória é sempre construída em grupo, mas é também, sempre, um trabalho do sujeito.

Chamam a minha atenção os relatos exemplificados que o autor descreve como memória coletiva, como, por exemplo, quando afirma que a criança lembra a partir de um grupo específico, isto é, quando não se tem a coletividade, provavelmente as memórias tendem a desaparecer com o tempo.

Portanto, o grupo referencial é aquele que o indivíduo fez parte, estabeleceu uma ligação de ideias, identifica-se e confunde-se em seu passado. O grupo está presente para o indivíduo e não necessariamente, ou mesmo fundamentalmente, pela sua presença física, mas pela possibilidade que o sujeito tem de retomar os modos de pensamento e a experiência comum, próprios do grupo.

Nesse sentido, as professoras, quando rememoram a infância, o fazem trazendo memórias que foram construídas através do meio que estavam inseridas, como descreve a narrativa da professora a seguir:

Tabela 2 – Lembranças de quando criança

Professora: Vilma de Lourdes.	Quando morávamos no sítio meus pais não eram evangélicos, passaram a ser depois que foram residir em Solânea. Um irmão dele era evangélico e orava muito por ele, e Deus fez uma promessa às irmãs de papai, dizendo que ele sairia daquele sítio e iria para a cidade de Solânea e naquele lugar a vida dele seria transformada e que ele e minha mãe serviriam a Deus juntamente com toda sua família. Desde pequenininha, eu já gostava de cantar e de orar. Quando meus pais aceitaram Cristo, às quatro horas da manhã já nos levavam para a oração matutina. Hoje essa oração já não existe mais, mas os pais levavam seus filhos e oravam das quatro às seis, seis e meia, sete e meia da manhã, e sempre participei de todas as orações. Eu estudava, mas nunca perdi o círculo de oração, evangelização, porque eu achava que Jesus estava em primeiro lugar, e foram meus pais que me deram bons ensinamentos.
-------------------------------------	--

Essa narrativa da professora Vilma vai ao encontro de Halbwachs (2013) quando afirma que a criança tem facilidade de lembrar o que vivenciou coletivamente. Podemos entender que as relações sociais, o grupo que se está inserido e a imagem constituem a lembrança. Por isso, a lembrança é sempre fruto de um processo coletivo e está sempre inserida num contexto social.

Para Halbwachs (2013), recordar é imprescindível e as lembranças precisam concordar, em certo ponto, com os pensamentos daqueles que viveram os mesmos momentos, porque esquecer determinado período/fato/evento de nossa vida é perder também o contato com aqueles que compunham nosso grupo social.

Não basta reconstituir pedaço por pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstituição funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aqueles e vice-versa, o que será possível se somente tiverem feito e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo (HALBWACHS, 2013, p. 39).

O autor distingue ser necessário que as invenções sejam restauradas e reconhecidas pelos membros do grupo. A partir do momento que deixa de existir esse

compartilhamento, os membros desse grupo social podem fazer os seguintes questionamentos:

Que importa que os outros estejam ainda dominados por um sentimento que outrora experimentei com eles e que já não tenho? Não posso mais despertá-lo em mim porque há muito tempo não há mais nada em comum entre mim e meus antigos companheiros. Não é culpa da minha memória nem da memória deles. Desapareceu uma memória coletiva mais ampla, que ao mesmo tempo compreendia a minha e a deles (HALBWACHS, 2013, p. 40).

Halbwachs compreende que ao lado da memória coletiva há ainda o apontamento da memória individual. E esta pode ser entendida como um ponto de vista sobre a memória coletiva, que pode sofrer alterações de acordo com o lugar que ocupamos em determinado grupo.

Somos seres de memória e o nosso organismo se encarrega disso. Onde se separa a memória individual e a coletiva? Será que só são memoráveis nos humanos, ou em outros animais também? Poderíamos entender a lógica cristã que respalda sobre o ser memorável.

Outrossim, Aristóteles dizia que todo animal tem memória, no entanto os humanos têm a capacidade de armazenar e desenvolver comunicação simbólica.

Somos culturalmente aconselhados a percorrer o caminho mais curto. Todavia, compreendemos que a aprendizagem não se dá apenas pela fala, mas pela forma que observamos e enxergamos as coisas.

A memória é um aprendizado e por isso a criança pega, por exemplo, em um objeto sujo acreditando ser normal, portanto, nós, adultos, interferimos informando que aquilo é sujo, nojento e que não deve ser pego. Assim, a criança começa a ser adestrada a saber o que fazer ou não em certas situações.

Outro questionamento importante sobre a memória como aprendizagem é refletir o que colocamos na geladeira. Colocamos fósforo (aprendizagem memorável)? Não, pois nos disseram que não é o local adequado.

Existe, então, uma estreita relação entre memória coletiva e memória individual. Para Halbwachs:

para que a nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser constituída sobre uma base comum (HALBWACHS, 2013, p. 39).

Ao abordar as distinções entre memória coletiva e memória individual, Halbwachs observa que os sujeitos são as primeiras testemunhas a quem podemos recorrer para que nos lembremos de acontecimentos passados.

Sendo assim, é possível compreender que o indivíduo está só apenas na aparência, pois leva com ele, em seus pensamentos, as pessoas e os grupos que, de alguma forma, passaram por sua vida e exercem influência sobre suas lembranças individuais.

Segundo Halbwachs (2013, p. 31), para termos melhores recordações devemos nos voltar para os outros membros do grupo e adotarmos seu modo de pensar e de agir. No entanto, a presença dessas testemunhas não seria suficiente para complementar nossas lembranças, algo delas precisaria estar preservado primeiramente em “nosso espírito”

Segundo Halbwachs:

Para que nossa memória se auxilie com a dos outros, não basta que eles nos tragam seus depoimentos: é necessário ainda que ela não tenha cessado de concordar com suas memórias e que haja bastante pontos de contato entre uma e as outras para que a lembrança que nos recordam possa ser reconstruída sobre um fundamento comum [...]. É necessário que esta reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aquele e reciprocamente, o que só é possível se fizerem e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade. Somente assim podemos compreender que uma lembrança possa ser ao mesmo tempo reconhecida e reconstruída (HALBWACHS, 2013, p. 31).

Sendo assim, o processo de construção da memória individual é constante e está essencialmente ligado à construção das memórias coletivas dos diversos grupos aos quais pertencemos. Como ressaltou Halbwachs, “[...] nossos sentimentos e nossos pensamentos mais pessoais buscam sua fonte nos meios e nas circunstâncias sociais definidas.”

A memória coletiva é defendida por Halbwachs como processo de reconstrução do passado vivido e experimentado por um determinado grupo social.

Nos dias atuais vivenciamos momentos difíceis, mas que os grupos nos ajudarão a rememorar em um futuro breve. Desse modo, por meio das memórias, guardaremos afáveis ou desafáveis lembranças, uma vez que a memória coletiva nos permite compreender o processo de rememoração, sem depender apenas de um indivíduo, mas que, de certo modo, parte das memórias do grupo a que pertencemos.

As questões pandêmicas, políticas e sociais que vivemos atualmente serão um passo de compreensão para as futuras gerações. Mesmo tudo estando incerto, os grupos passam a entender que a memória coletiva faz parte desse momento, mesmo que cada sujeito viva sua singularidade.

No entanto, Halbwachs não descarta a memória individual, que pode ser pensada como “memória ressignificada”, ou seja, a interferência da subjetividade do indivíduo no processo de rememoração. Não desconsiderando, então, a atuação do sujeito.

A mulher na atual conjuntura: reflexões contemporâneas

Refletir sobre a mulher no contexto atual é relevante para a discussão que proponho neste capítulo. Como ser singular, a mulher tem suas virtudes e forças, e quando em coletividade alcança o sucesso nas lutas que trava.

Através de poema de minha escrita, reflito sobre o fato de a(s) mulher(es) ser(em) a essência da alma em sua beleza.

Mulher é pétala,
Mulheres são rosas,
Mulher é frágil,
Mulheres são resistências.

Mulher é calma,
Mulheres são furacões,
Mulher é reflexo,
Mulheres são idealizações.

Mulher é trabalhadora,
Mulheres são anunciações,
Mulher é defensora,
Mulheres são cooperações.

Mulher é corajosa,
Mulheres são vitoriosas,
Mulher é doçura,
Mulheres são bravuras.

Mulher é cuidadosa,
Mulheres são vencedoras,
Mulher é persistência,
Mulheres são realizadoras. (SILVA, 2022)

A mulher, como ser único, é uma pétala, mas em conjunto com outras torna-se rosa, e mesmo que surjam os espinhos, as pelejas e atropelos, unidas elas vencem os desafios e contribuem para o crescimento social da comunidade, região ou nação.

Elas são referências de um ser humano sonhador, e quando unidas exercem títulos de defensoras, lutadoras e realizadoras.

Em sua trajetória, a mulher vem ingressando no campo social, cultural, religioso, econômico, político e, sobretudo, educacional, contribuindo com as gerações futuras. Dessa forma, aponto reflexões a partir do meu olhar sobre o papel da mulher na educação atual, demonstrando as conquistas que tiveram ao longo do tempo por meio de lutas, movimentos e resistência.

Historicamente inúmeras mulheres perderam sua vida em lutas, almejando melhores salários, ingresso no mercado de trabalho e igualdade de direitos, sobretudo na educação. Muitas delas não gozaram das realizações sonhadas, mas deixaram como legado para as mulheres atuais o exemplo de lutadoras numa sociedade enraizada de conflitos, preconceitos, machismo e outros males sociais. No entanto, graças às conquistas de mulheres pioneiras nos movimentos de lutas que atualmente rememoramos essas reminiscências históricas.

Destarte, ao longo da história a mulher sempre procurou por sobrevivência no campo profissional, fosse como agricultora, cuidadora, gari, pedreira, caminhoneira, cantora, médica, professora, etc. Outrossim, sempre houve o impedimento para que ingressassem no mercado de trabalho, e no âmbito educacional não foi diferente, a prevalência era do sexo masculino, o conhecimento era direcionado aos homens, especialmente àqueles de classe abastada, que tinham poder aquisitivo diferenciado, numa prática entrelaçada pela cultura do machismo.

As reflexões aqui discorridas dialogam entre teorias literário-acadêmicas e as mulheres egressas da escola normal, sujeitos de investigação desta tese, que farão o leitor compreender a dimensão do papel da mulher nordestina, paraibana e interiorana na sociedade brasileira em seu tempo vivido.

Por tratar das memórias de mulheres que lecionaram na escola normal e muito contribuíram na formação de moças e rapazes do interior paraibano, faz-se necessário discutir nesta tese a importância da mulher no cenário atual, dialogando com a educação.

Portanto, é pertinente pensarmos sobre essas mulheres que são mães, batalhadoras, estudantes e professoras e que fizeram parte da construção histórica local/regional, a partir de 1983, quando adentraram como educadoras na instituição normal, quebrando paradigmas da cultura vigente impregnada de preconceitos.

É notório que essas professoras egressas da escola normal viveram a infância em sociedades rurais/agrícolas, superando o desafio de caminhar até os centros urbanos para realizar o sonho de estudar e buscar conhecimento, especialmente no campo da educação, o que demonstra o apoio das famílias, enfrentando os preconceitos sociais.

As mulheres se sobressaem na formação docente, no lidar com as crianças da educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental. O que antes era um ofício atribuído aos homens, passou a ser considerado pertinente para a mulher, aquela que cuida, protege e inspira a criança a uma formação humanizada.

Sendo assim, trago um poema de Faria (1989) - *Ser mulher* - que versa sobre a mulher que constrói sua trajetória e possivelmente sua história, descrevendo sua importância na sociedade e em seu tempo, seja em época passada ou presente.

SER MULHER

Quem é essa mulher?

Professora, mãe, esposa

Quem é essa mulher?

Medrosa, insegura, fugidia

Quem é você, mulher?

Sem rosto

Assexuada

Do homem

Para o homem

No homem

Quem é você?

Ente feminino

Imaginário

Etéreo

Entre filós, batons e mamadeiras

Quem é você?

Seu sexo

Sua vontade

Seu desejo

Quem é você

Início – fim

Meio – começo

Novelo de lã embaraçado

Procuro a ponta

E não acho

Quem é você

Mulher brasileira

De tanta história

Masculina

De pouca história

Feminina

Quem é você?

Nessa procura

Busca

Descoberta

Meio menina

Adolescente

E não mulher
 Coisa sofrida
 Reprimida
 Espremida
 Como é que é
 Afinal
 Ser mulher? (FARIA, 1989, grifo nosso)

A autora aponta alguns elementos na narrativa que dialogam com a vivência das mulheres egressas da escola normal, quando pergunta quem são essas mulheres, professoras, mães, esposas, inseguras, fugidias, medrosas...

Essas mulheres são as experiências e vivências do passado e do presente projetadas no futuro. Por meio desses apontamentos, podemos refletir sobre o papel da mulher que se descobre na sociedade e opta por ser professora, educadora, mediadora, contribuindo, ao longo da vida, com a formação de sujeitos na sociedade.

Todavia, para que as mulheres galgassem espaços na sociedade, ocorreram inúmeras lutas e manifestos. Faria (1997, p. 45) nos diz que “não é por acaso que, ainda em 1986, duas mil mulheres participaram em Brasília do Encontro Nacional, Mulher e Constituinte, preocupadas com a garantia de suas reivindicações na nova Carta Constitucional”.

As mulheres sempre buscaram seus direitos na sociedade, defendendo suas causas através de reivindicações, reuniões e encontros em prol de melhorias e concessões. Nesse sentido, a década de 60 foi bastante marcante para nossa sociedade por ter sido o momento de consolidação dos valores que levaram ao protagonismo da mulher (FARIA, 1997, p. 16).

A mulher está evoluindo com o tempo, fazendo com que sua voz seja ouvida em ambientes políticos, culturais e econômicos. E assim ela vai buscando se libertar de preconceitos, principalmente do machismo, com resiliência, conquistando espaços que antes só eram permitidos aos homens e sem deixar de lado o intrínseco e extrínseco de ser mulher, lutando pelo que acredita junto com seus pares, coletivamente.

A fonte da libertação das mulheres reside numa "compreensão adequada do processo de reprodução", numa avaliação das contradições entre a natureza do trabalho reprodutivo das mulheres e a mistificação ideológica (masculina) deste. Para Sulamith Firestone, a reprodução também era uma "amarga armadilha" para as mulheres. No entanto, na sua análise mais materialista, a libertação viria das transformações na tecnologia da reprodução que poderiam, num futuro não demasiadamente longínquo, eliminar a necessidade dos corpos femininos como agentes da reprodução da espécie (SCOTT, 1990, p. 77).

Podemos dizer que com o avanço da ciência e da tecnologia surgiram as transformações que levaram à libertação e ao progresso da mulher em todas as esferas sociais, mesmo que timidamente, mas ainda se tem muito a conquistar. Portanto, no campo da educação a mulher progrediu em diversos setores, seja como professora, gestora, coordenadora, pesquisadora, mediadora ou conselheira, entre outras ramificações.

Esse combate ao machismo está permeado pelas diversas opções de espaços que a mulher ocupa hoje em dia e que antes só eram permitidos aos homens, como se só eles tivessem competência para exercer determinadas funções e merecessem o respaldo da sociedade. Nessa perspectiva, testemunhar o ingresso de mulheres em cursos como Medicina, Direito ou Administração, entre outros, é quebrar paradigmas machistas.

Mediante essas reflexões sobre o trajeto que a mulher percorre na sociedade atual, percebemos que o que se vive hoje foi conquistado pelo que está na memória do ontem dessas lutadoras e conquistadoras que deram a vida para se tornarem visíveis nos ambientes acadêmicos e em profissões que não eram permitidas à mulher no passado.

Por isso é importante que reflitamos sobre como as memórias que vivenciamos ou vivemos são relevantes, especialmente ao historicizar a mulher deste século, pois, segundo Faria (1997), alguns registros antigos norteiam a relevância da relação entre o passado e o presente quando esta ocorre por meio de narrativas de memórias antigas.

A nova mulher do século XXI deverá ser entendida por nós não mais numa abordagem evolucionista natural ou numa simples perspectiva quixotesca. Assim também um antigo mito como a revolução, que traria todas as respostas aos problemas sociais e políticos, é atualmente questionado pelos seus primeiros formuladores na década de 60 (FARIA, 1997, p.53).

A mulher do século XXI, mesmo enraizada num passado historicamente labutador, quebra tabus, enfrenta preconceitos, une-se em busca de melhorias e abraça causas sociais. Essas mulheres, sejam do interior ou capital, da roça ou zona urbana, vivem o presente, questionando, posicionando-se diante da sociedade, buscando igualdade e equidade, elementos emergentes na atualidade.

Quando pensamos na sociedade machista de séculos ou décadas passadas, vemos seu reflexo na sociedade atual. O machismo estabelecido abertamente faz com

que a sociedade persiga, explore e desmereça o papel da mulher, na medida em que, apesar de ser reflexo do que já se passou, ele continua ainda arraigado.

Quando discutimos a formação educacional brasileira a mulher se sobrepõe no que diz respeito ao ato de ensinar. No entanto, ela ainda é vista como a professorinha, a coitadinha, o ser fragilizado, vítima da sociedade. Percebe-se que os professores são mais temidos do que as professoras, numa alusão à fragilidade feminina. Recordo um trecho da música *Mulher (Sexo Frágil)*, de Erasmo Carlos, que quebra esse tabu que supõe a mulher como um ser fraco, quando, na verdade, ela sempre foi forte:

Dizem que a mulher é o sexo frágil
Mas que mentira absurda!
Eu que faço parte da rotina de uma delas
Sei que a força está com elas (ERASMO CARLOS, 1981).

O trecho da música nos faz compreender a fortaleza da mulher, aquela que dá à luz, gera vida, cuida de casa e dos filhos, trabalha fora, ajuda a comunidade, acaricia o esposo e harmoniza a paz familiar. E na educação a mulher é aquela que passa mais tempo convivendo com alunos, professores, gestores, coordenadores, auxiliares, merendeiras etc. do que com seus próprios familiares.

Pensemos cuidadosamente acerca dos modelos e valores transmitidos pelas escolas e famílias da década atual e quais os novos imaginários sociais que começam a ser construídos para outras gerações a partir das transformações (FARIA, 1997, p. 97). As transformações proferidas pela autora remetem a uma esperança para o tempo presente e futuro.

Contudo, é importante compreender que as professoras egressas da escola normal começaram a lecionar ainda muito jovens, adquirindo valores e reforçando a importância do papel da professora na sociedade, bem como as relações que a educação tem em toda sua esfera. Faria (1997, p. 97) ainda afirma que o processo de formação de crianças e jovens ocorria prioritariamente através da ação feminina, no lar ou na escola, por meio da mãe e da professora.

Assim, as instituições - escola e família -, bem como o processo de formação de professoras, foram fatores determinantes na década de 60, uma vez que esse cuidado com a criança se dava a partir do caminhar da mãe no lar, daquela que cuida, que está atenta aos cuidados das crianças e dos jovens. Podemos então dizer que a educação dos anos 80, recorte inicial da pesquisa, já se direciona às crianças e aos jovens em sala de aula.

Os avanços conquistados pelas mulheres na década de 80 impactaram diversos movimentos, estabelecendo as primeiras políticas públicas referentes à questão de gênero. Daí surgiram o primeiro Conselho Estadual da Condição Feminina, em 1983, e a primeira Delegacia de Polícia de Defesa da Mulher, em 1985, ambos no estado de São Paulo.

Da mesma forma, iniciaram-se as lutas contra a violência doméstica, pela igualdade salarial, por direito a creches, acesso ao poder, candidatura, democracia e outras reivindicações relevantes almejadas pela mulher, que, na década de 90, já se encontrava mais alerta e evoluída, a ponto de conclamar, como bem citou Faria (1997):

Não somos mais as dóceis e casadouras professorinhas. A mulher dos anos 90 exige outras relações em seus papéis sociais, com o homem, os filhos, ou como professora. Já é tempo de a escola despertar para a questão do gênero e incorporá-la às suas preocupações (FARIA, 1997, p.164).

A mulher professora e educadora dos anos 90 é a que respeita e exige ser respeitada e, como aponta Freire (2015), reflete a partir de sua prática e de sua vivência, construindo sua biografia à medida que tece narrativas de si, para si e para o outro, como fez Rose Marie Muraro ao “ouvir a sua voz” presente em sua autobiografia *Memórias de uma mulher impossível* (1999). O ato de escrever sua própria história de vida provém da ideia de compreender sua experiência como relevante para outras pessoas (MURARO, 1972).

É importante salientar que a mulher, em sua magnitude, partilha saber, experiências e vivências individuais, por outro lado nasce “a mulher plural que surgiu da diversidade de suas funções domésticas e públicas” (FARIA, 1997, p.164). Assim, a autora nos faz entender as outras possibilidades que a mulher ponderada descobre por meio do conhecimento, não se escondendo detrás de um fogão ou assumindo apenas aquilo que a sociedade impõe à mulher como “sujeito do lar”, aquela que não tem outras funções além da casa, filhos e afazeres domésticos.

Muraro (1999) diz que:

Acho que a raiz do meu desejo de justiça nasceu exatamente aí. E também da minha opção por ficar do lado dos oprimidos. Aquele mundo de matar ou morrer não era meu mundo. Do fundo do meu ser brotou uma ira sagrada, que iria guiar minha ação a vida inteira. Da minha família, eu era a única que tinha esse sentimento com tanta intensidade. (...) E foi assim que a vida me preparou para que eu pudesse jogar inteira no trabalho pela construção de um mundo novo. Naquele momento e, pela primeira vez, eu estava entrando em contato concretamente com a lógica do capital. Não como os pobres e a classe média entram, achando que é uma ordem mais ou menos natural, mas

como alguém que havia conhecido os dois lados, e por isso via como a lei do mais forte, que parecia mecânica e inexorável, não era, podia ser revertida se as pessoas fossem simplesmente humanas, e não escravas da ambição. (...) (MURARO, 1999, p. 57 e 58).

Muraro descreve essa mulher com sede de justiça, que não quer exercer a função do opressor, igualando-se aos oprimidos, até porque, em todas as épocas, a mulher era um sujeito oprimido por uma sociedade opressora. Quando algumas delas se soltam das amarras do oprimido, buscam resgatar outras mulheres do cárcere em que viviam. Isso nos leva a pensar que, apesar desse grito de mulheres inconformadas com os desmandos existentes na sociedade, em nosso século muitas mulheres ainda têm o “grito preso na garganta”, buscando forças em outras mulheres para se libertarem das correntes que as oprimem.

Embora não estejamos no melhor tempo de liberdade da mulher, vivemos um tempo de dialogar, questionar, refletir, interrogar, em que todos esses verbos nos fazem entender que a mulher evoluiu e tem avançado em todos os níveis, ainda que de modo tímido, na sociedade contemporânea.

Portanto, ao ler depoimentos de mulheres através das memórias, narrativas, da história oral, biografia ou autobiografia fica nítido que a todo tempo elas vêm demonstrando um processo evolutivo social, como Mignot e Souza (2015) apontam ao se referirem aos estudos (auto)biográficos.

O teor epistemológico e teórico metodológico possibilita a aumento de princípios sobre os estudos **(auto)biográficos**, ao investigar outras abordagens e fontes que vem sendo utilizados em pesquisas no campo educacional, quanto em diferentes práticas de formação direcionada à formação inicial e continuada, como também por meio de publicações que subsidiam os estudiosos, no que se refere aos diversos modos no campo da pesquisa (MIGNOT e SOUZA, 2015, grifo nosso).

Podemos assim dizer que a partir de outras (auto)biografias surgirão novos embates, discursos, questionamentos e apontamentos para uma reflexão mais atuante no cenário que vivenciamos. Quando lemos as narrativas das professoras egressas da escola normal, enxergamos suas conquistas, anseios e lutas e refletimos sobre a conjuntura atual que outros professores vivenciam.

A mulher gosta de refletir a partir de outras trajetórias, como lembra Ecléa Bosi (2003), que escreve, dentre várias narrativas, as de mulheres idosas que tiveram suas reivindicações ao longo da história e contribuíram com a sociedade. Nessa perspectiva, as mulheres docentes egressas da escola normal também assumiram narrar suas histórias para que sirvam de memórias a outras gerações.

As narrativas são importantes para delinear outras histórias, como diz Silva e Cunha (2019, p. 216): “Gostar de narrativas é gostar de ouvir a história do outro, é fazer com que o diferente busque nas suas memórias, lembranças de uma vida e logo estimulá-lo a narrar com descrição o que viveu ou sobreviveu, sentiu, emocionou-se, chorou, compreendeu, vivenciou, entendeu, aprendeu, arrependeu-se por um tempo”. Trazendo elementos de construção histórica para entendermos as sociedades anteriores, as narrativas por meio de depoimentos, especificamente as das mulheres, nos fazem compreender o trajeto percorrido desde sua infância, passando pela juventude até chegar à velhice. Através dessas narrações vivenciamos um tempo que não vivemos. Mignot e Souza (2015) trazem elementos de uma narrativa por meio dos diversos eixos a serem pesquisados.

[...] Pesquisa (auto)biográfica, fontes e questões; Espaços formativos, memórias e narrativas; Infância, aprendizagem e exercício da escrita; Narrativas digitais, memórias e guarda; (Auto)biografia, literatura e história; Escrita de si, resistência e empoderamento; Histórias de vida, gênero e educação – teve trabalhos que expressam a valorização das subjetividades, dos processos memorialísticos, das histórias de vida e autobiografias, com abordagens mais frequentes em práticas de formação e em história da educação. Um breve exame dos eixos temáticos e dos trabalhos apresentados têm, com frequência, inspirado a proposição de investigações e modalidades de intervenção prática (MIGNOT e SOUZA, 2015).

A educação traz suas diversas abordagens no percurso da história, seja macro ou micro, com seus vieses de ensino e aprendizado numa perspectiva de conhecer através das experiências vividas. Para que a mulher tivesse seu espaço e pudesse ingressar no campo educacional foi preciso que houvesse uma série de reivindicações constantes, debates e movimentos.

As estruturas educacionais respaldam-se por meio da história através de documentos como leis, escritos, depoimentos, pesquisas acadêmicas, narrativas, história oral e outras fontes que contribuem para a educação com o olhar esperançoso de (re)lutas que vêm acontecendo ao longo do tempo.

Portanto, em pleno século XXI, ainda lemos depoimentos de mulheres que não estudam, não trabalham fora de casa, dedicam-se aos serviços domésticos, limitando seus sonhos e desejos, estando à mercê da própria opressão, sem que sejam apoiadas, compreendidas, amadas, cuidadas e incentivadas a percorrerem os trajetos dos desejos que guardam em si mesmas.

Portanto, infelizmente a mulher ainda vive a invisibilidade social, sendo vista como a sofrida, a que ganha menos, que é mais suscetível a fazer tudo e ganhar

pouco. Todavia, apresento um trecho da letra da música cantada por Luiz Gonzaga, que diz:

Quando a lama virou pedra
 E Mandacaru secou
 Quando a ribaçã de sede
 Bateu asa e voou
 Foi aí que eu vim me embora
 Carregando a minha dor
 Hoje eu mando um abraço
 Pra ti pequenina
 Paraíba masculina
 Muié macho, sim sinhô
 Paraíba masculina
 Muié macho, sim sinhô (Luiz Gonzaga, 1950)

A letra dessa música representa o perfil forte da mulher brasileira, nordestina, guerreira, que trabalha para sustentar a família, mesmo quando o esposo a abandona e vai para o sul à procura de melhorias. Essas mulheres fervorosas muitas vezes ficam sozinhas, com os filhos ainda pequenos, recebendo pouca ajuda do homem e mesmo assim dão conta do serviço de casa e do apoio à família. A realidade é que essa mulher está em todas as regiões brasileiras - Norte, Sul, Nordeste, Sudeste e Centro-Oeste – e se levantam ao cantar do galo, bem cedo, para iniciar seus afazeres juntamente com os filhos.

Mulheres que andam a pé, de carro, em animais, em trens, metrô, ônibus, barcos... Mulheres que se doam pelo outro, esquecendo-se de si, vivem em prol dos seus e, na maioria das vezes, são esquecidas por eles. Contudo, em cada mulher há um ser amoroso, fervoroso, que tão somente deseja uma sociedade que a olhe com orgulho.

A mulher brasileira tem história, e ela inicia-se antes do Brasil Colônia, com a mulher indígena, as mulheres tribais fortes e resistentes que, com a chegada dos colonizadores, se fizeram ainda mais obstinadas, dando a vida para salvar os seus e correndo riscos para proteger as crianças. Essas mulheres das aldeias, pouco lembradas, já existiam antes da miscigenação e precisam ser lembradas.

A mulher brasileira é a mistura de negros, brancos e indígenas e ainda sofre preconceitos por causa da cor da pele, classe social e até mesmo aparência. Ainda assim, não deixa de ser mulher. De qualquer forma, seja a mulher que for, não depende mais do homem para trocar um gás, uma lâmpada ou dirigir um carro. Elas sobressaem-se à frente do homem em determinadas atividades.

A mulher do lar, calada, irresistente, silenciada, que observa atos acontecendo e nada pode fazer, muitas vezes é inspirada por outras mulheres que se posicionam em determinadas situações e cria coragem para pelejar e reconhecer sua força e capacidade para vencer, saindo do casulo e batendo as asas para outras flores que estão a esperar.

Quando refletimos sobre as mulheres do tempo do Brasil Colônia, vemos que era comum que elas assistissem seus maridos ausentarem-se de seus dormitórios para ir se juntar a negras mucambas, buscando afago. Dessa forma, a esposa era abandonada e tornava-se rival da empregada, sendo tratada com desdém, sem que a outra fosse culpada por essa agressão de seu algoz.

Através das leituras sobre memória nos livros de história da educação, conhecemos narrativas sobre o homem procriador, com seu jeito machão de dominador, aquele sujeito que manda e desmanda, enquanto a mulher sempre era tida como coitada e ficava à mercê de seus caprichos (ARANHA, 2016). Todavia, após o Brasil colonial, a mulher lutou por espaço na sociedade, buscando melhorias, mesmo que ainda oprimida pelo machismo, sem deixar de estudar, debater e fazer atividades que antes só eram permitidas aos homens. Ou seja, a mulher buscou escapar da cultura do machismo imposta pela sociedade que estava impregnada dela.

Contudo, adveio o Brasil imperial, uma nação que andava a passos curtos, lentamente superando as cicatrizes, passando por vários períodos até alcançar o século XXI, quando inúmeras lutas foram travadas para que as mulheres se libertassem do estigma de mulher do lar e conquistassem espaço nos mais variados campos. No século XXI as mulheres valentes, independentes e organizadas, ainda que malvistas e esquecidas, gritam, articulam, fazem a diferença. Nos quatro cantos do país as mulheres arriscam a vida para estudar, trabalhar e enfrentar os preconceitos e os olhares enviesados de parte da sociedade. E no nordeste não é diferente!

Hoje a mulher tem o olhar de águia, cada vez mais intensa. Chico Buarque, compositor sensível à alma feminina, sempre exalta as mulheres nas letras de suas músicas, valendo-se de uma delicadeza poética sem igual. Na música que irei expor, ele apresenta conceitos reflexivos sobre a mulher. Mulher que é amor, sorriso, flor, encanto, graça, perdão, mulher fruto da ira, que é, sobretudo, a coragem de caminhar.

Em *Mulher, vou dizer quanto eu te amo*, Chico Buarque diz assim:

Mulher, vou dizer quanto eu te amo
 Cantando a flor
 Que nós plantamos
 Que veio a tempo nesse tempo
 Que carece dum carinho
 Duma prece, dum sorriso
 Dum encanto
 Mulher, imagina o nosso espanto
Ao ver a flor que cresceu tanto
 Pois no silêncio mentiroso
 Tão zeloso dos enganos
 Há de ser pura
 Como o grito mais profano
 Como a graça do perdão
 E que ela faça vir o dia
 Dia a dia mais feliz
 E seja da alegria
 Sempre uma aprendiz
 Eu te repito esse meu canto de louvor
 Ao fruto mais bendito
 Desse nosso amor
 (BUARQUE, 2002)

Quem é a mulher de quem o autor fala? A que percorre sua trajetória impregnando na memória sua história de vida. “Não penso que devemos deixar os arquivos ou abandonar o estudo do passado” (SCOTT, 1990, p. 85), as histórias das mulheres têm que ser lembradas, narradas, contadas, refletidas e pensadas para darmos vozes a elas na contemporaneidade.

A mulher atual modificou seus hábitos, evoluiu sua forma de pensar e refletir sobre a vida. Scott (1990) diz que se deve examinar atentamente os procedimentos, classificar as hipóteses de trabalho e explicar como a mudança acontece (SCOTT, 1990, p. 85). O autor faz com que questionemos os hábitos que as mulheres adquiriram no decorrer do tempo, com suas experiências positivas ou negativas.

Portanto, a mulher, em sua incansável trajetória, abandona o “eu”, voltando-se para o outro, e por meio da vida social adere às atividades que a sociedade apresenta para o mundo masculino. Ela, contudo, envolve-se nas mudanças sociais que ocorrem através de lutas e movimentos militantes.

Vejo agora que o lugar da mulher na vida social humana não é, de qualquer forma direta, um produto das coisas que ela faz, mas do significado que suas atividades adquirem através da interação social concreta”. Para buscar o significado, precisamos lidar com o sujeito individual, bem como com a organização social, e articular a natureza de suas interrelações, pois ambos são cruciais para compreender como funciona o gênero, como ocorre a mudança. Finalmente, é preciso substituir a noção de que o poder social é unificado, coerente e centralizado por algo como o conceito de poder de Michel Foucault, entendido como constelações dispersas de relações desiguais, discursivamente constituídas em “campos de força” sociais (SCOTT, 1990, p. 86).

Podemos dialogar a partir da força que a mulher exerce em sua história, iniciando uma vida pacata nos lares até desempenhar cargos de elevados níveis, como presidente, juíza, desembargadora ou médica, além da profissão que forma todas as outras: professora, aquela que está disponível na escola, ao lado de outros professores, da gestão, coordenação, dos auxiliares e alunos.

Essa mulher é um sujeito único, ímpar, que tem suas limitações, emoções, paixões e frustrações. E, quando ninguém está ao seu lado, é consigo mesma que busca força para superar as angústias interiores. Portanto, essa mulher contemporânea é uma mulher forte, aguerrida, que atua em diversos setores, seja como motorista ou aviadora, exercendo suas funções com competência, conforme afirma Sinigaglia (2022):

A mulher da sociedade contemporânea guia-se por novos referenciais que possibilitam desempenhar diversos papéis. As mudanças da sociedade, do sistema de produção, da cultura, assim como a globalização, geraram um novo olhar sobre o gênero feminino tanto dentro do lar, quanto no mercado de trabalho. Hall (2002), explica que a partir da pós-modernidade as identidades transformam-se na mesma velocidade que as mudanças tecnológicas, sendo que é na conjuntura da globalização que a mulher encontra oportunidade para se libertar da identidade fixa de dona de casa (SINIGAGLIA, 2022, p. 76).

Nessa perspectiva, a autora nos faz compreender a libertação da mulher, portanto, penso que o poema de Muraro fará o leitor (re)pensar o papel da mulher no sentido que propomos no decorrer deste escrito, na medida em que ele apontará possibilidades de leituras, reflexões e questionamentos a partir de outros escritos. Leiamos, então, *O pássaro de fogo*:

Tu vieste como um pássaro
 E pousaste no meu ombro
 E eu fui habitada
 Pela paixão da entrega
 Eu te amei antes que tu existisses
 Como o deserto que tem sede de água
 E as flores têm sede da luz
 E te amei como a pedra ama a terra
 Que lhe dá sua força
 Com teu bico colocaste na minha mão esquerda
 A semente da morte
 E na direita a semente da vida
 Para que com as duas juntas
 Eu fizesse a escolha de cada momento
 Pássaro de fogo
 Capaz de queimar sem consumir
 Estás dentro de mim
 Pássaro de fogo
 Irei aonde tuas asas me conduzirem
 E meu caminho se tornou incandescente

Como teus olhos
(ROSE MARIE MURARO).

A autora aponta o pássaro de fogo como aquele que, com o bico, insere a semente da vida e a semente da morte, uma em cada mão, dando a possibilidade de escolher os momentos, sem deixá-la acomodada e vagando sem rumo e prumo. Da mesma forma, a mulher tem a escolha de viver, falar, reivindicar, lutar pelas suas ideias, é ela quem recebe a semente da vida para não desistir e morrer antes do tempo. A vida, aqui, integra-se às experiências, às lutas e aos anseios que muitas mulheres buscam em si e em outras.

A mulher professora egressa da escola normal tem vida, dedicou seu trabalho com amor e ardor na formação de tantas outras futuras professoras. Magalhães (2002) nos relata que a mulher é completa, e essa completude dela é o que a torna ainda mais mulher. Entendo que ser mulher é construir sua história, viver sua história, e falar sua história, pois as memórias são guardadas e possivelmente serão lembradas por tantas vozes.

[...] evidentemente, esses papéis são vários: ora é ela dona de casa, esposa, mãe de família, ora enfrenta a chamada dupla jornada de trabalho, é a profissional, trabalhando no lar e fora dele, ora é a mulher que luta para ter uma participação efetiva na sociedade da qual é membro. Enfim, a mulher tem que desempenhar vários papéis e o importante é que ela não se veja, em todo esse cenário, somente como mulher, mas, antes de tudo, como ser humano e, dessa forma, procure fazer sempre alguma coisa que a complete, que a realize (Magalhães, 2022. p. 123).

Creio que seja relevante completar este texto com tal reflexão: a mulher é um ser plural, aquela que faz de tudo um pouco, a denominada mulher “bombril”, que tem mil e uma utilidades. Esse ditado pode ser clichê para uns, mas é real para tantas que vivem no dia a dia o enfrentamento de várias funções, pois a mulher consegue se reinventar em frações de segundos. Ela consegue dar o seu melhor em todas as suas atividades e fazer, com doçura, o que o homem não consegue fazer. A mulher contemporânea é um ser humano que vem avançando em todas as suas dimensões, e ainda que seja freada socialmente por um preconceito estabelecido há séculos consegue se esvaziar do aprisionamento e se impor em momentos precisos.

Diante deste ensaio, lembro de minha mãe, mulher de 79 anos que, como já narrei em alguns escritos, foi criada na roça, casada com um homem que vivenciou o alcoolismo, gerou doze filhos - cinco mulheres e sete homens – dos quais estão vivos apenas oito. Criou sua prole, com a ajuda de Deus, trabalhando na lavoura desde

nova, e com o passar do tempo conseguiu lecionar na sua própria casa. Tendo estudado apenas até a 4ª série, tornou-se professora, gestora e merendeira, trabalhando diariamente para a sobrevivência da família.

Completo com esse exemplo para dizer que ela é uma mulher brasileira, nordestina, paraibana do interior, forte, que criou e cuidou dos filhos com amor, cuidado e dedicação, desejando sempre o bem, pedindo em oração que onde eles estejam tenham paz no coração.

O exemplo de minha mãe me faz ser grato por tudo, lembrando de outras mulheres que me contagiaram, como minha orientadora do doutorado, Lia Ciomar, a orientadora do mestrado, Zélia Santiago, a orientadora da graduação, Luciene Chaves, e a coorientadora da graduação, Efigênia Dias. Essas mulheres que Deus me presenteou têm história e trajetória. Para qualquer lugar aonde eu for, sempre me lembrarei delas com todo o meu amor.

1 MEMÓRIAS DA ESCOLA NORMAL PEDRO ALGUSTO DE ALMEIDA

O resgate da memória se dá através de um processo de seleção de documentos nos acervos da organização e estes estão impregnados de conteúdos que refletem componentes essenciais (como sua trajetória de vida, seus estatutos, normas, regulamentos etc.) para a imagem organizacional e, também, à vida da instituição através das experiências dos indivíduos que dela fazem e fizeram parte.

Figueiredo e Bem, 2012, p. 73

Neste capítulo trago narrativas de uma instituição construída para formação de professores, denominada Escola Normal Estadual “Professor Pedro Augusto de Almeida”, que, no trajeto de 39 anos, conserva memórias de alunos, auxiliares de serviços gerais, porteiros, gestores, apoio técnico, comunidade escolar, sociedade e, sobretudo, de professoras.

Professoras que lecionaram na escola por algum tempo, guardando lembranças e atualmente narram sobre o trajeto para não cair no esquecimento. Cada uma com sua trajetória lembrando da instituição como um espaço acolhedor, preparando para futuros profissionais.

Apresentar narrativas da instituição por meio das lembranças das professoras é dar vozes aos sujeitos que vivenciaram e viveram o sonho de ser professor em uma instituição pública concebida para oferecer um ensino que abranja as diferentes classes sociais.

A escola normal alcançou alunos distantes de outros municípios, além de Bananeiras, local onde se situa. Uma instituição que surge acolhendo o aluno como sujeito principal do processo educativo. Freire (2015) afirma, “a escola é feita de gente”, não poderia principiar esse capítulo com outro poema, levando em consideração que a escola é formada por gente.

Reflieto um poema de Freire, publicado na *Revista nova escola* (2003), que nos faz refletir sobre o que é a escola.

Escola é...
o lugar que se faz amigos.
Não se trata só de prédios, salas, quadros,
programas, horários, conceitos...

Escola é, sobretudo, gente.
 Gente que trabalha, que estuda
 que se alegra, se conhece, se estima.
 O diretor é gente,
 o coordenador é gente,
 o professor é gente,
 o aluno é gente,
 cada funcionário é gente.
 E a escola será cada vez melhor
 na medida em que cada um se comporte
 como colega, amigo, irmão.
 Nada de “ilha cercada de gente por todos os lados”.
 Nada de conviver com as pessoas e depois,
 descobrir que não tem amizade a ninguém.
 Nada de ser como tijolo que forma a parede,
 indiferente, frio, só.
 Importante na escola não é só estudar, não é só trabalhar,
 é também criar laços de amizade,
 é criar ambiente de camaradagem,
 é conviver, é se “amarrar nela”!
 Ora, é lógico...
 Numa escola assim vai ser fácil
 estudar, trabalhar, crescer,
 fazer amigos, educar-se, ser feliz.
 (FREIRE, 2003, p. 1)

Gente que escolheu o terreno, gente que construiu a instituição, gente que entregou e recebeu a chave da escola, gente que são gestores, professores alunos, auxiliares, porteiros, e, às vezes, esquecida por não narrarem sua própria história.

Todavia, culturalmente, trazemos memórias de instituições clássicas, ou as que tem estruturas antigas, para não ser esquecida com o tempo. Gostamos de narrativas de intelectuais, historiadores notáveis, literários renomados. Aprendemos dar vozes a uma elite erudita da sociedade. Essas narrativas estão evidenciadas na academia, e óbvio, que contribuem para a intelectualidade dos sujeitos compreenderem o processo memorável desses personagens.

Entretanto, é preciso trazer as memórias dos invisíveis aos olhos visíveis, lembrando das múltiplas funções que a mulher atua na sociedade invisível, como a doméstica, a mãe solteira, a gari, a motorista, a pobre, a negra, a professora...

Mesmo a memória sendo complexa, é através dela que os sujeitos invisíveis se tornam visível. Figueiredo e Bem, (2012), afirmam,

A memória é um mecanismo complexo que serve de arquivo para reter informações vividas de forma individual ou coletiva, para mais tarde, poder ser recuperada no espaço e no tempo conforme o estímulo dado em circunstâncias externas e internas de um determinado grupo. Este mecanismo de arquivo e recuperação que a mente humana possibilita, proporciona as experiências vividas no passado. (FIGUEIREDO E BEM, 2012, p. 74)

As professoras egressas da Escola Normal do município de Bananeiras trazem narrativas de uma instituição na qual trabalharam décadas e que atualmente além das fontes documentais é viável as fontes orais, pois, por meio da oralidade elas descrevem fatos da instituição que nos fazem refletir sobre uma escola projetada para o magistério.

O Regimento Escolar (RE) e o Projeto Político Pedagógico Escolar (PPPE), documentos legais da instituição fornecidos pela secretaria escolar, subsidiaram aspectos importantes para refletir sobre a missão e objetivos da instituição ao longo de sua existência. Todavia, as narrativas das professoras egressas são fontes orais (e escritas) que arquivam o que aconteceu no decorrer da trajetória institucional.

Trazer essas memórias das professoras é readquirir ideias, imagens, conhecimentos que a instituição normal do município de Bananeiras guarda do pretérito e precisa ser apresentado no futuro. Como afirma Figueiredo e Bem (2012).

O termo memória tem sua origem no Latim e significa reter ou readquirir ideias, imagens, expressões e conhecimentos do passado para serem lembrados, rememorados em momentos futuros. Se não houvesse um modo de armazenar as representações do passado na mente, nossa história talvez nunca teria existido e nossas **experiências não poderiam ser compartilhadas**. (FIGUEIREDO E BEM, 2012, p. 67, grifo nosso)

As experiências são partilhadas por meio das lembranças vividas do existido, ninguém partilha aquilo que não viveu. Se Iván Izquierdo estivesse vivo, diria: “o que seríamos sem as lembranças”. Ajuízo que ainda proferia: um homem sem lembranças é um ser vegetativo, parado no tempo de suas memórias, um ser humano deslembrado.

Trazer memórias da escola é, contudo, lembrar-se das experiências, ensinamentos e aprendizagens que a instituição possibilitou por um tempo aos sujeitos que por ela passaram. Mesmo que seja uma instituição desgastada quanto infraestrutura e fragilizada nos aspectos estéticos e extenso, como no caso da escola normal.

Apesar dos percalços, a escola normal se sobressai, como uma escola de referência no magistério para os alunos da região do Brejo Paraibano, principalmente devido ao incentivo das professoras e gestoras, que se desdobraram e faziam do espaço educacional um ambiente humanizado.

As narrativas das professoras egressas apontam um ambiente escolar muito além dos conhecimentos didáticos, e de estudos em disciplinas propedêuticas,

sobretudo as contribuições de um ensino voltado para um olhar sensível aos discentes.

As professoras egressas, demonstram por meio das narrativas serem mulheres impregnadas de sentimentos, como alegrias, tristezas, afeto, e preocupações, emoções demonstradas quando falam da própria instituição, isto é, o cuidado com o ambiente que ambas trabalharam.

As professoras passavam mais tempo no ambiente escolar do que na sua própria residência; e na escola criaram laços de amizade, que fez a própria instituição também se tornar um ambiente “familiar”, refiro-me a laços de afetividade que contagiaram no percurso do ensino normal.

Assim, entendemos que a narrativa da Escola Normal Professor “Pedro Augusto de Almeida” é recordada por laços de amizade, entre alunos, professores e os outros sujeitos que dela fizeram parte. Nesse trabalho trago as narrativas de quatro professoras que lecionaram na escola normal e contribuíram de forma efetiva no processo educacional.

A Escola Normal Estadual “Professor Pedro Augusto de Almeida” foi projetada no município de Bananeiras com o objetivo de abranger alunos da cidade onde se situa e das circunvizinhas. Sendo assim, todos aqueles que desejassem cursar o curso de nível magistério para lecionar da Educação Infantil ao 5º ano do Ensino Fundamental das séries iniciais, eram acolhidos.

Compreendemos que a escola normal no Brasil tem uma trajetória de longo prazo. O início do magistério não aconteceu a uma década, mas, digamos, a mais de um século, como percebemos na citação de Prado, (2020).

Em 1835 o Brasil viu ser criada e instalada sua primeira Escola Normal em Niterói, Capital da Província do Rio de Janeiro naquela época. Esta instituição era destinada à formação inicial daqueles que pretendiam ingressar no magistério primário e daqueles que já atuavam como professores, mas que não haviam sido habilitados em instituições e curso profissionais para o desempenho da função. A escola Normal de Niterói foi apenas a primeira escola a surgir no Brasil durante o Período Imperial. Logo outras instituições do mesmo tipo foram sendo implantadas em outras regiões do país. (PRADO, 2020, p. 12)

A partir da consideração do autor, vemos que a instituição normal em Niterói foi a abertura para tantas outras, mesmo que em algumas regiões tivesse duração em curto prazo, foi-se exemplo inicial para a expansão do magistério no país.

É notório que na Paraíba a instituição normal acontece desde 1883 como escola de formação para o magistério como afirma Prado (2020).

A Instituição Normal pioneira na Paraíba, ocorreu pela promulgada em 7 de dezembro de 1883, quando ainda era província de Portugal, mas devido as tentativas infrutíferas e possivelmente falta de cidadãos capacitados para assumirem as regências passou-se pelo processo de trancamento, com tudo expandindo outras escolas normais no estado anos depois (PRADO, 2020).

A Escola Normal de Campina Grande, localizada na segunda cidade mais populosa do estado da Paraíba, foi instalada apenas no final de 1959 e deliberada em 1960, com o esforço na formação de professores³⁶. As demais cidades paraibanas ofereceram posteriormente abertura para instalações de Instituições normais, entre elas o município de Bananeiras que, no dia 23 de dezembro de 2022, completará 39 anos.

1.1 Origem da Escola Normal Estadual Prof. Pedro Augusto de Almeida

Uma das frases da Clarice Lispector é, “Sonhe com aquilo que você quiser”. Foi pelo sonho que surgiu a escola normal em Bananeiras.

É necessário ressaltarmos que antes da Escola Normal Estadual Professor Pedro Augusto de Almeida, existiu-se o colégio das Dorotéias, que foi fundado no ano de 1982, exclusivo para o público feminino, como afirma, Trindade, (2017)

Conhecida mais popularmente pelos habitantes da cidade como Colégio das Dorotéias o “Colégio Sagrado Coração de Jesus” foi fundado em 02 de fevereiro de 1918, dedicado exclusivamente ao sexo feminino. Esta instituição, desde sua fundação, já tinha como finalidade oferecer uma formação para moças dentro dos princípios religiosos de uma igreja Trindade católica, tendo como principal objetivo “Formar a personalidade de suas alunas mediante uma sadia e sólida educação social, moral e religiosa, a par da cultura física e intelectual, segundo os métodos de ensino orientados pela pedagogia cristã” (Regimento Interno, 1964), (TRINDADE, 2017, p. 11).

O Colégio Sagrado Coração de Jesus foi projetado por uma visão eclesiástica, religiosa, com apoio e incentivo de família abastada do município de Bananeiras. A escola doutrinária exclusivamente feminina prolongou-se por décadas no município de Bananeiras, formando ao longo dos anos centenas de jovens para o ensino do magistério.

³⁶ Essa leitura se encontra no texto de SOUSA, Pâmella Tamires Avelino de. LIMA, Niédja Maria Ferreira de. SILVA, Fabiana Sena da. Notas Sobre a Educação no Governo Pedro Gondim e a Criação da Escola Normal Estadual de Campina Grande (1955-1960).

O Colégio de cunho particular ofertava bolsa de estudo para jovens carentes da região. Com o passar dos anos, a instituição sofre decadência financeira e encerra os serviços educacionais no ano de 1975, como afirma Trindade (2017):

Ao chegar à cidade de Bananeiras o prédio já existia, pertencendo à diocese de Guarabira. O colégio funcionava desde 1918, porém só foi reconhecida pelo “[...] decreto de Nº200, em 19 de outubro de 1931” (Acervo da Instituição, Guarabira, 1964), adquirindo personalidade jurídica apenas em 12 de dezembro de 1946. Em 1975 o colégio encerra suas atividades, alegando problemas financeiros devido ao surgimento de outra instituição – a E. E. E. F. M. José Rocha Sobrinho –, que diminuiu a demanda de alunas matriculadas na instituição. (TRINDADE, 2017, p. 37).

Com o encerramento das atividades escolares do Colégio das irmãs Dorotéias, a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio José Rocha Sobrinho, instituição Pública pertencente ao estado, passa a dar formação de ensino médio científico e o ensino normal do magistério, ambos no mesmo prédio antes do Colégio Sagrado Coração de Jesus, que fora alugado ao estado pela diocese de Guarabira/PB.

A professora Vilma, narra bem esse período; e Maria Goretti complementa as informações: Maria Goretti

Tabela 3 – Narrativas sobre a fundação da escola normal de Bananeiras

Professora Vilma de Lourdes	[...] tinha muitas colegas, os diretores me apoiavam e gostavam de mim, eu participava de todas as atividades da escola. Lá viviam também algumas freiras que não foram embora. A instituição ficou dividida: uma parte para a escola estadual e outra para o trabalho das freiras. Eu sempre me dei muito bem com elas, tinha umas que eram professoras no 2º ano do pedagógico, inclusive as irmãs Cecília e Lemos, de quem eu gostava muito. Mas enfrentei e no 1º ano continuei em Solânea, no Alfredo Pessoa de Lima; e no 2º ano fiz a matrícula em Bananeiras/PB, na época era no prédio do colégio das freiras, mas não eram mais elas que administravam, o estado da Paraíba adotou o recipiente, então entrei no 2º ano do pedagógico [...]. Comecei no prédio da Escola José Rocha Sobrinho, com alunos bem impulsivos, que gostavam de brincar. Eu pensava: “Deus, me oriente, me dê sabedoria”. Em dezembro de 1983, houve a inauguração da Escola Normal, e no ano seguinte começamos a utilizar o prédio exclusivamente para normalistas. Nos primeiros dois anos atuei como professora e coordenadora e como professora e vice-diretora, só quando assumi a direção que deixei a sala de aula. Nós saímos da Escola José Rocha Sobrinho, que ficou exclusiva para o ensino médio.
Professora Maria Goretti	Em 1989 pedi remoção para a Escola Normal e, graças a Deus, meu requerimento foi deferido e pude lecionar o magistério por 28 anos.

A narrativa apresentada pela Professora Vilma (2021), demonstra muito bem esse período de transição que ocorreu quando a Colégio das Dorotéias é trancado e o estado assume o ensino médio e normal simultaneamente. Porém, a professora Vilma (2021) afirma: “Papai comprou uma sanfona para mim e depois ganhei outra.

Eu cantava muito com aquela sanfona! Aprendi muita coisa, mas depois não dei continuidade porque terminei o curso pedagógico, no ano de 1977”.

Por meio da lembrança da professora podemos compreender que ela adentrou no ensino do magistério em 1976 e, nesse período, as freiras não administrando mais a escola, ainda algumas lecionam por contrato com o estado, salientando que a própria instituição reservava um espaço para as irmãs morarem.

Nas narrativas da professora, percebemos que ela estudou nessa instituição que era do estado, e após concluir o ensino normal foi convidada para lecionar na própria instituição. E lembra muito bem que, no ano de 1983, é inaugurada a instituição exclusivamente do normal e que, no ano seguinte, dá continuidade como professora do magistério, agora numa escola exclusiva para normalistas. Todavia a Escola José Rocha Sobrinha fica a cargo do ensino médio científico denominado na época.

A professora Maria Goretti entrou na escola normal no ano de 1989 devida a um pedido de uma remoção solicitada por ela mesma, uma vez que lecionava o ensino fundamental das séries iniciais e, com a transferência para a escola normal, permaneceu na instituição até 2017, ano que se aposentou, ou seja, depois de 28 anos como professora somente no ensino normal.

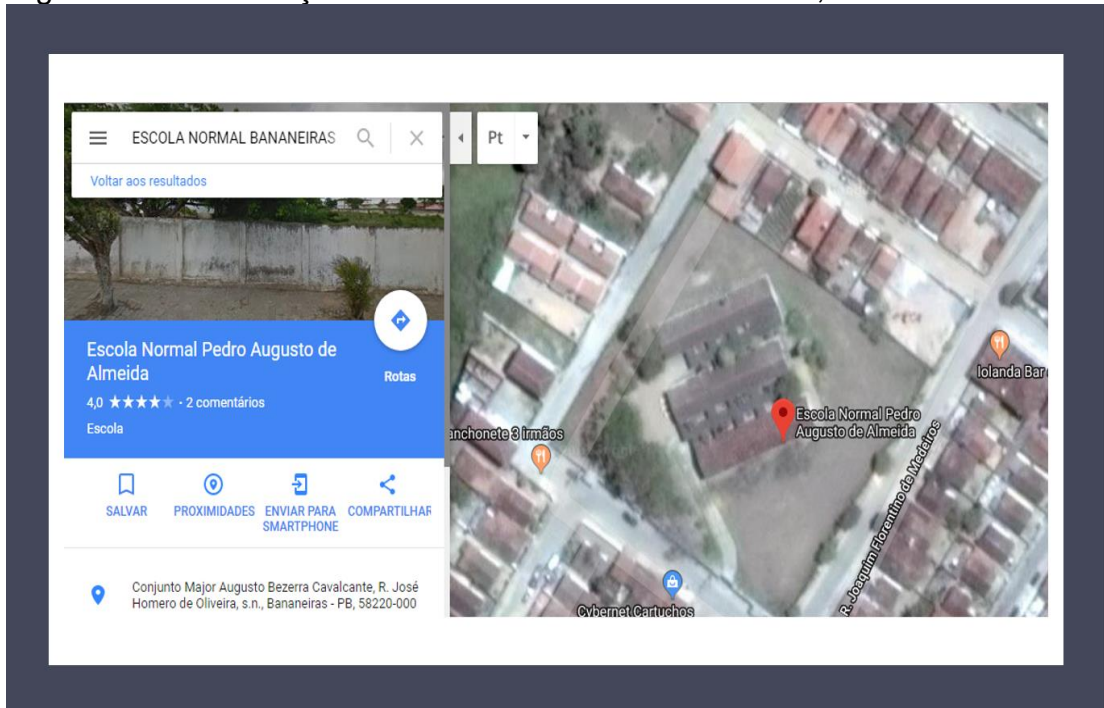
A partir das narrativas das professoras, compreendemos que a Escola Normal Estadual Professor Pedro Augusto de Almeida, foi pensada e projetada para um público que tivesse o desejo de ser professor do magistério dos anos iniciais, e essa instituição veio como uma fonte inspiradora de sonhos para uma região que estava carente de uma escola pública exclusiva para o magistério. O próprio regimento escolar (2019) afirma, no Capítulo I, da criação e identificação, que:

Art. 1º - A Escola Normal Estadual Professor Pedro Augusto de Almeida (ENE Pedro Augusto de Almeida), criada pelo Decreto nº. 10.121 de 27/12/83 e publicado no D.O. de 28/12/83 do Poder Executivo Estadual, localizada Rua Homero Araújo, s/n, Conjunto Major Augusto Bezerra, Zona Urbana de Bananeiras – PB / CEP: 58.220-000, subordina-se à Secretaria de Estado de Educação e da Ciência e Tecnologia – SEECT/PB, com base na Constituição Federal, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nas normas educacionais, no Estatuto da Criança e do Adolescente e na Resolução nº. 124/2000-CEE, e reger-se-á por este Regimento Interno. (SANTOS, 2019, p.3)

A partir do Regimento Escolar, percebemos a escola amparada pelas leis, e resoluções que regem a educação brasileira. Essa instituição auxilia os alunos das diversas classes sociais de diferentes lugares da região.

A escola localiza-se na parte alta da cidade, nominalmente denominado de Conjunto Major, por sua latitude, é escola que se localiza no berço residencial, aglomerado por residências, supermercados, fórum, cemitério, praça, o que é um diferencial para a escola que deixa a parte baixa e parte para a alta, podendo muitas pessoas conhecerem a sua beleza local.

Figura 13 – Localização da escola normal de Bananeiras, PB.



Fonte: Projeto Político Pedagógico (2019, p 7)

A cidade Bananeiras apresenta um clima com média pluviométrica anual de 1187,9 mm e temperatura média anual de 22,3 °C, segundo os dados Departamento de Ciências Atmosférica da UFCG³⁷. Em tempos de inverno, a localidade proporciona dias frios acompanhados de neve.

Aqueles que fazem parte do cotidiano da escola, em certas épocas do ano, necessitam de agasalhos para conter o frio que é intenso na parte alta da cidade, lócus da escola normal. No entanto, no alto da cidade, o frio, a chuva, o sol, o vento, todos esses fenômenos, fazem a própria instituição ficar bonita, mesmo que a estrutura fosse escassa de cuidado pelos órgãos públicos.

A escola é construída em uma localidade cercada de residências. Na localidade estão situados outros órgãos públicos. O local é privilegiado por ter uma pracinha nas

³⁷ Universidade Federal de Campina Grande.

proximidades da instituição, onde os alunos podiam conversar um pouco quando as aulas eram antecipadas.

Todavia não foi possível encontrar fotografias de imagens por meio de satélite, sobre a parte alta onde está localizada a escola normal.

Na gravura abaixo, veremos a igreja católica na parte mediana da cidade, no entanto do templo religioso até escola normal é aproximadamente 10 minutos, o desafio para chegar à instituição é a subida da ladeira, como mostra a figura abaixo

Figura 14 – Parte da cidade, acesso para a escola normal



Fonte: Acervo google imagem, 2022.

A Escola Normal Estadual Professor Pedro Augusto de Almeida foi criada no governo de Wilson Leite Braga, e teve uma restauração no ano de 1988 pelo governador José Targino Maranhão. Todavia os gestores públicos não tinham um olhar de recuperação para a escola. Muitas vezes, a mão de obra, como pintura e reboco, era composta por mutirões, como narram as professoras.

Tabela 4 – Narrativas das professoras sobre a escola.

Professora Vilma de Lourdes	Até a pintura da escola sempre foi feia, por quê? Porque não tínhamos condição de pintar e não recebíamos verbas para isso. Muitas vezes meu esposo pintou a escola ou pedimos ao seu Anacleto para passar cal nas paredes. Para limpar aquele mato, tínhamos que pagar ou pedir ajuda a alguém. Eu sempre dizia que a Escola Normal era desprezada, por isso que fazíamos de tudo para oferecer um bom ensino.
Professora Claudia	Houve época em que tivemos de pedir ao alunado para comprar o seu material, tipo tesoura, cola, lápis de pintar, pois a parte pedagógica da Escola Normal exige isso. Tínhamos a Francillanes, por exemplo, que era da Didática da Linguagem e

Tabela 4 – Narrativas das professoras sobre a escola.

	da Organização do Trabalho Pedagógico e ensinava caligrafia. Ela tinha que pedir aos alunos para comprar o caderno de caligrafia porque a escola não tinha esse recurso. Houve colegas professores que, quando tiveram oportunidade, pediram transferência para o José Rocha Sobrinho ou para o Xavier Júnior.
Professora Francillanes	[...] tirando a estrutura física que até hoje está decadente, era um sonho para quem gostaria de ser professora, para quem tem o dom, para quem gosta de criança. Como eu já tinha o dom dentro de mim, a vocação, fui para o Normal, nossa escola sempre carente, necessitada de tudo, mas que tinha ótimos professores. Eu entrei na Escola Normal no ano em que Vilma assumiu a direção.
Professora Maria Goretti	Muitas vezes fizemos mutirões nos finais de semana para dar àquela escola, pelo menos, uma aparência melhorada, pois até apelido de presídio deram a ela por conta do prédio que, sinceramente, não tinha estrutura, apenas pessoas que estavam querendo fazer alguma coisa e nunca deixaram a peteca cair.

Por meio das narrativas as professoras descrevem a respeito da parte física da instituição, podemos percebermos que levantavam a bandeira de mulheres fortes e contribuíam de maneira ativa na estrutura da escola, seja pintando, limpando, organizando a instituição.

Não somente na infraestrutura, mas também contribuindo com os recursos didáticos, uma vez que era preciso trazer ou pedir aos próprios alunos para que trouxesse material para uma aula significativa e dinâmica, como narra a professora Claudia.

A professora Vilma (2021) afirma: “Eu dizia para os professores: ‘é o nome de vocês que está em jogo, sejam bons profissionais’”. Podemos perceber que a professora, enquanto gestora, se preocupava em levar o nome da escola a sociedade, mesmo com falta de recursos e uma infraestrutura inacabada. O entusiasmo era favorecer aos alunos um ensino acolhedor e de qualidade e mostra a sociedade que a escola se faz a partir da coletividade.

Vanzuita e André (2021, p. 195) afirmam: “Os sujeitos constituem uma coletividade a partir de suas individualidades (singularidades)”, é um processo de construção social no qual o sujeito ou coletividade precisam estar inseridos em sociedade colaborando com seus pares para que aconteça, exista a institucional.

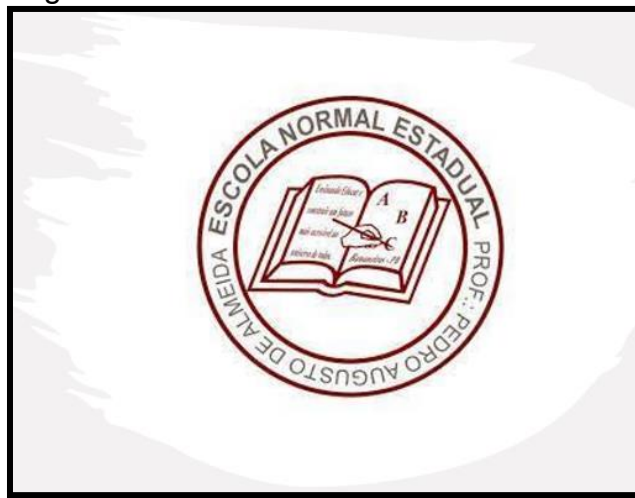
Escola que traz uma originalidade, enraizada de memórias que carregam de tempos de uma instituição que se projetou para futuras gerações. A missão dessa instituição se encontra em seu Projeto Político Pedagógico, como descreve Santos (2019):

Formar cidadãos críticos, participativos, formadores de opiniões, responsáveis com seus direitos e deveres, colaborando de forma integradora,

respeitando a diversidade cultural e observando sempre os valores éticos e humanos da sociedade. (SANTOS, 2019, p. 13)

As professoras egressas tinham como objetivo estimular os alunos a serem participativos, críticos e atuantes, levando o nome da escola no peito, como demonstrava o emblema da camisa (Fig. 25), que, para aqueles que a vestia, era motivo sentir-se honrado.

Figura 15 – Emblema da escola



Fonte: Acervo google imagem, 2022.

A Escola Normal Estadual “Professor Pedro Augusto de Almeida” guarda na memória reminiscência a mais de três décadas. Ainda que considerada uma instituição de ensino normal recente, fez história ao longo desses anos.

Em média, formava 80 alunos, sendo a maioria público feminino. Os rapazes tiveram iniciativa de ingressar na instituição a partir de 1996, quando já se propagava, ainda timidamente, que o ensino normal também era propício também ao sexo masculino. A esse respeito, Santos (2019) afirma que no período de 1984 a 1998 a instituição formava aproximadamente 80 alunos/ano, e que, ao concluírem o ensino normal, muitos ingressaram no ano seguinte em cursos da UFPB, UFCG e UEPB e outras Instituições de Ensino.

De acordo com o PPP, (2019) por quatorze anos, a instituição tem uma média de alunos considerável, e esses alunos, ao saírem da escola, em sua maioria procuravam cursos nas licenciaturas para prosseguir no ensino superior.

Aqueles que não se identificavam com o magistério seguiam outras áreas do conhecimento. Todavia, a maioria dos estudantes da escola normal saíam do curso e

ingressavam nas escolas públicas, por meio de concurso ou contrato, e nas escolas privadas, por meio do currículo estudantil.

Trazer essas memórias a partir da instituição normal é compreendermos o que Jó Gondar (2005) afirma:

A memória social, como objeto de pesquisa passível de ser conceituada, não pertence a nenhuma disciplina tradicionalmente existente e nenhuma delas goza do privilégio de produzir o seu conceito. Esse conceito se encontra em construção a partir dos novos problemas que resulta do atravessamento de disciplinas (GONDAR, 2005, p. 15)

Através das memórias surgem outras que podemos compreender, como bem citou a autora, que não há um conceito fixo sobre memória, mas, sim, móvel, pois é a partir de novos problemas que surge o interesse de investigá-la de modo que isso se torna um círculo (interminável).

Ainda que seja recente, ela nos deixa lacunas., Daí a importância dos arquivos, fotografias, caderno de plano de aula, registros, anotações e esses elementos, que surgem como suporte para as fontes orais e documentais do que se pretender memoriar.

Todavia trabalhar com memórias é estar sempre buscando novos conceitos, como diz Gondar (2005, p. 15), “é um conceito em movimento”. Por essa razão, quando trago um capítulo sobre instituição vou de encontro de Moraes (2005, p. 93) quando afirma que “pensar a memória social, a crítica à cultura e às instituições é tarefa complexa”.

Diante dessa complexidade da memória pensamos como uma construção é que se faz necessário adentrar nas lembranças, lembranças essa que também caem no esquecimento, que é um dos elementos da memória. Outros teóricos comungam da ideia de que esquecimento é algo que nos faz bem, no trajeto da vida dos sujeitos.

As professoras não lembram de tudo, mas trazem nas narrativas reminiscências que dialogam com questões atuais, e que precisa ser discutido à luz da teoria.

Segundo o PPP (2019), a escola, enfrenta uma dificuldade que não é dos dias atuais, mas que, há décadas a instituição sofre por conta do Espaço físico inadequado ao desenvolvimento das ações previstas. Santos (2019, p.12) ainda afirma:

A nossa Escola não possui um espaço físico para a prática dos esportes, atividades recreativas, e as salas são insuficientes ao número de alunos matriculados, além da inexistência de salas para a instalação de laboratório de informática e robótica e biblioteca.

Percebe-se que ao longo, dessas quase quatro décadas, o poder público não amplia os espaços da instituição, deixando de lado a importância de uma ampliação e da instalação de outros cômodos que pudessem dar visibilidade à instituição para olhares da sociedade.

A escola normal, ainda hoje, permanece com os cômodos de sua construção inicial, isto é, oito salas de aulas, uma biblioteca, um laboratório de informática, dois banheiros, sendo um masculino e um feminino, uma cozinha (cantina), uma secretaria, e uma diretoria, uma sala de arquivo de documentos, um banheiro para professores e um pequeno salão para recreação, merenda e eventos escolares.

Esses cômodos, existentes desde a fundação, continua com o que apenas fora acrescido em algumas restaurações do prédio em tempos distantes.

Contudo, essa instituição, que atendia bastante alunos para o magistério, começa a perder sua identidade a partir do momento que a instituição passa a dividir seu espaço com os alunos do ensino médio regular, podendo compreender que, dessa forma a escola, perde o caráter institucional de formação, característica comumente atribuída à escola normal.

Tabela 5 – Comentário sobre a escola normal – atualmente

Professor Vilma de Lourdes	Atualmente não sei como é o fardamento, porque não conversei mais com ninguém de lá, o número de alunos hoje é resumido, misturado com o ensino fundamental. Com essa mistura fica difícil de administrar.
Professora Francillanes	Não tive oportunidade de ir lá, mas os relatos que escuto é que hoje eles têm recursos, mas não o olhar pedagógico que existia antigamente. A escola está perdendo a essência.
Professora Maria Goretti.	Quando era só magistério, a escola tinha uma referência, era uma Escola Normal de verdade, mas agora ficou tudo junto e misturado. [...], sinceramente, não é mais aquela Escola Normal onde existia ordem, os alunos eram educados, os professores eram respeitados como os pais. Depois dessa mudança, a escola transformou-se, perdeu a identidade.

Nas narrativas, percebemos que em algum período após a saída das professoras, a instituição abrangeu o ensino fundamental, e sendo assim dividia-se o espaço com normalistas e o ensino fundamental. Essas narrativas que as professoras decorreram foram informadas por meios de conversas informais entre pares e aqueles que ainda estão na instituição.

1.2 A escola normal de hoje

“Penso, logo existo”, frase muito conhecido do René Descartes, que duvidou até mesmo de sua existência, após refletir conclui que não pode duvidar da dúvida, pois segundo o autor, ao duvidar já estaria pensando. Refletir sobre Descartes é recordar que a instituição normal surge para formar alunos pensantes, que compreendam que a escola vai além dos espaços escolares, como descreve o Brandão (2009)

Segundo Rubens Alves (2009), escola é um ambiente da criação humana, e pode ser moldada pensando sempre no sujeito que é o alvo do processo ensino e aprendizado: o aluno.

“Eu sempre, me preocupei muito com aquilo que as escolas fazem com as crianças. Agora estou me preocupando com aquilo que as escolas fazem com os professores. Os professores que fizeram as perguntas já foram crianças, quando crianças, suas perguntas eram outras, seu mundo era outro... foi a instituição “escola” que lhes ensinou a maneira certa de beber água: cada um no seu ribeirão..., Mas as instituições são criações humanas. Podem ser mudadas. E, se forem mudadas, os professores aprenderão o prazer de beber águas de outros ribeirões e voltarão a fazer as perguntas que faziam quando crianças. (ALVES, 2009, p. 17)

A escola normal foi se moldando com o tempo, e através dos sujeitos atuantes que dela fizeram parte. Sua identidade se constituiu e se manteve por determinado período graças ao empenho de todos que faziam da instituição um espaço acolhedor.

Figura 16 – Desfile, 7 de setembro



Fonte: Acervo google imagem, 1998.

A Escola Normal Estadual Professor Pedro Augusto de Almeida, atualmente está abrangendo o Ensino médio normal e o Ensino médio regular, não tem a caracterização exclusiva do magistério.

A escola atual abandona o legado do desfile, onde os pelotões eram preferencialmente fardados e o maior público interessado era as jovens.

A escola que chegou a formar dezenas de alunos por ano, vai aos poucos perdendo sua característica de uma instituição de normalistas.

Por meio do *facebook* da escola, podemos acompanhar a reforma no ano de 2019, motivada por um grupo de professores que lecionam os dois níveis de ensino, médio e normal, reivindicando juntamente com a comunidade melhorias, uma vez que a instituição é um patrimônio público e encontrava-se defasada, como mostra a imagem abaixo.

Figura 17 – A escola normal antes da reforma



Fonte: Acervo da página do facebook da escola normal, 2022.

As reivindicações de todos os envolvidos na instituição é formidável para que a escola não feche, uma vez que a escola já não tem mais a identidade de uma instituição própria do magistério. Fechada as portas é matar literalmente a história de uma instituição que, durante anos, contribuiu para sustentabilidade uma região e pôr o setor público não trazer um olhar sensível ela abandona.

Por isso a memória de uma instituição é importante para não deixar falecer as fontes que nela se encontra, preservar seus arquivos, suas histórias por meio dos

textos orais e escritos que foram construídos ao longo da jornada. Entretanto, é preciso trazer essas questões para denunciar o descaso e anunciar as reivindicações que os professores, alunos e comunidades fizeram para que não fechasse as portas da referida escola. Após as lutas pelas mídias e redes sociais, a escola recebe uma reforma, mesmo que não seja a tão esperada, mas acredita-se que pode trazer esperança para aqueles que estão envolvidos nela.

Podemos perceber que a escola ganha uma cara nova, e, portanto, os sujeitos envolvidos nela, sentem-se felizes.

Figura 18 – A escola normal após a reforma



Fonte: Acervo da página do facebook da escola normal, 2019.

A última atualização do Projeto Político Pedagógico da escola deu-se no ano de 2019, neste mesmo ano a Escola Normal incluía 756 alunos matriculados, constituindo 572 matriculados no Ensino Médio Regular, e 184 no Ensino Médio Modalidade Normal, cujos estudantes eram sucedidos dos municípios de Arara, Bananeiras, Belém, Borborema, Dona Inês e Solânea (SANTOS, 2019, p. 8),

Percebe-se que o ensino normal teve uma declinação, entre os fatores podemos ver como externos, e nesse sentido cabe uma reflexão. Os alunos não estão procurando mais em cursar o magistério, uma das possibilidades são os cursos de licenciatura em pedagogia, tanto na UFPB, Campus III, que foi criado desde 2009,

abrangendo uma demanda de aluno dos municípios da região, e as instituições privadas que estão sempre oferecendo pedagogia até mesmo em finais de semana, na modalidade semipresencial.

Outros fatores de desânimos são os concursos públicos da região que não estão mais abrindo seus editais solicitando alunos dos magistérios, mas tão somente formação mínima licenciatura em pedagogia. Ainda existe as faculdades online ofertando curso em baixos custos e muitos dos estudantes quando conclui o médio prefere seguir por esse caminho. Mesmo assim, o ensino normal atualmente está sendo ofertado por 4 anos.

A própria Universidade Federal da Paraíba, UFPB Virtual, oferta cursos de licenciatura a distância, entre eles o curso de pedagogia em algumas cidades polos da região do Brejo. Possivelmente o aluno por ter o ensino médio em sua própria cidade, necessariamente não necessita estudar o normal já que a pedagogia é quem prevalece nos concursos locais, podendo adentrar em um curso superior após ensino médio, ou submeter-se ao Enem para uma possível licenciatura em pedagogia.

Ainda segundo o Santos (2019), para atender a esses alunos, a escola conta com 47 docentes, sendo 26 efetivos e 21 prestadores de serviço, ou seja, 54,35% são estatutários.

Segundo Santos (2019, p.10) a escola traçou seu perfil institucional deferindo-lhe uma visão estratégica cujos objetivos revelam a vontade política dos seus integrantes para atingirem a realidade desejada, inspirados nos princípios éticos, políticos e estéticos declarados na lei, os quais representarão o ponto de partida e o foco de iluminação em todo processo de formação dos professores.

Porém, por questões política a escola quebra esse viés de ser uma de escola de formação específica e passa a ser uma escola tecnicista para o ensino médio, quando atualmente está inserido o ensino médio regular na instituição.

A escola normalmente não será esquecida, quando na verdade será sempre lembrada de um período, tempo nas lembranças daqueles que fizeram dela, um ambiente de ensino, aprendizagem, amizade, cultura, debate, e construção de saberes, sendo esse local, um referencial para todos os que se envolveram nele.

2 NARRATIVAS QUE ANTECEDEM A DOCÊNCIA

De qualquer maneira o resultado de uma investigação histórica acaba sendo uma narrativa ordenada adequadamente de modo a possibilitar sua compreensão pelas pessoas.

Machado, 2017, p.50

Por que narrativas? Recorro a Paul Ricoeur para dar uma resposta concisa, “O tempo torna-se tempo humano na medida em que está articulado de modo narrativo, e a narrativa alcança sua significação plenária quando se torna uma condição da existência temporal”. (RICOEUR, 2010, p. 93).

A narrativa não é contemporânea e tão pouco da cultura ocidental erudita, a narrativa vem dos primórdios, ao lermos sobre os homens da pré-história, as narrações aconteciam por meio de gesticulações, dos ruídos, dos gritos...

Todavia, as narrativas surgem para anunciar o que se viveu ou vivenciou-se, sendo assim, faz-se história. Quando narramos um acontecimento, um episódio, um fato por meio da oralidade, ou da escrita, trazemos as lembranças do tempo que acumulou memórias que estão vivas no sujeito.

Segundo Galvão (2002), o conceito de narrativa vem sendo usado cada vez mais por especialistas nas ciências sociais e em educação. Contudo, as narrativas existiram em todos os tempos, mas atualmente surge a sensibilidade de trazer a oralidade do anonimato e torná-la conhecida.

Nessa perspectiva as narrativas surgem das lembranças que os indivíduos carregam consigo no percurso da vida, mas também pode advir o esquecimento, que por ser um fato irrelevante não lembramos no decorrer do tempo.

Portanto, compreendemos que a escolha entre memória e esquecimento, é sem dúvida complexa, pois nem tudo o que é memorizável é memorável e, sobretudo, porque nem tudo pode sê-lo. (CADAU, 2019, p. 95).

Nesse sentido entendemos que se alguém gravar números ou receitas em sua memória, não quer dizer que é um fato memorável para o sujeito, pois existe uma diferenciação entre o que memorizo (decoreba) e o que arquivo na memória como fontes orais.

Entretanto, as narrativas que surgem são de professoras egressas que guardam em suas memórias momentos de outrora que precisam ser anunciados, contribuindo com a história da educação.

Neste, descrevo momentos importantes da trajetória educacional das professoras egressas da “Escola Normal Professor Pedro Augusto de Almeida”. Registro três narrativas das professoras egressas, a primeira da infância ao ensino médio; a segunda a formação no ensino superior e a terceira o ingresso das professoras na referida escola.

As narrativas que as professoras egressas descrevem parte de uma memória coletiva, vivida entre parentes, amigos, professores, alunos e outros sujeitos que em suas trajetórias partilharam conhecimento, trocaram experiências e aprendizados.

Segundo Freire (1987, p. 68). “não há saber mais, nem saber menos, há saberes diferentes”. Os que se julgam intelectuais contribuem nos conhecimentos daqueles que se sentem desprovidos do saber científico, mas também aprendem a partir de suas experiências e vivências.

Sendo assim, as professoras egressas trazem em suas trajetórias momentos marcantes ao narrarem sobre o percurso estudantil da infância ao ensino médio, e o ingresso na Escola Normal, momentos significativos em suas trajetórias.

2.1 Da infância ao ensino médio, narrativas do percurso estudantil

Conforme a Lei nº 9394/96, art. 21, a educação brasileira é composta pela educação básica e a educação superior. A educação básica é formada pela educação infantil, ensino fundamental I e II, e ensino médio. Já a educação superior é formada pelos cursos de licenciaturas e bacharelados.

Segundo a professora Francillanes (2021), ela repete muito o início de sua trajetória quando está em família, conversando... Porque ser professor é uma profissão tão árdua, tudo tão difícil.

Nesse entendimento, no relato que a professora Francillanes faz, em: “é tão árdua a vida do professor”, concordamos. Realmente a trajetória do professor é arraigada de momentos afáveis e desafáveis no percurso da caminhada.

Assim, é notório que a profissão docente tem seus percalços. Compreendo que o professor começa sua tarefa de ensinar e aprender na escola. Ao entrar na sala de aula, inicia-se uma etapa importante de ensino e aprendizagem, uma vez que o ensino é constante e recíproco. Como diz Paulo Freire (2015), “somos seres inacabados, sujeitos a aprender sempre com o outro”.

Porém, a vontade de ensinar de algumas professoras se inicia quando crianças. É na infância que surge o sonho, o interesse de aprender, o anseio de ser professor,

através das brincadeiras, do afeto com o outro, e das conversas entre coleguinhas que desperta no ímpeto o desejo de conhecer.

Rubens Alves (2004, p. 14) afirma que “todos os homens, enquanto crianças, têm, por natureza, desejo de conhecer”. Enquanto criança o indivíduo procura conhecer, indagar e sonhar, uma vez que é na infância que proferimos nossos sonhos mesmo que não esteja alicerçado em nós.

Perceberemos por meio das narrativas das professoras egressas da Escola Normal, que o sonho de ser professora para umas surgiram ainda criança, para outras na juventude, para todas no trajeto educacional do ensino básico. A professora Goretti (2021) afirma, “dentro de mim, desde criança, já havia o desejo, a vontade e a vocação para exercer o magistério”. Nessa narrativa compreendemos que, intrinsecamente, a criança já tem sonhos, e quando tem o apoio, incentivo e estímulo dos seus pares, os desenvolve com maestria.

As narrativas a seguir, mencionam a trajetória estudantil das professoras egressas, porém, alguns elementos nos chamam atenção: o incentivo dos pais para que as filhas entrassem na formação do magistério. Das quatro entrevistadas, três cursaram o magistério, com exceção da professora Cláudia que, influenciada por seus irmãos, logrou para o ensino médio técnico agrícola, almejando a formação de professor somente na graduação.

O incentivo que os pais das egressas professoras deram para que seguissem seus sonhos no magistério vai ao encontro do que afirma Antunes (2011, p. 14) “Ensinar os pais ensinam, mesmo quando não imaginam que não estão ensinando, mas se existem muitas coisas importantes para se ensinar, talvez nenhuma seja tão essencial quanto se ensinar ou não”.

Nessa perspectiva, os pais ensinam quando incentivam, dialogam, desejam os mesmos sonhos, narram experiências vividas e cobiçam o melhor para os filhos por meio dos estudos, isso faz com que os pais sejam os primeiros professores de seus filhos. Por tanto, quando os pais têm esses atributos, os filhos são aprimorados. É o exemplo das professoras entrevistadas.

Todas as professoras egressas estudaram da educação infantil ao ensino médio na idade certa, mesmo com as dificuldades, porém, seguiram adiante com vontade e sonho de concluírem o ensino básico.

Segundo a professora Cláudia (2021), “pela minha trajetória na educação, pela minha experiência, eu afirmo mais ainda que quando somos bem alfabetizados no período certo, conseguimos deslanchar bem no que vem pela frente”.

A narrativa da professora acima condiz com o que determina o Estatuto da Criança e Adolescente, ECA ao afirmar, “a criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho”.

Como narrou bem a professora, para se ter uma boa alfabetização precisamos de uma educação que aposte no sujeito e cumpra-se o que determina a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), em seu Art. 3º, “o ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: igualdade, liberdade, pluralismo, respeito à liberdade, gratuidade do ensino público, valorização do profissional da educação escolar; gestão democrática do ensino público...” sendo assim, teremos crianças cada vez mais com desejo de aprender e sonhos de ensinar. Vejamos as narrativas.

Tabela 6 – Narrativas do percurso estudantil: Da infância ao ensino médio

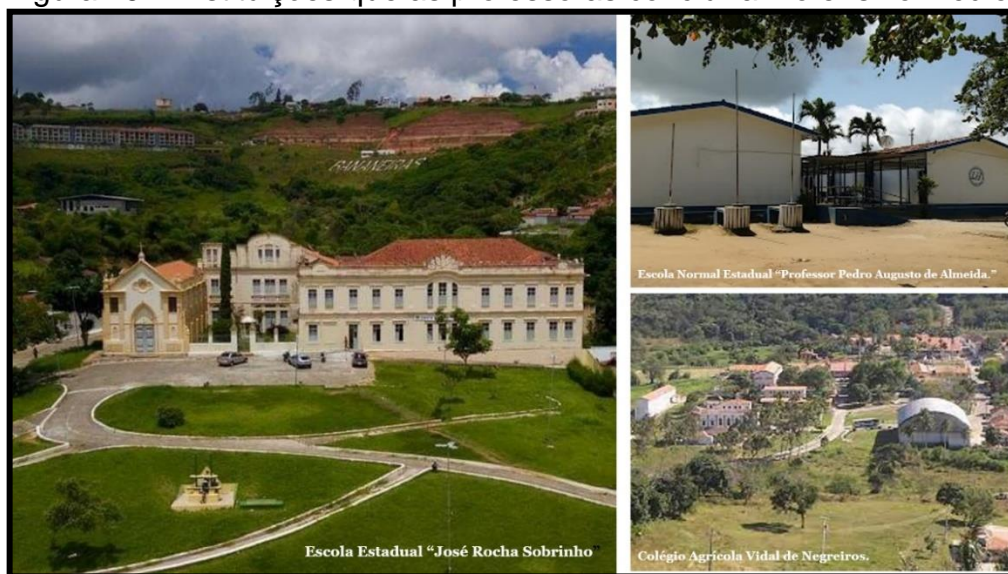
<p>Professora: Vilma de Lourdes.</p>	<p>Quando eu tinha sete anos e alguns meses fomos residir em Solânea, dando continuidade aos estudos na Escola Estadual Celso Cirne, que ainda hoje existe. Ao terminar o primário, entrei no ginásio na Escola Alfredo Pessoa de Lima, e fiz até o primeiro ano do ensino médio, que antes se chamava científico. Continuei estudando, bem destacada, dedicada aos estudos. Meus pais não eram pessoas ricas, meu pai sempre foi agricultor e, chegando em Solânea, abriu uma mercearia pequenininha e dali nos sustentava dando estudos e o pão de cada dia. Ao concluir o ginásio, não existia curso pedagógico na cidade de Solânea, e o meu pai chorava e dizia assim: “eu quero ter o prazer de ter uma filha que faça o curso pedagógico e que seja professora”. Eu pensava, “meu Deus, sou tão envergonhada, como é que vou ser professora, Jesus, como é que vou fazer o curso pedagógico?”. Mas enfrentei e no 1º ano continuei em Solânea, no Alfredo Pessoa de Lima; e no 2º ano fiz a matrícula em Bananeiras/PB, na época era no prédio do colégio das freiras, mas não eram mais elas que administravam, o estado da Paraíba adotou o recipiente, então entrei no 2º ano do pedagógico. Havia um ônibus que, todos os dias, descia com muita gente para Bananeiras, e foi assim que comecei a estudar o 2º ano do pedagógico. Eram muitas disciplinas, acredito que você ainda tenha alcançado a parte das Didáticas, Fundamentos, Educação Física, Educação Artística, que hoje é Arte.</p>
<p>Professora: Cláudia Michelino</p>	<p>Na minha alfabetização, meu pai já tinha uma certa condição, e existia uma senhora, Dona Lourdes Ribeiro, que tinha uma escolinha particular em Bananeiras, onde fui alfabetizada na idade certa. [...] fui estudar da 1ª à 4ª série na Escola Estadual Xavier Júnior, bem no centro da cidade, próxima ao hospital, a caminho da universidade. Nunca tive dificuldade. Depois, da quinta à oitava série, como era antes, hoje chamamos de fundamental II, eu estudei no José Rocha Sobrinho, que também é uma escola muito conhecida na região, escola estadual em que muitos, até de Belém e de outras cidades, vinham estudar. Só tive dificuldade, e tenho até hoje, na disciplina de Inglês, da qual nunca gostei muito [...]. Fui passando como aluna mediana, fazendo aquilo que estava ao meu alcance para tirar minha média [...], diferentemente das outras disciplinas, que sempre gostei, como português, Matemática e as disciplinas que tinham cálculo [...] Quando eu terminei a oitava série, que era para ir para o ensino médio, na minha casa só tinha eu, minha mãe e dois dos meus irmãos, os outros já estavam nos seus lugares. Minha mãe queria muito que eu fosse fazer o pedagógico na Escola Normal, como minhas irmãs fizeram. Só que meus irmãos mais novos, que ainda estavam solteiros e moravam comigo, fizeram Técnico Agrícola, na Universidade Federal em Bananeiras, no</p>

Tabela 6 – Narrativas do percurso estudantil: Da infância ao ensino médio

	<p>Campus de Bananeiras, e eu fui influenciada por eles. Naquela época, para entrar na Escola Agrícola, era preciso fazer um teste de admissão muito difícil, Então, para entrar nessas trinta vagas, eu lembro que eu mesmo fiz Admissão, eram 450 pessoas concorrendo, então, quer dizer, a concorrência não era pouca. E nós estudamos muito! Eu fui fazer o teste e, na verdade, não passei entre os dez primeiros lugares, eu passei em 1º lugar no Admissão. Fiz ensino médio, sou técnica agrícola, mas, ao mesmo tempo, como gosto muito de cálculo, eu também fiz técnico em contabilidade, sou técnica em contabilidade em nível médio, estudava em Solânea, à noite.</p>
<p>Professora: Francillanes Rodrigues</p>	<p>Enquanto minha mãe cuidava, lá em casa, acho que de nove crianças, eu, com 8 anos, ficava no meio delas. Havia o momento em que elas se alimentavam, tinha o banho, tinha repouso, mas faltava aquele momento aula, aquele momento extra. E eu, com 8 anos, me sentava no chão e chamava a atenção das crianças contando histórias, às vezes entregando papel, riscando com elas, e isso já chamava a atenção da minha mãe, que dizia: “meu Deus, essa menina vai ser professora, não tem como ser outra coisa porque com 8 anos ela já despertou pra isso”. Eu cresci com essa empolgação de gostar de material escolar, gostava muito de escola e me considero, modéstia à parte, uma boa aluna, pois nunca repeti de ano, nunca dei trabalho em sala de aula. Então, fui tomando gosto por escola, até que eu vim morar na Paraíba. Eu vim para Solânea com 10 anos, estudei em Bananeiras, na Escola Xavier Júnior e no Colégio José Rocha Sobrinho. Quando concluí a 8ª série, fui estudar o magistério, não fui para o ensino científico nem para o técnico agrícola. Como eu tinha meta de ser professora e era uma moça recatada, fui para a Escola Normal, pois fazia parte da minha rotina viver a realidade na escola, só para estudar, com foco, tinha o maior prazer de usar aquela farda e participar dos eventos. Concluí o meu curso Normal em 1996. Na época, as professoras trabalhavam muito a didática, tínhamos a Jornada Pedagógica, que era um evento muito bom, tirando a estrutura física que até hoje está decadente, era um sonho para quem gostaria de ser professora, para quem tem o dom, para quem gosta de criança.</p>
<p>Professora: Maria Goretti</p>	<p>Dentro de mim, desde criança, já havia o desejo, a vontade e a vocação para exercer o magistério. [...]ainda que muitas vezes surgissem os fracassos e os desestímulos porque tínhamos que trabalhar. Chegávamos da escola, eu e meus irmãos, com os livros naquelas bolsas feitas com a embalagem do biscoito três de maio, até hoje me recordo, mas isso não importava, o que importava é que nós tínhamos todas as condições e incentivos dos nossos pais. Chegando da escola, nós íamos trabalhar e à noite realizávamos as nossas atividades escolares, usando lamparina de gás [...]. A minha primeira professora e alfabetizadora foi a professora Geralda de Oliveira Neves. estudamos para a admissão, era um estudo integrado para que concluíssemos todas as séries em um ano. E era preciso um livro enorme, que não tínhamos condições de comprar, mas, na época, meu pai e minha mãe conseguiram um emprestado. [...] o fundamental I, fiz o curso de admissão e depois ingressei no ginásio, para fazer da 5ª à 8ª série no Colégio Estadual José Rocha Sobrinho. Antes dizia que, ao concluir o ginásio, não continuaria estudando, mas veio a vontade e o incentivo maior dos meus pais, principalmente da minha mãe, que era focada na nossa formação, especialmente na minha. [...] Então, fui cursar o pedagógico.</p>

O trajeto na educação infantil até a conclusão do ensino médio é um período da vida em que o indivíduo vivencia saberes pedagógicos e formação de professor específico no curso do magistério.

Figura 19 – Instituições que as professoras concluíram o ensino médio.



Fonte: Acervo particular de Luiz Eduardo Paulino da Silva (2021)

O ensino normal, onde a maioria das professoras egressas cursaram, vem da raiz de colégios das freiras como vimos no capítulo anterior. Posteriormente tornou-se uma instituição do Estado, abrangendo tanto o ensino médio científico quanto o ensino médio magistério, e somente em 1983 foi construída a “Escola Normal Pedro Augusto de Almeida”, instituição pública específica para o magistério.

Portanto, a professora Francillanes estudou na “Escola Normal Pedro Augusto de Almeida”; as professoras Vilma e Goretti estudaram na “Escola Estadual José Rocha Sobrinho” e a professora Cláudia estudou no “Colégio Agrícola Vidal de Negreiros”. Vejamos a ilustração.

É notório perceber que o colégio onde as professoras Vilma e Goretti estudaram tem uma estrutura bastante caracterizada em um estilo eclético, porém, sem preservar as cores originais, no entanto, guarda-se a memória de uma instituição antiga.

Este prédio que acolheu as Dorotéias e suas alunas é um dos patrimônios arquitetônicos do livro de tombo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba, e mantém até hoje com as suas linhas arquitetônicas originais. O eclétismo surge no Brasil no final do século XIX, como fruto da mistura de vários elementos arquitetônicos. (TRINDADE, 2017, p. 13)

A instituição é do domínio da igreja, pertencente à Diocese de Guarabira/PB. Por um longo período foi administrada pelas freiras, irmãs Dorotéias, que formavam alunas para o magistério da região. Era uma escola particular e algumas alunas carentes recebiam bolsa para estudarem na instituição.

Quando o Colégio das Freiras fechou por motivo de verbas, a Diocese de Guarabira alugou o prédio ao Estado da Paraíba, que estabeleceu a “Escola Estadual José Rocha Sobrinho”, localizada na cidade de Bananeiras/PB.

O Colégio das Freiras ficou a serviço do Estado por algumas décadas, portanto no ano de 2009 o governador da Paraíba inaugurou um prédio para os alunos do Estado, devolvendo o colégio à diocese.

Porém, o antigo Colégio das Doroteias foi alugado por um tempo ao município de Bananeiras, onde inseriram a E.M.E.F. Prof.^a Emília de Oliveira Neves. Atualmente a diocese solicitou o prédio ao município, desfazendo o contrato de aluguel. Lá, ficará exclusivo para a casa do clero, isto é, dos padres aposentados e a casa das irmãs da caridade, e outros espaços para atividades da diocese.

Porém, a “Escola Normal Estadual Professor Pedro Augusto de Almeida”, foi a instituição pública que a professora Francillanes estudou e em seguida tornou-se uma das professoras da própria instituição.

A professora Francillanes (2021), afirma em suas narrativas acontecimentos importantes na sua trajetória enquanto estudante: “fui selecionada para fazer o estágio do curso de magistério em 1996, na mesma sala de aula onde fui aluna na 4^a série, com a professora Eliete, na “Escola Municipal Xavier Junior”.

As reminiscências da professora faz entender a importância da formação do magistério para a vida do professor. Mesmo uma escola sem uma infraestrutura que desse suporte para as alunas naquela época, o ensino e aprendizado foi referência para a aluna tornar-se professora.

A professora recorda: “como aluna, estagiava no horário oposto à minha aula, então, estudava de manhã e obrigatoriamente seguia o estágio à tarde”. A professora decorre memórias da prática de estágio e quanto foi significativo para sua vida profissional e despertamento na própria instituição que, mais à frente serviu na prática docente.

Piconez (1991, p. 30) afirma que,

A prática de ensino/estágio supervisionado pertence ao currículo dos cursos de formação de professores e deve ser repensada nesse âmbito; não é tarefa exclusiva da Didática e tem de estar em interação com a realização do projeto pedagógico do curso; portanto deve ser articulada com os demais componentes do curso.

O ensino normal foi um dos grandes alicerces na aprendizagem das professoras que decorreram por essa trajetória na aprendizagem do ensino médio. A

partir desses conhecimentos as alunas adentravam no ensino superior buscando formação para uma área específica no campo da educação.

A professora Cláudia estudou em um Colégio Agrícola, que abrange uma demanda de cursos na área técnica, portanto, se refugiou na licenciatura, onde inicia o desejo pela formação de professores, como veremos no próximo tópico.

2.2 Superando os desafios, memória da formação superior

Aprender é uma virtude do ser humano, o qual deve preservar durante toda sua trajetória. Cora Coralina escreveu em um de seus poemas, “feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina”. A autora ainda diz que se tocarmos o coração das pessoas já é suficiente para ensinar o que se aprendeu. Leiamos o poema “saber viver” escrito com muita minudência.

Não sei se a vida é curta
ou longa para nós,
mas sei que nada do que vivemos
tem sentido, se não tocarmos o coração
das pessoas.

Muitas vezes basta ser:
colo que acolhe,
braço que envolve,
palavra que conforta,
silêncio que respeita,
alegria que contagia,
lágrima que corre,
olhar que acaricia,
desejo que sacia,
amor que promove.

E isso não é coisa de outro mundo,
é o que dá sentido à vida.

É o que faz com que ela
não seja nem curta, nem longa demais,
mas que seja intensa,
verdadeira, pura... enquanto durar.

Feliz aquele que transfere o que sabe
e aprende o que ensina. (CORA CORALINA, 1965)

Recorro ao poema da autora para adentrar nas narrativas da formação inicial das egressas professoras que se inseriram na universidade pública no desígnio de adquirir conhecimento em uma formação superior que possibilitasse por meio do ensino e aprendizagem conhecimento para sua prática docente.

A formação inicial é fundamental para o ofício docente, é na formação universitária que se tem o contato direto com literaturas que discute a formação docente a partir da prática, e assim, possibilitam formarmos outras teorias, por meio de nossa prática.

As próximas narrativas mostram a formação inicial das professoras em cursos de licenciaturas, como Letras, Ciências Agrárias, História e Geografia. Mesmo cursando licenciaturas diferentes, o interesse era o mesmo: contribuir na formação de alunos no magistério.

Nota-se que a partir da formação muitos sujeitos não se identificam com a licenciatura, desistem ou até mesmo mudam de curso, porém, esse não foi o percurso das professoras egressas, mesmo com labutas, lutas e obstáculos na trajetória acadêmica, venceu a persistência, o desejo de aprender e contribuir em sua profissão.

A professora Vilma (2021), afirma que “naquela época não era fácil se deslocar de Solânea ou Bananeiras para Campina Grande, então, quando passei no vestibular, saía de casa às quatro horas da manhã para Campina Grande, e voltava às onze horas. Às treze horas já estava em Bananeiras, na escola, lecionando”.

A trajetória da professora não foi fácil, o trajeto de Solânea/PB até Campina Grande/PB, é de aproximadamente 70 km, acordar cedo, voltar às onze horas, tudo isso exigia esforço, vontade de aprender e um sonho a realizar.

A formação inicial exige esforço. Por meio dessa formação os professores devem contribuir em sua trajetória profissional, Pimenta (1997, p. 6) afirma, “o curso de formação inicial se espera que forme o professor, ou que colabore para sua formação”. Formar o professor não é apenas concluir o curso, mas possibilitar a capacidade, habilidades por meio de conteúdos e temáticas que contribuam com a prática do professor no cotidiano.

Todavia, a formação inicial elenca desafios, entre muitos é o aluno se colocar na posição de aluno e ao mesmo tempo na de professor, construindo sua identidade quando formador opiniões e mediador do conhecimento.

Pimenta (1997), afirma,

O desafio, então, posto aos cursos de formação inicial é o de colaborar no processo de passagem dos alunos de seu ver o professor como aluno ao seu ver-se como professor. Isto é, de construir a sua identidade de professor. Para o que os saberes da experiência não bastam. (PIMENTA 1997, p. 7),

A partir das narrativas das professoras entendemos a importância de uma escola como espaço de trabalho e formação, pois como escreve a professora Vilma

(2021), no período que lecionava alunos do magistério, fazia curso superior na cidade de Campina Grande, tudo isso para trabalhar a formação com seus alunos.

Para isso, é preciso de apoio de “uma gestão democrática e práticas curriculares participativas, propiciando a constituição de redes de formação contínua, cujo primeiro nível é a formação inicial” (PIMENTA 1997, p. 7). Leiamos as narrativas.

Tabela 7 – Narrando a formação superior

<p>Professora: Vilma de Lourdes.</p>	<p>Em 1977 concluí o curso de pedagógico e em 1978 comecei a lecionar. No ano de 1979, prestei vestibular para Licenciatura em Letras na cidade de Campina Grande/PB. Naquela época não era fácil se deslocar de Solânea ou Bananeiras para Campina Grande, então, quando passei no vestibular, saía de casa às 4 horas da manhã, para Campina Grande, e voltava às 11 horas. Às 13 horas já estava em Bananeiras, na escola, lecionando. Era uma luta grande, mas venci, concluí o concurso de Letras e depois fiz Licenciatura em História, na cidade de Guarabira/PB.</p>
<p>Professora: Claudia Michelino</p>	<p>Fiz o vestibular novamente, pensando: “se eu entrar, eu vou me dedicar nesta área”, e assim eu consegui e fui fazer o curso de licenciatura, e lá eu percebi que ele era bem dividido entre as cadeiras técnicas e as cadeiras pedagógicas. De início, pensamos que em Licenciatura de Ciências Agrárias você só vai estudar coisas referentes à área agrária, como o animal ou a parte de terra, essas coisas, mas não, a parte pedagógica é muito encantadora. E foi aí que eu me descobri. Eu me apaixonei realmente pela parte pedagógica do curso, me identifiquei muito e terminei a licenciatura em Ciências Agrárias, mas, antes de terminar o curso, eu me casei.</p>
<p>Professora: Francillanes Rodrigues</p>	<p>Quando concluí o Normal, em 1996, fiz o vestibular e comecei minha graduação, sou licenciada em História pela Universidade Estadual da Paraíba, Campus III, Guarabira. Comigo foi muito espontâneo, as oportunidades surgiam e as portas se abriam, e apesar de não ter sido uma aluna cem por cento, tudo foi fluindo. Acho que estava com a mente fresquinha e tudo foi acontecendo. Concluí História, não tive a oportunidade de cursar Pedagogia, mas fiz pós-graduação em Educação Básica na Universidade Federal da Paraíba, Campus III, em Bananeiras.</p>
<p>Professora: Maria Goretti</p>	<p>Quando concluí o pedagógico, fiz a graduação em Geografia, e por ter muito amor pela natureza, ser admiradora e defensora dela, eu me sinto uma peça importante no meio ambiente. Então fiz pós-graduação, em nível de especialização, em Ciências Naturais, cursando aos sábados na Universidade Federal da Paraíba, Campus III, em Bananeiras.</p>

Santos (2015, p. 18124) afirma que “os estudos sobre os saberes docentes nos auxiliam a compreender que a formação inicial (acadêmico-profissional) é um espaço-tempo em que se faz necessário articular diferentes saberes na relação com a docência”,

A partir das ideias do autor compreendemos que durante a formação inicial o profissional acadêmico-profissional nesse ambiente acadêmico detém espaço para articular com seus pares uma formação sólida dos conhecimentos que almeja para contribuir com sua vida profissional e porque não dizer com seus alunos.

Na narrativa da professora Cláudia, percebemos a importância das disciplinas pedagógicas no decorrer do curso, para que pudesse compreender a importância dos conhecimentos teórico-práticos, e administra a sua prática no chão da escola normal. Muitos se encontram na academia, é nesse espaço que se reflete sobre o desejo de ser professor e de prosseguir buscando cada vez mais formação.

A professora Cláudia afirma: “eu me apaixonei realmente pela parte pedagógica do curso, me identifiquei muito”. Por ser um curso em Licenciatura em Ciências Agrárias, ofertando uma demanda de disciplinas técnicas e poucas disciplinas pedagógicas, surge o encanto pelas disciplinas de Fundamentos Antropológicos da Educação; Fundamentos Psicológicos da Educação, Didática; Política e Gestão da Educação; Metodologia das Ciências Agrárias e Estágios Supervisionados.

No fluxograma abaixo veremos as disciplinas que instigaram a professora a renascer o desejo de ser professor das áreas pedagógicas e levar conhecimento a seus alunos.

Tabela 8 – Modelo/Fluxograma³⁸ do Curso de Ciências Agrárias – Licenciatura

1º Período	2º Período	3º Período	4º Período	5º Período	6º Período	7º Período	8º Período
Fundamentos Antropo-filosóficos da Educação	Fundamentos Psicológicos da Educação	Irrigação e Drenagem	Política e Gestão da Educação	Metodologia da Ciências Agrárias	Bovinocultura	Criação alternativa	Estágio Supervisionado IV
Química Geral	Fundamentos Sócio-histórico da Educação	Desenho e Topografia	Ecologia e Meio Ambiente	Microbiologia de produtos Agroindustriais	Economia Rural	Avicultura	Trabalho de Conclusão de Curso
Biologia Geral	Química Orgânica	Estatística Experimental	Olericultura	Conservação de produtos Agroindustriais	Culturas Regionais	Libras	Tópicos Especiais em C. Agrárias IV
Introdução a Zootecnia	Metodologia do Trabalho Científico	Zoologia	Introdução à Agroindústria	Suínocultura	Tec. de Produtos de Origem Animal e Vegetal (TPOAV)	Fruticultura	Administração Rural
Introdução a Fitotecnia	Anatomia e Fisiologia Animal	Didática	Caprino e Ovinocultura	Tópicos Especiais em C. Agrárias II	Tópicos Especiais em C. Agrárias III	Análise e Controle de Qualidade de Alimentos	Conteúdos Complementares Opativos
Informática	Fertilidade do Solo e Nutrição de Plantas	Bioquímica	Fitossanidade	Estágio Supervisionado I	Estágio Supervisionado II	Estágio Supervisionado III	-
Redação Técnica e Expressão gráfica	Anatomia e Eco Fisiologia Vegetal	Nutrição, Alimentação Animal e Forragicultura	Tópicos Especiais em C. Agrárias I	Conteúdos Complementares Opativos	Conteúdos Complementares Opativos	-	-
Elementos da Matemática	Conteúdos Complementares Opativos	Pesquisa Aplicada às Ciências Agrárias	Conteúdos Complementares Opativos	-	-	-	-

Fonte: Acervo particular de Luiz Eduardo Paulino da Silva (2021)

³⁸ O fluxograma foi retirado do Anexo II da Resolução nº 38/2012, que altera as Resoluções nº 41/2003 e 76/2006 do CONSEPE e Portaria PRG/G/Nº 16/2012, que aprovam o Projeto Pedagógico do Curso de Graduação em Ciências Agrárias, Licenciatura, do Centro de Ciências Humanas, Sociais e Agrárias, Campus III, da UFPB.

O fluxograma do curso de Ciências Agrárias do Campus III, UFPB tem uma grade curricular de sessenta disciplinas, a maioria técnicas e exatas, poucas são pedagógicas. No entanto, a professora Cláudia se identificou com as matérias da pedagogia e a partir de então surge a vontade de ser professora.

Nessa perspectiva, muitos professores se encontram na formação inicial, e a partir dela segue trilhando na docência, procurando aperfeiçoar-se nos trajetos do caminho professoral.

Segundo André (2016, p. 30) “quem se dispõe a trabalhar como docente deve entender que continuará seu processo de aprendizagem ao longo da vida, a docência exige estudo e aperfeiçoamento profissional” [...]

O autor nos leva à reflexão de que a formação docente vai além da formação inicial, a partir dela, o professor busca aperfeiçoar-se cada vez mais para contribuir na formação do aluno por meio do ensino-aprendizagem.

Muitos profissionais da docência ainda têm a ideia de que a formação inicial é a fase de um processo, e que deve ser suprida apenas nela, quando na realidade é uma etapa em que o professor busca o desejo de se capacitar cada vez mais, como nos cursos de formações continuadas, especializações, mestrados e doutorados.

Todavia, as professoras egressas adentram nas escolas normais por alguns caminhos trilhados, buscando o novo, o desejo de aprender e conhecer, para fazer a diferença numa instituição de formação de magistério, como veremos no tópico a seguir.

2.3 Narrativas docentes: ingresso na escola normal

Eu confesso a você que, se dependesse de mim, ainda estaria na ativa. No entanto, me aposentei um ano depois que meu esposo descobriu o problema de saúde, há cinco anos.

Maria Goretti, 2022

Pela narrativa da professora percebemos que se não fossem os fatores externos, seria possível que estivesse em sala de aula, exercendo a profissão com o encanto do aprender e a vontade de ensinar. Percebemos que a escola lhe acolheu

não apenas no que diz respeito ao ensino e aprendizagem, mas ao entretenimento, diálogo e interação.

Silva e Neto (2021, p. 29) afirmam que “o ambiente escolar é o lócus onde o sujeito deveria abrir asas para um voo alargado”, porém esse voar que citam os autores é o voo da criatividade, da alegria, da aprendizagem mútua, da troca de experiências e vivências entre todos.

Esses voos só serão possíveis quando os professores de certa forma estiverem abertos a ouvirem e incentivarem os alunos a flutuarem nas asas dos pensamentos, até o alcance dos sonhos desejados. Nesse sentido, Freire (2014, p. 33) afirma que “não é possível fazer uma reflexão sobre o que é a educação sem refletir sobre o próprio homem”. Refletir sobre o próprio homem é refletir sobre si.

Refletir sobre a educação nesse contexto é pensar em um ser humano inacabado, com suas limitações, que precisa se conhecer para conhecer e respeitar o outro em seus aspectos culturais, sociais, econômicos e religiosos.

As professoras egressas da escola normal vivenciaram ser professora ainda na juventude, sendo assim, puderam ao longo do trajeto receber e se doar no percurso da profissão, recebendo as contribuições que a escola favorece, e doando seus conhecimentos e contribuições na trajetória.

Nesse item surgem as narrativas de quando as egressas professoras ingressaram na escola normal, e por alguns anos viveram e vivenciaram experiências por meio do ensino e aprendizado, isto é, o processo de interação entre professor e alunos. Vejamos as narrativas.

Tabela 9 – Narrativas como adentrou na escola normal

<p>Professora: Vilma de Lourdes.</p>	<p>Eu tinha ido buscar água. Quando cheguei, papai estava na porta de casa com o senhor Zezito, que tinha sido meu diretor no curso pedagógico e era um dos chefes políticos da cidade de Solânea. Papai fez as apresentações, e ele me fez o convite. Não tinha completado ainda nem um ano de minha conclusão do pedagógico, o convite surgiu justamente no dia do meu aniversário, 11 de abril, e eu tinha concluído o curso em dezembro. Então, ele me fez o convite para lecionar a disciplina de Fundamentos. Foi um desafio, mas eu sabia que Deus estava à frente de tudo e agradeço a Ele, Então, quando o Sr. Zezito me fez o convite na calçada de casa, eu disse que não havia aprendido essa disciplina, pois a disciplina de Fundamentos não constava no currículo da época em que estudei. Mas ele disse que eu poderia contar com a equipe formada pelas pessoas que foram meus professores, que eles iriam me ajudar e que eu me sairia bem; e que já era para eu começar na segunda-feira seguinte.</p>
<p>Professora: Claudia Michelino</p>	<p>[...]eu fui com o meu sogro. E você sabe como é cidade pequena, todo mundo conhece os políticos. Então, fomos lá, e ele disse: “pronto, está contratada, vai ser ela”. entrei, por volta de 1994, na Escola Normal, já entrei na responsabilidade de ser professora da disciplina de Língua Portuguesa, que era a única vaga que tinha.</p>

Tabela 9 – Narrativas como adentrou na escola normal

	[...]no ano seguinte entrou um outro grupo de professores, pois os efetivos se aposentaram. Junto comigo ficaram os professores Djanete, DiJael, Emiliano, Júnior e Francillanes. Então, nós formamos um bloco de professores contratados que simplesmente se recusou a dar aula por dar aula. Nós nos dedicamos muito a estudar, e cada um tinha uma formação [...]
Professora: Francillanes Rodrigues	No dia que Vilma me convidou, eu disse para ela que não tinha nenhum material para dar aula, mas ela sabia que, como ex-aluna da escola, eu teria esse olhar do passado e saberia trabalhar e onde poder contribuir. E Vilma apostou em mim, dizendo que fui uma ótima aluna , que queria que eu fosse professora da escola para servir de referência para os estudantes . E assim eu assumi, na época, a Didática da Linguagem, Arte e Religião (Formação) .
Professora: Maria Goretti	[...] eu tinha 20 anos de idade e fui trabalhar como bolsista. Foi muito bom porque ali comecei a tomar mais gosto ainda pela profissão de educadora, e quando eu estava no 2º ano do pedagógico surgiu o curso do município, não exatamente um curso, foi mais por intermédio de amizade . O meu pai era amigo do prefeito daquela época e pediu um emprego para mim. E por estar no 2º ano do pedagógico, ele solicitou que eu fizesse uma prova, eu consegui obter a nota necessária e comecei a trabalhar com o maternal. Dois anos depois, teve o concurso do estado e eu me submeti. Graças a Deus, pelos meus próprios méritos, consegui ser aprovada, fui nomeada como professora para lecionar na Chã de Lindolfo e comecei a ensinar no Polivalente, numa turma de 1ª a 4ª série, com 30 alunos. Em 1989 pedi remoção para a Escola Normal e, graças a Deus, meu requerimento foi deferido e pude lecionar o magistério por 23 anos . Eu lecionava no município e no estado, passei muitos anos trabalhando em três turnos: de manhã na Escola Normal; à noite na EJA, pelo município; e à tarde nas aulas departamentais. Essa trajetória só foi possível porque meu esposo me ajudou, contribuindo demais com a minha jornada.

Nas narrativas das egressas professoras percebemos como ingressaram na escola normal, por indicação de político, indicação de amigo do parente, da gestora escolar, e por remoção de cargo. A entrada de cada uma na instituição deu-se de maneira diferente, porém, a vontade de estarem atuando na educação era maior do que qualquer indicação à instituição.

Essas narrativas nos fazem pensar no ambiente de trabalho que as professoras egressas estiveram vinculadas, dedicando-se por algum tempo. Todavia, **tempo, lembranças e narrativas**, figuram como títulos dessa tese e, quando falo sobre esses títulos, escrevo as lembranças que as professoras egressas portam no tempo e descrevem através das narrativas. Portanto, ousei-me a delimitar-me um conceito dessa titulação.

A palavra tempo pode ter vários significados, dependendo do contexto em que é empregada, porém nesse escrevo à luz de Paul Ricoeur (2005), quando interroga “o que é tempo?” (p.16) e ainda nos diz que surgem as dificuldades, do ser ou não ser tempo. Contudo, as egressas professoras viveram seu tempo na escola normal, um período de trinta e quatro anos de instituição, umas entraram no início, outras bem

depois, porém, todas vivenciaram o tempo independente desse tempo cronológico que adquirimos no decorrer da história.

Ricoeur (2005, p. 17) diz que “o tempo não tem de ser, porque o futuro ainda não é, porque o passado já não é e o presente não permanece.” O autor continua...

Contudo, falamos do tempo como tendo de ser: dizemos que as coisas por vir serão, que as coisas passadas foram e que as coisas presentes passam. Mesmo passar não é igual a nada. É notável que seja o uso da linguagem que sustente, provisoriamente, a resistência à tese do não ser. Falamos do tempo e falamos dele de maneira sensata, o que sustenta qualquer asserção sobre o ser do tempo. (RICOEUR, 2005, p. 17)

“Trazer as lembranças das professoras por meio das narrativas se vale do tempo que vivenciam os acontecimentos lembrados, todavia as lembranças seriam uma espécie de imagem” (RICOEUR, 2007, p.61). Essas imagens nos fazem retratar as lembranças que ao longo dos anos foram guardadas.

Apondo elementos desse tripé para lembrar que as professoras constituem a História pelo tempo, lembranças e narrativas. Porém, a narrativa na perspectiva histórica é uma forma de captar a realidade dentro de uma estrutura organizada do discurso e esses discursos narrativos as professoras apontam no momento em que lembram de acontecimentos na trajetória educacional.

Grossi e Ferreira (1999, p. 33) afirmam: “dessa forma, a memória cumpre seu papel de guardar lembranças que, pelo ato de recordar dos sujeitos, trazem de volta o que ficou inscrito. Assim, a razão narrativa cumpre seu objetivo de ser portadora da memória”.

Nessa perspectiva as professoras egressas narram as disciplinas propedêuticas que lecionaram durante o tempo vivido na instituição, como, Fundamentos da Língua Portuguesa, História, Geografia, Didática, entre outras. A professora Vilma (2021) afirma que “eram muitas as disciplinas, acredito que você ainda tenha alcançado a parte das Didáticas, Fundamentos, Educação Física, Educação Artística, que hoje é Arte”.

Na narrativa da professora percebemos que mesmo a professora sendo formada em Letras, dava conta de outras disciplinas devido à demanda de docente que era mínima na escola normal, e os professores comprometidos com a educação do magistério davam seu jeito para se organizarem dentro da instituição.

O ingresso dessas mulheres na escola normal é uma quebra de paradigmas no sentido de que vivenciaram a escola normal como aluna e neste período vivem como

professora na instituição. Essas narrativas nos encantam e dão vozes às professoras. Os anexos das entrevistas farão o leitor compreender a história de professoras, como diria Ecléa Bosi, se tivesse entrevistado professoras de uma escola normal e publicado em seu livro “memória e sociedade”.

3 MEMÓRIAS DAS PROFESSORAS: Diálogo e formação docente

O homem dever ser o sujeito de sua própria educação.

Não poder ser o objeto dela.

Por isso, ninguém educa ninguém

Freire, 2015

A partir da citação de Paulo Freire, inicio a escrita deste capítulo apresentando as narrativas sobre diálogo e formação docente das professoras egressas da Escola Normal. Para isso, assinalo questões sobre a formação inicial, práticas educativas, uniforme escolar, eventos educativos e outras questões sobre as quais as egressas educadoras discorrem no que diz respeito ao período em que estiveram no chão da Escola Normal.

Resgatar por meio das narrativas as memórias que as professoras egressas da Escola Normal trazem sobre diálogo e formação docente é importante para compreendermos o papel que elas exerciam enquanto formadoras e mediadoras do conhecimento entre professor, aluno, escola, comunidade e sociedade. Essas relações nos fazem entender o papel da escola enquanto instituição democrática e participativa na sociedade.

Portanto, as egressas professoras contribuíram para a formação de sujeitos, auxiliando seu desenvolvimento para a vida em sociedade como ser crítico e transformador, mediando o saber adquirido no magistério e perpassando o conhecimento adiante. Kulcsar afirma:

O conhecimento elaborado, principalmente no decorrer dos anos escolares, adquire força educativa quando se torna instrumento capaz de auxiliar o sujeito a atuar concretamente na natureza e na sociedade de modo crítico e transformador (KULCSAR, 2009, p. 70).

O conhecimento acontece a partir do diálogo, da convivência, da interação entre pessoas, e a escola também é um ambiente de conhecimento, aprendizado e educação, onde o sujeito se educa em comunhão entre seus pares (Freire, 2015). Nessa perspectiva, podemos compreender que as narrativas que as professoras trazem neste capítulo nos fará refletir o quanto é possível construir uma história dentro de uma instituição a partir do esforço, empenho e trabalho em equipe.

Na trajetória das egressas professoras percebemos, além das narrativas escolares, os esforços que essas mulheres fizeram para sanar lacunas dentro da escola. Abrindo mão, muitas vezes, de suprir para si e preferindo doar em prol da escola, do aluno, do colega professor, doando-se sem querer nada em troca.

Como afirma o livro *Confissões*, de Santo Agostinho (2007, p.31), “É isto o que se ama nos amigos; e de tal modo se ama, que a consciência humana se julga culpada se não ama ao que a ama, ou se não retribui amor com amor procurando na pessoa do amigo apenas o sinal exterior de sua benevolência”.

Independentemente da benevolência de cada integrante da instituição, as professoras desempenharam seu papel de professora não só oferecendo conteúdos didáticos, mas, sobretudo, estendendo a mão, o afeto e até mesmo tirando do próprio salário para auxiliar o próximo, como veremos nas narrativas.

3.1 **As memórias da formação continuada e do ensino e aprendizagem.**

A educação é feita de gente, não é feita de pessoas irracionais, de pessoas que não pensam totalmente, mas de pessoas inteligentes, pois todos são dotados de uma inteligência que está acima de tudo, está acima de todos os conhecimentos de um sábio. Quando se quer, se consegue

Professora Maria Goretti, 2021

Na narrativa da professora, percebemos que o sonho de formação vem da infância, e que não há limite para exercer a função professoral, pois “quando se quer se consegue” e essa conquista vai ao encontro da formação continuada, do desejo de aprender, de fazer diferente e de interagir com o outro.

As professoras trazem memórias de episódios importantes que podemos compreender através do tempo. Bosi (1994, p.48) afirma que “o passado se conserva, e além de conservar-se, atua no presente, mas não de forma homogênea”, ele se coloca de forma heterogênea, aberto a todos para que se possa compreender sua relação com o presente.

As professoras Vilma e Maria Goretti antecederam as professoras Claudia e Francillanes no ingresso na Escola Normal, e através de suas narrativas percebemos como acontecia a formação inicial. As que ingressaram primeiro na instituição afirmam

terem feito muitos cursos, os quais ajudaram na experiência docente. As outras afirmam que a Escola Normal não atendia à formação do professor, pois sequer havia um especialista na função de coordenador pedagógico. Sendo assim, refugiaram-se no Proformação, que veio sanar a lacuna que a escola enfrentava.

O Proformação foi um programa do Ministério da Educação – MEC, instituído a partir de 1999, com o objetivo de acabar com a figura do professor leigo. Era um curso de nível médio com habilitação em magistério, na modalidade de educação semipresencial. Esse programa subsidiou as professoras egressas não apenas no fator financeiro, mas em recurso didático, material escolar e formação continuada. Era através do material recebido pelos alunos do Proformação que as professoras davam suporte aos alunos do magistério.

Essas professoras aguerridas, além de lecionar na Escola Normal durante todo o ano letivo, quando chegava o período de férias, nos meses de junho e dezembro, davam aulas também para os alunos do Proformação, pois o curso era ministrado numa modalidade sequenciada, de segunda à sexta-feira, durante trinta dias. Os alunos do Proformação eram de cidades circunvizinhas a Bananeiras e tinham concluído apenas o ensino fundamental ou médio na modalidade científico, ou nem tinham concluído o fundamental. O Proformação priorizava essa demanda de professores que estavam em sala de aula, mas sem um curso na modalidade normal.

Vejamos algumas narrativas:

Tabela 10 – Narrativas sobre as formações continuadas

<p>Professora: Vilma de Lourdes.</p>	<p>Nós fizemos muitos cursos, viajávamos para Alagoa Grande/PB, onde existia um centro de treinamento, e passávamos meses participando de cursos, principalmente os professores das didáticas. Viajávamos também a João Pessoa, onde ficávamos nos melhores hotéis, para fazer capacitação, o governo investia na gente. Eu tenho bastante título, alguns já joguei até fora, acredita? Tanto certificado, diploma...[...] participávamos de muitas formações e quando chegávamos na nossa escola nos reuníamos com os professores e passávamos tudo aquilo que foi orientado, éramos muito bem assistidos. Sempre éramos convidados para a 2ª Região, em Guarabira/PB, para participar de treinamentos. Algumas vezes também viajamos a Campina Grande/PB ou Sapé/PB, onde também tem um centro de treinamento</p>
<p>Professora: Claudia Michelino</p>	<p>Quando surgiu o Proformação, nós nos dedicamos muito a estudar, e cada um tinha uma formação, um era formado em Geografia, outro formado em História, algumas das meninas vinham da Escola Normal. A nossa equipe de professores sempre foi muito comprometida, nós nos reuníamos à noite e sobrevivemos na Escola Normal, pelo menos naquela época, porque somos guerreiros, pois a regional não nos dava apoio nenhum. Então, o Proformação veio como divisor de águas mesmo, e foi naquela época também que mudou a sistemática dentro da educação, devido à LDB, que frisou bem que o sistema teria que mudar, ninguém mais poderia entrar para dar aula de qualquer forma, sem os cursos específicos. Houve tudo isso.</p>

Tabela 10 – Narrativas sobre as formações continuadas

Professora: Francillanes Rodrigues	Enquanto o estado não mandava um profissional para assumir a cadeira de coordenador pedagógico, começamos a fazer grupos de estudo, a estudar os PCNS. Tudo que recebíamos de formação nos treinamentos do Proformação, adequamos à escola, porque nós éramos muito valorizados pelo governo federal, éramos capacitados em hotéis de João Pessoa, vinha equipe de Brasília, e com a ajuda do computador fomos informatizando e facilitando algumas coisas.
Professora: Maria Goretti	Eu participei de muitas formações, de encontros de formação no município, mas nunca para ficar à frente como coordenadora ou supervisora. Isso nunca quis. Eu tinha o desejo de ter uma pós-graduação, então formamos uma turma com professores que vinham aos finais de semana, às vezes até no domingo havia necessidade de estar em sala.

Pelas narrativas das educadoras compreendemos que a formação continuada acontecia nos encontros na capital ou em outras cidades, enquanto na escola havia trocas de saber, diálogos e interações sobre os temas abordados. Elas também se dedicavam aos estudos em grupo dos PCNs - Parâmetros Curriculares Nacionais -, estudando a interdisciplinaridade entre os componentes disciplinares Arte, História, Geografia, Língua Portuguesa, Matemática e outros, como demonstra a figura abaixo.

Figura 20 – Parâmetros Curriculares Nacionais



Fonte: Acervo Google imagem, (2022)

Os parâmetros curriculares contribuíram significativamente na formação docente como incentivo para leituras, debates, dinâmicas de grupos e vivência entre a escola e a sociedade, além de impulsionarem os professores a refletir sobre sua

prática, através do estudo dos quatro pilares da prática pedagógica: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver com os outros e aprender a ser (BRASIL, 1998, p. 17).

Segundo Nóvoa (2001, p. 3), “a formação continuada docente deve ser pensada em constante reflexão”, na medida em que, dentro e fora do âmbito escolar, o professor deve estar em movimentação para que a aprendizagem lhe possibilite informações e conhecimentos necessários à sua prática diária. E afirma:

A formação é um ciclo que abrange a experiência do docente como aluno (educação de base), como aluno-mestre (graduação), como estagiário (práticas de supervisão), como iniciante (nos primeiros anos da profissão) e como titular (formação continuada). Esses momentos só serão formadores se forem objeto de um esforço de reflexão permanente (NÓVOA, 2001, p. 3).

Sendo assim, quando a professora Maria Goretti fala sobre a pós-graduação em nível de especialização exemplifica o comentário do autor sobre experiências no ambiente de trabalho, ou seja, sobre o fato de que quando se adere à formação continuada, se cresce intelectual e financeiramente.

Para Nóvoa (2011), o professor deve reconhecer a escola não apenas como o ambiente onde ensina, mas também onde aprende. Nessa perspectiva, a Escola Normal é considerada um lugar de aprendizagem e de ensino pelas professoras egressas, mesmo que tenham enfrentado dificuldades, já que o esforço e a dedicação em prosseguir estudando e obtendo conhecimentos além dos adquiridos na formação inicial na universidade superaram os desafios dentro da instituição.

Entendemos que o professor deve ser curioso e estar aberto às novas aprendizagens, conhecendo o desconhecido, como anuncia Paulo Freire (2015), pois só pesquisamos aquilo que ainda não conhecemos. As professoras trazem para si a curiosidade de aprender, dialogar, interagir, trocar ideias sobre o desconhecido ou o que necessitasse ser aprimorado.

Contudo, a formação continuada faz sentido no repensar o que fazemos e onde estamos inseridos, sem desconsiderar as nossas particularidades, mas pensando em questões maiores, como a generosidade, também em outros espaços, fora da escola (GATTI, 2021).

O pensar sobre formação continuada, nesse sentido, faz com que se entenda um pouco de nós e de nosso desejo de aprender sempre. Gatti (2021) afirma que devemos lembrar que a docência é uma profissão complexa, que envolve um elo de

conhecimento que vai de uma dimensão a outra, como da antropologia às novas tecnologias.

A formação docente nos leva a um padrão de conhecimento amplo que requer dos professores doação, tempo, estudo, pesquisa, conhecimento, motivação e outros fatores que envolvem esse ofício. Somente pela formação se pode levar o professor a refletir seu papel enquanto sujeito que contribui na formação de outros sujeitos.

3.2 Atividades docentes

A escola é o espaço do planejamento do professor, e os recursos servem como ferramentas metodológicas para a escolha de conteúdos significativos. Não vejo sucesso qualquer se os conteúdos escolares não tiverem significado para o aluno.

As professoras da Escola Normal narram momentos que vão além do ato de planejar ou selecionar conteúdos, falam de humanização, cuidado e atenção aos alunos. Como disse a professora Vilma (2021), ela não focava somente nos conteúdos, mas em outras questões como religiosidade, condições de saúde, alimentação e vestimenta dos alunos, e de maus-tratos pelos pais.

Nesse sentido, entendemos que a prática educativa bem-sucedida é aquela que contribui para que os alunos se tornem mais humanos do ponto de vista sócio-histórico (MARQUES e CARVALHO, 2017, p.3). Quando temos empatia pelo outro e nos colocamos no lugar dele, seja aluno ou qualquer outra pessoa, a prática educativa torna-se mais humana.

As narrativas da professora Vilma nos fazem refletir sobre o aspecto humanizado, e ela se emociona ao dizer que:

Eu sempre tinha uma palavra de ânimo, de força e encorajava para que eles dessem continuidade ao trabalho, mesmo sabendo que muitos não tinham sequer condição de terminar o curso, mas eu insistia, fazia de tudo, dizendo: “olhe, você vai terminar, você não vai desistir, eu vou lhe ajudar (VILMA, 2021).

As narrativas das professoras nos chamam atenção quando afirmam que a escola era carente em todos os seus aspectos estruturantes e financeiros e que não tinha recursos. Elas dependiam dos meios possíveis, utilizando metodologias e ferramentas acessíveis, mesmo em um período que não existia sequer impressora para se tirar uma cópia.

Percebe-se isso no desabafo da professora Francillanes (2021), ao dizer: “meu discurso era só fiquem aqui se vocês gostarem de crianças, só permaneçam no curso se vocês quiserem enfrentar toda essa realidade que é uma sala de aula”. A professora entendia e vivenciava a beleza da profissão, mas sentia o amargo de não ter como contribuir com mais recursos nas aulas. O que restava a essas professoras era falar sobre a realidade, mediante as dificuldades que se enfrenta nas escolas.

O que menos as professoras da Escola Normal desejavam era que os alunos estudassem três anos de magistério e desistissem na primeira tentativa, ao encontrar uma sala de aula com vários problemas. Por isso elas preferiam anunciar o que eles desconheciam, que somente na prática iriam “sentir na pele” o doce ou amargo da missão de ensinar.

Por meio das narrativas as professoras lembram que durante o dia lecionavam duas ou mais disciplinas, e uma vez por semana, à noite, reuniam-se para o planejamento e discussão sobre suas práticas em sala de aula. Pimenta (1999, p. 28) afirma que refletir na ação, sobre a ação e sobre a reflexão na ação torna o professor reflexivo na sua prática, seja durante, depois ou fora da aula.

As narrativas que seguem farão o leitor compreender momentos que as professoras egressas vivenciaram a partir de suas atividades docentes em uma instituição normal.

Tabela 11 – Narrativas sobre planejamentos, recursos, metodologias e outros.

<p>Professora: Vilma de Lourdes.</p>	<p>[...] eu era uma professora e diretora que não via somente o conteúdo, abrangia tudo: a questão, religiosa, a questão do aluno que chegava doente, desesperado, aquele que não tinha o que comer em casa, aquele que não tinha uma boa vestimenta ou que os pais maltratavam. Eu sempre tinha uma palavra de ânimo, de força e encorajava para que eles dessem continuidade ao trabalho, mesmo sabendo que muitos não tinham sequer condição de terminar o curso, mas eu insistia, fazia de tudo, dizendo: “olhe, você vai terminar, você não vai desistir, eu vou lhe ajudar. Vamos juntar uma equipe de professores, todos vão lhe ajudar e você vai concluir o ano letivo”. [...] a escola era carente, então lecionei Português, Didática da Linguagem, História, Ciências, todas as didáticas, só não lecionei Matemática e Didática da Matemática. Eu passei por muitas disciplinas, mas eu gostava demais da Didática da Linguagem. Minhas aulas eram sempre muito dinâmicas, eu procurava músicas e historinhas que estivessem de acordo com a disciplina, já preparando o aluno para o ensino-aprendizagem na prática. Eu não gostava de aulas apenas com o conteúdo, de colocar no quadro de giz excesso de conteúdo achando que o aluno iria aprender, eu gostava da prática, eu atuava com a prática, mostrava ao meu aluno como ele deveria dar aula, contar uma história e receber o aluno.</p>
<p>Professora: Claudia Michelino</p>	<p>A Escola Normal não tinha um coordenador pedagógico [...] Passávamos o dia na Escola Normal dando aula e, em uma noite por semana, nos reuníamos [...] Não tínhamos o recurso do computador para fazer nada, data show é coisa de hoje, naquela época, quando conseguíamos, por conta de um programa do governo federal, um retroprojeto (instrumento que projeta a imagem que está numa folha</p>

Tabela 11 – Narrativas sobre planejamentos, recursos, metodologias e outros.

	transparente), era uma novidade! Até o mimeógrafo era um sacrifício para a Escola Normal. Muitos dos recursos que utilizávamos éramos nós que comprávamos. Eu usava os recursos durante as aulas já pensando no objetivo de ter material para mostrar quando chegasse a semana pedagógica. Com as cadeiras pedagógicas era fácil fazer isso, mas nas técnicas, não, pois tínhamos que nos preocupar com o conteúdo formal para o aluno, já que o vestibular era mais específico. Não que não seja hoje, mas era por área. Na visão que eu tenho hoje, acredito que quem estava na escola normal ia mais pelo pedagógico, a maioria dos alunos queria aprender a ser professor na sala de aula. Trabalhávamos vários assuntos na sala de aula, questões de sexualidade, religiosidade, política, culturas, e sempre soubemos lidar com essas questões. Eu desconheço que tenhamos tido, eu e meus colegas, algum problema em sala de aula, com aluno, sobre esse tipo de assunto, pois sempre abrimos espaço para conversar com eles.
Professora: Francillanes Rodrigues	Quando eu lançava uma proposta, aquilo era uma avaliação somativa, colocada na caderneta e lançada como nota bimestral. O caderno de caligrafia era uma nota, o flanelógrafo era outra, para que eles entendessem a importância de produzir. Quando surgiu o Proformação, a escola foi ganhando mais recursos e usávamos muito o videocassete e o retroprojektor. Antes só tinha quadro de giz branco, raramente tinha um giz colorido, e cada um tinha que ir buscar. Quando assumi, não tinha material para dar aula, comprei, com recurso próprio, comprei um livro para dar aula de Didática da Linguagem. Eu tinha o meu caderno do tempo de aluna, então, o livro veio complementar. Tudo que recebíamos de formação nos treinamentos do Proformação, adequamos à escola, porque nós éramos muito valorizados, éramos capacitados em hotéis de João Pessoa, vinha equipe de Brasília, e com a ajuda do computador fomos informatizando e facilitando algumas coisas.
Professora: Maria Goretti	As disciplinas que mais lecionei foram as didáticas - Didática Geral, Didática da Matemática, Didática das Ciências, Didática dos Estudos Sociais - em que trabalhávamos muito as aulas práticas. Planejavamos as microaulas junto com os alunos para que eles as ministrassem individualmente, enquanto nós observávamos todo o procedimento de aula, a metodologia, os recursos didáticos, o conteúdo, o domínio do conteúdo e se realmente o aluno estava preparado, já que era uma preparação para o estágio supervisionado. Nosso planejamento era sempre feito quinzenalmente, as aulas departamentais eram justamente para isso, para planejarmos e opinarmos sobre algum pedido ao gestor da escola. Tínhamos nossos encontros quinzenais, mensais e ao final de cada bimestre havia um momento de planejamento pedagógico. O material do Proformação foi o foco principal, o material e os livros (módulos) ajudaram demais os professores da Escola Normal, pois com eles as aulas eram ministradas e planejadas para os alunos da própria escola. microaulas, existiam justamente para que eles sanassem suas dificuldades e se preparassem melhor, pois no estágio supervisionado ninguém vai orientar. Eu, como professora que está observando ou professora-coordenadora, não vou ficar dizendo o que está errado ou como eles devem fazer isso ou aquilo, ninguém vai interferir. Nós pedíamos que eles se comportassem como crianças, e no final era só risada: "Ave Maria, professora, que conversa, eu, adulto, me comportando como criança!" ... E eu dizia: "crianças fazem bagunça, tem que ser assim mesmo". E eles faziam bagunça mesmo, já que era a realidade de uma sala de aula de crianças. Aquilo foi muito bom, não sei se ainda existe por lá essa prática. Mediante a necessidade de trabalhar o dia a dia do nosso aluno, tratávamos temas não só de dentro da própria escola, mas outros como namoro, sexualidade, religião... Trabalhei muitos temas da Campanha da Fraternidade, que eram ecumênicos, nas minhas aulas, porque eram temas abrangentes e interessantes a todos, que abrangiam a sociedade como um todo. Cada grupo determinava um tema: sexualidade, aborto, namoro etc. e eu promovia as conversas, os debates e as discussões dos diversos temas abordados. Assim, descobrimos que existiam pessoas que tinham a necessidade de escutar e até mesmo de participar daquele tema, pois tinha a ver, às vezes, com um aluno ou aluna, e eles mesmo faziam as suas exposições pessoais.

O advento do Proformação oportunizou à Escola Normal recursos materiais e equipamentos que as professoras aproveitavam em suas aulas para auxiliar os alunos do magistério. Mesmo vindo de outra fonte, tais ferramentas eram uma grande contribuição em sala de aula e uma realização para as docentes. Sendo assim, o Proformação foi um divisor de águas, na medida em que esse material trazido por ele, tais como os livros e módulos, era utilizado no planejamento das aulas, subsidiando, inclusive, as microaulas que os próprios alunos lecionavam na escola, simulando uma aula de verdade com crianças.

Rememoro como as microaulas que ministrei durante o magistério me fizeram crescer profissionalmente. De pé, na sala de aula, à frente do quadro negro, com giz, cartaz na parede e régua na mesa do professor, eu começava cantando algumas músicas infantis para, em seguida, fazer uma dinâmica e iniciar a aula expositiva, sem nenhum recurso tecnológico. Conversava com os alunos como se fossem crianças, era uma verdadeira simulação, escrevia no quadro exercícios e pedia para que copiassem. As professoras observavam do fundo da sala, não questionavam nem interferiam, apenas faziam, ao final, as considerações, avaliando o desempenho.

Algumas alunas não gostavam de ministrar microaulas, achavam uma infantilidade, quando, na realidade, aquela forma de ensinar e aprender era um ensaio para minha prática docente.

As microaulas, assim nomeadas por terem duração inferior aos cinquenta minutos convencionais, faziam com que eu refletisse a partir da minha prática, e através do magistério tornei-me um profissional mais humano.

Outro momento importante no percurso do magistério foram os estágios supervisionados, que advêm como uma prática ativa na escola, em que os alunos demonstram interesse, ou não, para seguir o caminho professoral ao longo da vida.

O estágio é o início do processo e não o processo em si. Francillanes (2021) lembra que sempre conversou com os alunos, afirmando: “o estágio é um momento e não é tudo, vocês vão conhecer o que é uma sala de aula quando estiverem com o seu aluno”.

Esse não é um discurso superficial, é um discurso real, pois durante o estágio aprendemos muito, porém, é pouco tempo de vivência. Somente assumindo uma sala de aula sabemos como é a prática diária do professor. Por isso o estágio é considerado um instrumento fundamental no processo de formação do professor, seja no magistério ou na graduação (KULCSAR, 2009).

Portanto, as narrativas das egressas professoras nos fazem entender o quanto o trabalho coletivo benfeito é valioso, seja por meio do planejamento, por partilha de recursos ou estratégias metodológicas, entre outros elementos, ou seja, somente através da coletividade acontece o êxito.

Mesmo diante das dificuldades, sem uma coordenação pedagógica ou apoio dos gestores públicos estaduais e municipais, a gestora escolar, juntamente com os professores e demais funcionários, dedicou-se dando o seu melhor pela formação do aluno, sempre focando no processo ensino e aprendizagem.

As narrativas que as professoras trazem, e que estão expostas nos quadros, nos fazem refletir sobre o percurso delas no que tange ao ato de fazer educação. Poderíamos dialogar com o contexto histórico atual, porém fazemos uma reflexão sobre o contexto da época em que essas mulheres se desdobravam com todos os seus afazeres de esposas, mães e donas de casa, entre outros.

Diante das situações que a escola enfrentava, de não se ter nem mesmo um mimeógrafo, um retroprojetor ou uma televisão para assistirem a um vídeo, em que as ferramentas eram somente quadro e giz, elas se superaram, buscando outros aparatos para contribuir na formação dos alunos. O bom é lembrar, necessário é continuar.

3.3 Lembrança de ontem, narrando hoje – eventos escolares

A escola é um espaço onde a cultura acontece por meios dos eventos escolares, representativos de professores, alunos e da comunidade escolar.

Compreendo que a escola não desassocia a cultura, pois é no espaço escolar que acontece a presença cultural, seja por meio de projetos, feiras de ciências, desfile cívico, colação de grau, jornada pedagógica, exposições, entre outros. Segundo Candau e Moreira (2003), não se pode conceber uma experiência pedagógica “desculturizada”.

Não há educação que não esteja imersa na cultura da humanidade e, particularmente, do momento histórico em que se situa. A reflexão sobre esta temática é co-extensiva ao próprio desenvolvimento do pensamento pedagógico. Não se pode conceber uma experiência pedagógica “desculturizada”, em que a referência cultural não esteja presente (CANDAU e OLIVEIRA, 2003, p. 159).

As professoras egressas narram momentos importantes na escola, eventos que abrangiam culturas diferentes representadas por alunos de diversas cidades

circunvizinhas ao município de Bananeiras/PB. Nessa dimensão, compreendemos a Escola Normal como um espaço de cultura cujas jornadas pedagógicas apresentavam feiras de ciências, danças, palestras e outras atividades interculturais que aconteciam de forma harmoniosa.

Para Candau e Moreira (2003, p. 160). “a escola é, sem dúvida, uma instituição cultural”, pois na instituição escolar se encontram diversos sujeitos com religião, etnia, raça, classe social e senso político diferentes, mas que, no entanto, precisam ser respeitados em suas diferenças.

Segundo Oliveira e Candau (2003) afirmam, “as relações entre escola e cultura não podem ser concebidas como entre dois polos independentes, mas sim como universos entrelaçados, como uma teia tecida no cotidiano e com fios e nós profundamente articulados”.

A partir dos autores, entendemos que as relações entre escola e cultura estão ligadas por meio dos sujeitos envolvidos na construção do saber escolar e da sociedade. As professoras egressas narram episódios desses eventos na instituição sem esconder a alegria que sentiam por contribuírem na formação dos alunos.

Quando a professora menciona o desfile cívico, a alegria está em seu semblante ao narrar: “era emocionante, principalmente quando havia homenagem a tantas pessoas que fizeram parte da nossa escola” (MARIA GORETTI, 2021).

As homenagens a ex-alunos, a ex-professores e a outros sujeitos que passaram pela escola, na narrativa da professora, são lembradas com gratidão, mesmo que, para isso, precisasse arcar com as despesas, como ainda afirma a professora Maria Goretti (2021): “às vezes arcávamos com a parte financeira”.

A fala da professora Francillanes (2021) - “[...] desfile impecável, só de alunos, sem homenagem a A ou B, sem muitos estandartes” - refere-se a homenagens a terceiros que não estavam ligados diretamente à escola, mas também que a escola priorizava pelotões com fardamento, o que chamava atenção no desfile cívico.

Para a professora Claudia (2021), esse pelotão masculino fazia toda a diferença na abertura do desfile cívico: “mesmo a escola sendo tradicionalmente estruturalmente, para jovens femininas, no passar dos anos, com o tempo, tínhamos um pelotão masculino”.

Quando a professora Maria Goretti (2021) afirma que “queríamos uma escola que estivesse no meio do povo, no meio da sociedade”, podemos refletir sobre o fato

de que a escola não foi criada para ser fechada em seu interior, mas para ser expandida à sociedade.

Tabela 12 – Narrativas sobre os eventos escolares

<p>Professora: Vilma de Lourdes.</p>	<p>[...] nos dias de desfile era a coisa mais linda quando desciam aquela ladeira da Igreja Católica (expressão de alegria). Antes de assumir a direção, já existia o desfile, mas houve um período em que as mulheres usavam calça jeans para desfilar. As colações de grau da Escola Normal eram muito atraentes. Vinham pessoas de todas as cidades da vizinhança para ver seus filhos ou amigos que estavam terminando o curso e participando da festa. Quanto ao fardamento, eu observava o exemplo da escola das freiras, aquilo me chamava a atenção, então nos reunimos com toda a equipe, todos abraçaram a causa e ficou bonito, eu não aceitava que nenhum aluno entrasse na escola sem farda. Houve intervenção, mas depois, com a conscientização, eu, juntamente com a coordenação e com a equipe de professores, comecei a incentivar e mostrar como ficava bonito e como deveria se fazer na Escola Normal. Algumas alunas resistiam ao fardamento, nem todo mundo é igual, uns aceitavam, outros não, uns achavam bonito, outros não, mas eu sempre dizia à minha equipe que não iríamos confrontar ninguém, mas conquistar. E como conquistar? Com a nossa humildade, que acabou falando mais alto. Quando elas se armavam para dizer o que tinham vontade, não conseguiam, porque nós falávamos com humildade e quem aparecia era Jesus e elas de repente concordavam.</p>
<p>Professora: Claudia Michelino</p>	<p>[...] acontecia também a semana pedagógica, eu fui responsável pela primeira semana pedagógica daquela escola. Sempre teve desfile no dia 7 de setembro e todas as escolas participavam, no meu primeiro ano na Escola Normal, o número de rapazes só foi o suficiente para preencher o pelotão das três bandeiras, lembro bem disso, ficou na nossa mente. E no passar dos anos, com o tempo, tínhamos um pelotão masculino. O pessoal vai dizer que era muito tradicional, e realmente era, mas era essa tradição que mantinha a essência da Escola Normal. [...] as meninas, de saias plissadas, blusas brancas, sapatinhos pretos, meias brancas abaixo do joelho... Todo mundo dizia: “aquela é uma aluna da Escola Normal”. Era uma identificação, em todo lugar as pessoas sabiam que era normalista, apesar de algumas meninas terem resistência pelo tamanho da saia. Talvez se fosse curta elas não relutassem, mas, como era um pouco longa, resistiam. Mas ficavam lindas!</p>
<p>Professora: Francillanes Rodrigues</p>	<p>O desfile cívico e as jornadas pedagógicas eram momentos de mostrar para a sociedade o que era a Escola Normal. Recebíamos poucas visitas, havia pouco interesse das pessoas em contribuir ou reconhecer o trabalho. Lembro que plantei um pau-brasil na escola para eternizar o momento em que Vilma assumiu e, em sua simplicidade, queria mudar, entendeu? E ela fazia questão daquele desfile impecável, só de alunos, sem homenagem a A ou B, sem muitos estandartes. Era o nome da escola e todos nós fardados, inclusive recentemente postaram no Facebook da escola algumas fotografias desse desfile.</p>
<p>Professora: Maria Goretti</p>	<p>O desfile cívico era um exemplo de patriotismo, de respeito, e trazia para cada um de nós, acima de tudo, lembranças dos nossos antepassados, lembranças que jaziam dentro de nós, e o desejo de participar de verdade. Era emocionante, principalmente quando havia homenagem a tantas pessoas que fizeram parte da nossa escola, pessoas que contribuíram de verdade para que ela nunca acabasse. Por isso nós fazíamos de tudo para que acontecesse, tinha que ser perfeito, às vezes arcávamos com a parte financeira para que o desfile acontecesse e, sinceramente, ele fechava. Era a última escola a desfilar, e todos que se faziam presentes naquele momento diziam: “a Escola Normal fechou”, e fechava de verdade, em todos os sentidos, sinto muitas saudades daqueles desfiles. Acompanhei todas as jornadas pedagógicas, que iniciaram na gestão da professora Vilma, quando sentimos a necessidade de a escola não fechar, não ficar lá no canto, queríamos uma escola que estivesse no meio do povo, no meio da sociedade, não só dos alunos e famílias, mas na sociedade como um todo. A farda da Escola</p>

Tabela 12 – Narrativas sobre os eventos escolares

	Normal surgiu na época da gestão de Vilma, no início era calça jeans com blusa branca e tênis normal, mas houve certa resistência por parte dos alunos. Deus do céu, foram muitos problemas dentro da escola por conta da não aceitação do fardamento, só que era o que identificava os alunos. Principalmente a saia. Muitas meninas diziam que não se viam com aquela saia, que ela era horrorosa, mas eu sempre motivava e incentivava, dizendo que elas já tinham um porte de professoras com aquele fardamento. Para muitos foi um ponto negativo, muitos problemas surgiram, tive conhecimento de que uma aluna desistiu do magistério por conta do fardamento. Alguns diziam que não iam se matricular naquela escola por causa da farda ou da “saia ridícula”. Era assim que diziam, mas, sinceramente, para mim, foi o fardamento mais bonito desde o tempo que trabalhei na escola.
--	---

As lembranças são formidáveis, por meio delas rememoramos acontecimentos que nos fazem viajar em uma linha de tempo. A narrativa da professora Claudia Michelino (2021) caracteriza bem esse momento quando afirma que com o passar dos anos tínhamos um pelotão masculino.

Figura 21 – Desfile cívico – pelotão masculino da escola normal



Fonte: Acervo particular de Luiz Eduardo Paulino da Silva (1998)

Esse momento de patriotismo era agradável para alguns e entediante para outros, porém o que prevalecia não era a norma, mas a forma como as professoras cativavam os alunos para que participassem dos eventos, principalmente do desfile cívico.

Uma escola projetada no ano de 1983, estruturalmente composta por mulheres, a partir de 1997 já tinha um pelotão específico de homens fazendo a abertura do

desfile, demonstrando que acolhia a todos os públicos. A Escola Normal, por meio dos eventos escolares, demonstrava abranger, em seu cotidiano, diversas culturas, alunos de cidades diferentes, pessoas que traziam costumes diferentes e um jeito próprio de ser.

Essa diversidade cultural manifestava-se e era representada nas jornadas pedagógicas, nos desfiles e gincanas e nas microaulas, na medida em que quem participasse dos eventos compreendia as diversas formas de educação ali expostas ou, como diz Brandão (2009), “educações”, pois, ao trazer experiências por meio de eventos, estamos aprendendo uma diversidade de conhecimentos que só pode ocorrer por meio da educação.

O projeto político pedagógico da Escola Normal diz que devemos “formar cidadãos críticos, participativos, formadores de opiniões, responsáveis com seus direitos e deveres, colaborando de forma integradora, **respeitando a diversidade cultural** e observando sempre os valores éticos e humanos da sociedade” (SANTOS, 2019, p. 13, grifo nosso).

Os sujeitos que estão na escola precisam refletir sobre a diversidade, apontando caminhos que possibilitem a troca de saberes, o diálogo, o respeito, a compreensão de todos que compõem a escola, pois o indivíduo é parte da educação e coletivamente formamos um todo nesse processo educacional.

Paulo Freire (2015) afirma que “estamos todos nos educandos”, e ao partir da cultura escolar por meio dos eventos estamos vivenciando educação, fazendo educação, de uma forma ou de outra estamos partilhando saberes e debatendo, discutindo, questionando o saber fazer dentro da instituição e fora dela, abrindo espaço para a escola ir à sociedade e a sociedade vir à escola. Na atualidade o maior desafio da escola é essa interligação escola-sociedade e sociedade-escola.

3.4 Acontecimento marcante – memorável

Este trabalho, por ter uma metodologia de pesquisa temática, não afasta o olhar para as narrativas de vida, uma vez que as professoras narram fatos no âmbito escolar do seu cotidiano, portanto, essas lembranças são relevantes por fazer com que reflitamos sobre a humanização da formação docente. Segundo Kenski (2009, p. 42):

A história de vida de uma pessoa é composta de lembranças marcantes que a determinam. **A memória não é um procedimento individual, mas uma**

relação determinada do indivíduo com a cultura e com as formas de dominação sob as quais se foi constituindo. As lembranças desagradáveis e os sentimentos negativos, especialmente os ocorridos na infância – em muitos casos, são “esquecidos”, mas não inteiramente perdido pela memória (KENSKI, 2009, p. 42, grifo nosso).

Somos vivos de lembranças, e as lembranças nos causam saudades. Saudades do tempo que não volta, saudades da risada que partilhamos, saudades da pessoa que partiu, saudades do aluno que afrontou e saudade daquele que nos respeitou, saudades...

As professoras egressas narram lembranças que suscitaram saudades e que, ao longo do tempo, guardaram consigo. São relatos marcantes, poderiam narrar muitos outros, mas foram levadas a discorrer sobre um único episódio.

Ao lermos as narrativas, conheceremos os seguintes episódios: o aluno que afronta a professora, proferindo não ter um sapato para calçar; a ex-aluna que encontra a professora em um colóquio e descreve o quanto foi prazeroso ser sua aluna; as atividades de caligrafia e o flanelógrafo como recursos para uma aprendizagem significativa; e a aluna grávida que perde a vida em um acidente de ônibus.

As professoras lembram de acontecimentos marcantes na vida dos alunos, rememoram momentos que carregam consigo por toda a vida, e essas lembranças, quando surgidas, causam saudades, emoção, sentimentos que todo ser humano sente.

Escrevo o poema *A Saudade*, de minha autoria, para dialogar com as narrativas das professoras egressas, pois somos feitos de saudades, saudades do que passou, que foi algo especial e não volta mais, e do que foi banal, mas gostamos de lembrar.

Temos saudade do olhar, do sorriso, do aperto de mão, até mesmo do sentar-se na praça para conversar e pensar no amanhã.

A Saudade

A saudade abate o espírito do ser humano
que, incessante, procura preencher a ausência
do pai e da mãe que partiram,
do amigo que se afastou,
do amor que não correspondeu,
do afeto que não recebeu
e do abraço que tanto esperou.
A saudade abate o espírito
do ser humano solitário
à espera por um sorriso claro,
e um aperto firme de mão,
de um bom dia motivador,
de um ombro para se apoiar

Alguém que consigo possa chorar.
 A saudade abate o espírito
 do idoso que vive a pensar,
 do mendigo que não tem onde morar,
 do desempregado querendo trabalhar,
 do menino que da mãe se perdeu,
 dos momentos que já se viveu,
 das noites em que não conversa com Deus.
 A saudade não abate o espírito
 daquele que de Deus se aproximou,
 das maravilhas que Deus lhe ensinou
 e das bênçãos que Deus lhe deu.
 (Silva, 2022)

Pelas narrativas das professoras entendemos que os sentimentos de amor, saudade e perdão são emoções da natureza humana e não se limitam em um espaço, mas expressam-se, aonde formos, por gestos, expressões e lágrimas.

Tabela 13 – Narrativa sobre um episódio marcante

<p>Professora: Vilma de Lourdes.</p>	<p>[...] sabe o que foi que me chamou muita atenção? Certo dia, um aluno muito assíduo, de Cacimba de Dentro, que não lembro o nome, disse o seguinte: - Não vim de sapato, e a senhora não vai me fazer assistir aula de sapato. - Por que meu filho? - Eu não tenho sapato., - Meu querido, até a semana passada você tinha sapato, por que essa semana não tem mais? - Meu sapato furou (risos). - Está bem, meu filho, vá assistir sua aula. Olhei mais ou menos o número do sapato dele e chamei Sonize, que era a vice-diretora e tinha carro: - Vamos à rua. - Fazer o que, Vilma, na rua? - Comprar um sapato para aquele menino. - O que, Vilma? - Vamos agora mesmo. Nós descemos, compramos o sapato e chamamos o aluno na sala da diretoria: - Meu filho, se o problema era sapato, está aqui o seu sapato. Era um sapato bonito, bom, ele botou nos pés, olhou e disse: - Agora estou bonito, viu! E ele saiu desdenhando da gente, fez aquilo para afrontar, acredita? Ainda hoje nos encontramos ele me localizou no Facebook e conversou comigo. Nem acreditei no que estava vendo, ele é um belíssimo advogado! Para você ver o tipo de aluno que nós tínhamos, alguns aceitavam numa boa, mas tinha aqueles que afrontavam mesmo. - Meu filho, não é por isso que você vai ficar sem os sapatos. - Professora, me desculpe, me perdoe, não agi certo, menti, foi para afrontar a senhora e a equipe. - Rapaz, não faça mais isso com ninguém não. Está perdoado (expressão de alegria).</p>
<p>Professora: Claudia Michelino</p>	<p>Outro dia eu estava no encontro da Undime em Campina Grande, representando a Secretaria de Educação daqui de Damião, junto com o supervisor. Estávamos sentados no teatro para assistir à apresentação, tinha vários estados representados, e todo mundo estava tirando fotos, e eu vendo uma pessoa fofocando para tirar foto com o celular dela, sempre focando em mim, que estava atrás, disse para meu colega: “vamos sair daqui o povo fica tirando foto e a gente vai sair nessas fotos”, e ele disse: “é mesmo, Cláudia, vamos sair daqui”. E antes de fazemos o movimento de sair, ela focou o celular e eu vi que nós íamos sair na imagem, então, ela virou e disse: “desculpa, estava só querendo ter certeza”. Eu olhei, e ela falou: “não está lembrada de mim, não?”. Eu disse: “olhando assim, eu me lembro mais ou menos da fisionomia”, e ela disse: “pois é, eu fui sua aluna na Escola Normal. Eu fui tirar minha foto e vi a senhora atrás, estava tentando ter certeza se era a senhora mesmo. Sou Fátima, aluna de Arara, quero lhe dizer que foi muito bom lhe encontrar, eu hoje sou formada, sou pedagoga também, supervisora escolar. Eu quero lhe dizer que quando eu saí da Escola Normal e me deparei com a sala de aula, no primeiro dia que eu entrei na minha sala, eu lembrei de duas pessoas e disse: Deus, eu quero ser e fazer igual a duas professoras que eu tive, uma foi a professora tal - ela disse o nome - e a outra foi a senhora”. As lágrimas caíram,</p>

Tabela 13 – Narrativa sobre um episódio marcante

	comecei a chorar, e o meu colega disse: “que coisa linda, a pessoa, ao longo da vida, nunca espera ouvir um negócio desse”.
Professora: Francillanes Rodrigues	[...] vou contar uma, sobre o material didático, que me marcou muito. Eu acho importante termos uma caligrafia legível, então sugeria para eles, sem forçar, que tentassem usar um caderno de caligrafia. Era uma aceitação individual, cada um decidia. Então, eu dava um prazo para que eles comprassem esse material, porque nossa escola não tinha merenda, não tinha lanche, só passou a ter agora, com a ajuda do ensino fundamental. Eu sabia que aquele pouco dinheiro que eles tinham eram sempre para o lanche ou algum material, como cartolina, que usávamos muito na época, lápis, caneta pilot, tudo era comprado por eles, principalmente no período de estágio. Eles tinham que preparar o material deles, não havia computadores para elaborar o material nem imprimir, tinha que fazer tudo por conta própria. Sugerir um recurso chamado flanelógrafo, que é uma folha de isopor coberta de flanela, de um lado e do outro, por papel madeira. Como é que fiz isso? Para não sacrificar os alunos, sugeri que fizessem em dupla e futuramente, quem quisesse, faria o seu individualmente. Na minha cabeça, sugerindo isso, tinha dado certo, até que, no mês passado, encontrei uma ex-aluna e começamos a conversar, ela me agradeceu por tudo e disse que tinha aprendido muito comigo. Falei: “que bom que você guarda boas lembranças, se eu fiz algo que lhe magoou me perdoe, mas fiz o meu melhor”. E ela disse: “você me ajudou muito, aprendi muito com você”. No depoimento dessa menina, primeiro ela elogiou o caderno de caligrafia e disse que o guarda até hoje. Muitos ex-alunos dizem isso. Quando ela disse que eu a fiz chorar por conta do flanelógrafo, fiquei sem voz: “meu Deus, por quê? O que é que eu fiz?”, e ela disse: “eu não tinha dinheiro para comprar o material”.
Professora: Maria Goretti	Um momento marcante foi o acidente sofrido por uma ex-aluna de Cacimba de Dentro, no final da tarde, após o término da aula, voltando para casa. Ela estava gestante de um bebezinho, tentaram salvá-la, mas não teve como, ela acabou falecendo. Vilma era a diretora, nós fomos para o sepultamento dessa aluna e essa cena nunca saiu da minha memória. Essa passagem foi muito marcante para todos nós porque o acidente foi com um ônibus lotado de alunos e ela foi arremessada e caiu na ponte de Cacimba de Dentro. Quando isso aconteceu, tinha poucos dias que essa aluna havia me relatado que o esposo a tinha deixado com um bebê prestes a nascer e voltado para Natal, ela já vinha muito sofrida por causa da separação. Isso marcou a nossa vida na escola e principalmente a minha, pois quando viajava e passava por Cacimba de Dentro sempre me lembrava dessa cena. Ao passar pela ponte, parece que via aquela criatura. Foram tantos momentos marcantes...

Paul Ricoeur (2007, p. 23) nos interroga: “lembrar-se de alguma coisa é, de imediato, lembrar-se de si?”. A partir desse questionamento, compreendemos o que o autor cita mais adiante, quando afirma que insistimos perguntar “o que?” antes da pergunta “quem?” (RICOEUR, 2007, p. 23).

Entendemos que lembrar é trazer o vivido do próprio sujeito, na medida em que só lembramos do que vivemos, não temos como lembrar o não vivido. O que me contam e não vivi é apenas lembrança de um passado em que não estive presente.

A lembrança não é um conceito genérico, como a memória (RICOEUR, 2007), contudo, é uma espécie de imagem. Para o autor, a imaginação e a memória têm algo em comum: a ausência.

Muitas de nossas lembranças são esquecidas com o tempo. Para Izquierdo (2011), o esquecimento é importante para a memória, pois não daríamos conta de lembrar de tantas coisas que nos acontecem ao longo da vida, seria complexo suportar todos os episódios da infância, da juventude e da fase adulta se não houvesse o esquecimento para acalantar as angústias.

Faço essa reflexão para anunciar que as professoras egressas da Escola Normal se emocionaram com as lembranças vindas por meio da memória e, em todo momento, expressaram sentimentos de alegria e emoções enquanto narravam sobre suas trajetórias na escola.

Quatro mulheres que fizeram história e carregam lembranças de suas trajetórias, mas que se constituem em memória coletiva, pois, como afirma Halbwachs (2013), uma memória não é construída sozinha, mas de alguma forma com outros sujeitos envolvidos.

Essas narrativas nos trazem discussões a partir das trajetórias das professoras e geram outros questionamentos, como o fato de o cumprimento de uma missão ser de suma importância para o sujeito que realizou uma atividade. Nessa intensidade, descrevo a narrativa da professora Goretti:

Sou feliz porque nunca, um dia sequer, eu fiz meu trabalho ou realizei minhas atividades mal-humorada, e sempre dizia aos meus alunos, principalmente da Escola Normal, que ao chegar no portão eu deixava os meus problemas para trás. Ali eu tinha que fazer o meu trabalho benfeito, abraçar o meu aluno, aceitar escutá-lo quantas vezes fossem necessárias (GORETTI, 2021).

Saber diferenciar as atividades de casa das atividades profissionais é um fator primordial na vida do professor, todavia sabemos que ele é humano, feito de sentimentos e emoções e precisa ter equilíbrio, ser maduro e evoluir, pois o tempo trará a mudança que almeja.

Delgado (2010, p. 16) afirma que “a memória é principal fonte dos depoimentos orais”, até aqui os depoimentos surgiram a partir da oralidade das docentes. As narrativas completas estão nos anexos deste trabalho, em que podemos compreender a trajetória de professoras a partir da sua prática.

Os textos completos não seguem uma ordem linear, uma vez que há momentos em que as professoras lembram de coisas distantes e próximas, porém, os textos estão na íntegra para que o leitor possa conhecer a trajetória dessas mulheres.

Figura 22 – As professoras egressas da escola normal



Fonte: Acervo particular de Luiz Eduardo Paulino da Silva (1998)

Aqui dedico

Finalizando com gratidão,
 louvando a Deus
 que me deu disposição
 para escrever,
 refletir e
 entrevistar
 as egressas professoras
 que foram a inspiração
 que almejei pesquisar.
 Gratidão
 por disponibilizarem
 suas experiências
 e eu poder registrar
 Através das memórias
 foi possível
 essa tese concretizar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o percurso deste trabalho, várias experiências me fizeram perceber e compreender melhor a trajetória das egressas professoras da escola normal no município de Bananeiras/PB. Por meio de suas narrativas percebe-se o quanto contribuíram, significativamente, na instituição que lecionaram.

As narrativas das professoras demonstram o quão importante foram suas contribuições na escola normal, mesmo ingressando em tempos afastados, mas, quando conexas realizaram um trabalho coletivo valedouro, auxiliando alunos, familiares e comunidade sem receios de desatendimentos a seus pares.

Durante o transcorrer da pesquisa outros temas relacionados as experiências educacionais surgiram, mas optei por trabalhar apenas os objetivos traçados, a fim de evidenciar informações precisas ao referido estudo, ao analisar por meio das memórias as narrativas das professoras, voltadas as suas práticas docentes ao identificar diferentes discursos e subjetividades.

Nesta perspectiva compreendendo o papel das professoras enquanto protagonistas de sua formação professoral ao registrar suas experiências docentes e refletir sobre as suas histórias de vida, quanto aos principais anseios, desafios e possibilidades educacionais que o ensino normal contribuiu na formação docente.

As narrativas das professoras egressas conduzem a compreensão da importância da instituição normal na região do brejo paraibano, como também, o sonho de tornarem professoras da escola normal, ensinando, aprendendo e vivenciando experiências junto ao corpo docente da escola.

Podemos compreender que a escola normal foi edificada para atender a demanda, não apenas local do município de Bananeiras/PB, mas sobretudo dos municípios circunvizinhos que destinavam os discentes para formação que contribuíssem na sua cidade, ou seja, a formação do magistério.

Nesse contexto compreendemos, através de suas narrativas, a importância dessa instituição para a região que, embora, atualmente, esteja esquivando-se da sua essência de normalista continua tendo o ensino do magistério paralelo ao ensino médio normal.

Ainda nas narrativas das professoras percebe-se o descontentamento ao informar que a instituição aos poucos está se afastando das habitudes de antigamente como, o desfile cívico, as feiras de ciências, as jornadas pedagógicas, o fardamento

escolar e outras solenidades que a escola detinha e com o tempo vai caindo no esquecimento.

Contudo, percebe-se por meio das alocações das egressas professoras o orgulho e felicidade das lembranças que dispõem quando narram sobre as atividades que realizaram na escola, desde as microaulas, os eventos, os materiais escolares e outros, ainda que a gestão pública não contribuísse elas procuravam outras fontes, como no Proformação e nos próprios alunos instigando uma aula de excelência.

Pelas narrativas das egressas professoras e o longo período que lecionaram na instituição, o poder público não dava aparato para que a escola caminhasse, pois seria necessário auxílio da comunidade, professores, alunos e outros funcionários das escolas, como por exemplo pintar a instituição, materiais de limpeza e, até mesmo, legumes para a merenda escolar (quando existia).

Através das narrativas das professoras refletimos um passado existente pelos registros das memórias que descreveram dele, seja individual ou coletivo, isto nos leva a entender que conhecemos relatos da instituição devido as lembranças passadas atendendo o presente, hoje.

As narrativas das professoras egressas demonstram a relevância aos conteúdos trabalhados na formação docente, uma vez que narram conceitos, temáticas, assuntos contidos no livro didático, utilizando outras fontes de exercício escolar, referente a prática e a teoria, partindo de ensaios como, fileiras para entrar na sala de aula, a musiquinha para iniciar a aula, a forma que treinavam os alunos para exercerem as microaulas, entre outras atividades que contribuíssem na prática do aluno-professor.

Certamente, a discussão das memórias das professoras egressas deve ser vista com um fenômeno complexo, uma vez que muitos desconhecem a sua importância. Nesta perspectiva, foi desejável aprofundar-se na discussão sobre suas memórias e trajetórias, observando entre tempos lembranças e narrativas, com intuito de compreender por meio dos depoimentos sua contribuição para a escola, campo de investigação.

Mesmo, este escrito fornecendo possibilidades para outras discussões, foquei nas narrativas escolares das professoras egressas, levando uma breve reflexão sobre a mulher contemporânea para não me afastar do objeto estudado, uma vez que resgatar essas memórias me instigou a outras ideias para, talvez, em um pós-doutorado.

Almejo que este estudo contribua como orientação, reflexão, subsidiando no que se refere a uma memória viva, pela qual as professoras egressas deixam como legado para outras gerações vindouras, até mesmo, para aqueles que estudaram na instituição, uma vez que a educação é um celeiro de memória e as professoras as guardam em baús, por meio das narrativas expressaram com ânimo suas reminiscências.

As professoras egressas interagem entre si por meio de diversos entendimentos, trazendo veracidade nas narrativas decorrentes do tempo que viveram e vivenciaram no magistério. Contudo, sempre focando em suas falas depoimentos de alunos e outros sujeitos envolvidos na escola.

Ainda que as egressas professoras não tenham oferecido fontes orais para confrontarmos as narrativas, percebemos pela oralidade que muitas perderam seus materiais, objetos e fotografias ao longo do tempo, uma vez que as mudanças fazem com que deixemos de lado alguns elementos das memórias.

As fotografias apresentadas e ilustradas foram de cunho particular do autor, por meio da página no facebook da instituição escolar, sempre divulgadas como memórias para os novos alunos recordarem de como a escola contribuía por meio dos eventos na região.

Porém, as professoras decorrem de episódios marcantes em sua trajetória e autorizam as narrativas como fontes de memórias para publicações e documentos como, o Projeto Político Pedagógico Escolar, o Regimento Escolar, fornecidos pela secretaria da escola, os quais contribuíram para as análises das narrativas.

É necessário enfatizar que essa pesquisa se deu em tempos pandêmicos, evidente que no ano de 2020 iniciou-se o caos global, onde o mundo foi atingido por um vírus denominado coronavírus que infectou milhares, levando a enfermidade ou até mesmo a morte.

Tal investigação realizou-se em um tempo incerto, onde muitos estavam isolados seus lares para não se contaminar com vírus. Todavia, as próprias egressas professoras estavam em seus lares aposentadas, vivenciando um tempo de afazeres em casa com poucas saídas, as que ainda estavam ativas lecionavam de suas residências, pois as instituições escolares estavam fechadas.

Seria desnecessário deslocar-me do Rio de Janeiro para a Paraíba, uma vez que o distanciamento impediria a aproximação com os sujeitos e *lócus* da pesquisa, por esse motivo as entrevistas foram realizadas e gravadas pela plataforma *Meet*. De

toda forma o impedimento de estar no ambiente fragilizou o contato direto com as pessoas envolvidas.

As entrevistas aconteceram de forma espontânea, considerando o tempo e lembranças narradas pelas professoras, assim como outros elementos das memórias foram trazidos através de contatos com a secretaria e gestão atual da escolar, como também ex-alunas da escolar normal de Bananeiras/PB.

As narrativas não se esgotam, pois existe um campo fértil de pesquisa que precisa ser realizado para melhor definir a contribuição de memórias docentes à formação de professoras. Mesmo sabendo que as lembranças são essenciais quanto aos relatos de um passado que se torna presente, suas bases conceituais estão abertas à novas contribuições.

Atualmente, duas professoras aposentadas vivem o tempo presente fazendo o que gostam, lembrando do período vivido na educação, enquanto duas estão atuando em outras instituições escolares do ensino fundamental em municípios circunvizinhos de Bananeiras/PB, portanto guardam em suas lembranças o ensino e a aprendizagem que adquiriram no ensino normal.

Por meio desta investigação, ressuscitou-me o desejo de ouvir o outro, de buscar compreender o passado no presente e compreender que sem a memória como bem diz Izquierdo, não somos nada.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 3. ed. ver. Atual. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

ALVES, Maria Cristina Santos de Oliveira. **A importância da história oral como metodologia de pesquisa**. IV Semana de História do Pontal / III Encontro de Ensino de História. Universidade Federal de Uberlândia, Ituiutaba/MG. 2016.

ALVES, Rubem. **O desejo de ensinar e a arte de aprender**. Campinas: Fundação EDUCAR/ DPaschoal, 2004.

ANDRÉ, Marli. **Formar o professor pesquisador para um novo desenvolvimento profissional**. In: ANDRÉ, Marli (org.) Práticas inovadoras na formação de professores. Campinas, São Paulo, Papirus, 2016.

ARAÚJO, Pedro Galas. **Trato desfeito: O revés autobiográfico na literatura contemporânea brasileira**. Universidade de Brasília, Instituto de Letras. Departamento do Programa de Pós-graduação em Literatura. Dissertação de mestrado, Brasília, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. [tradução feita a partir do francês por Maria Emsantina Galvão G. Pereira; revisão da tradução Marina Appenzeller]. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. (Coleção Ensino Superior).

BARTHES, Roland. **O Rumor da Língua**. 2ª ed. São Paulo, Martins Fontes, 2004.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. 3. ed. São Paulo, 1994.

BOURDIEU, Pierre. “**A ilusão biográfica**”, In: Razões práticas: sobre a teoria da ação. Campinas, SP: Papirus, 1996.

BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei Federal n. 8069, de 13 de julho de 1990, São Paulo, Atlas, 1991.

BRASIL. **Ministério da Educação**. LDB: Lei de diretrizes e bases da educação nacional. – Lei nº 9.394/1996 – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017. Brasiliense: 1988.

BUARQUE, Chico. **Mulher, Vou Dizer Quanto Eu Te Amo**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EsfyORSaKmY>. Acessado em: 19 de junho de 2016.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Trad. Sergio Goes de Paula 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. 2008.

CALHÁU, Socorro. NOGUEIRA, Angelica Raimundo. **A escrita e o desvelamento da realidade vivida nos presídios brasileiros: uma leitura amorosa do livro além**

das grades, de Samuel Lourenço Filho. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica*. Salvador, RBPAB, v. 07, n. 20, 254 p., jan./abr. 2022.

CAMINHA, Adolfo. **A normalista**. 1ª ed. São Paulo: Martin Claret, 2007.

CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. 1ª ed. São Paulo, Contexto, 2019.

CÂNDIDO, Renata. **O que elas dizem sobre mim, o que eu digo sobre elas: a constituição da biblioteca pessoal e a formação do professor**. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica*. Salvador, RBPAB, v. 06, n. 17, 429 p., jan./abr. 2021

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber às práticas educativas**. 1ed. São Paulo: Cortez, 2013.

CHAUNU, Pierre. **O filho da morta**. In NORA, Pierre et al. *Ensaio de Ego-história*. Lisboa, Edições 70 Ltda., 1989.

CORALINA, Cora. **Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1965.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História Oral: memória, tempo, identidades**. 2ª. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História Oral: memória, tempo, identidades**. 2ª. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **A pesquisa biográfica ou a construção compartilhada de um saber do singular**. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica*. Salvador, RBPAB, v. 01, n. 01, 183 p., jan./abr. 2016. Disponível em: [file:///C:/Users/lepsc/Downloads/66895-Texto%20do%20artigo-88291-1-10-20131125%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/lepsc/Downloads/66895-Texto%20do%20artigo-88291-1-10-20131125%20(1).pdf). Acessado em: 03 de agosto de 2022.

FARIA, Lia. **Ideologia e utopia nos anos 60: um olhar feminino** / Lia Faria. – Rio de Janeiro: EdUERJ, 1997.

FIGUEIREDO, Ewerton Luis Faverzani. e BEM, Judite Sanson de. **A memória institucional e as relações públicas**. *Connexio*, revista científica da escola de gestão e negócio UP Universidade Potiguar. Ano 3, nº 1, 2013. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/268081477.pdf>. Acessado em 14 de maio de 2022.

FREIRE, Paulo. **A escola, Nova Escola**, N. 163, Jun-Jul,2003. Disponível em: <https://profgege.blogspot.com/2008/01/poema-escola-paulo-freire.html>. Acessado em 25/04 de 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 50ª ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1996, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **História Oral e processos de participação nas culturas do escrito**. In: PINHEIRO, Antonio Carlos Ferreira; XAVIER, Libânia; GALVÃO, Cecília. **Narrativas em educação**. Conferência Internacional de Investigação em Educação, no Instituto Politécnico de Viana do Castelo – Escola Superior de Educação, dezembro de 2002. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ciedu/a/H5hSMRYMyjhYtBxqnMVZVJH/?lang=pt&format=pdf>.
Acessado em: 26/04/2022.

GI, Natália de Lacerda. **Vestígios de um percurso pessoal rumo ao “como ler”:** indicações e interdições. Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica. Salvador, RBPAB, v. 06, n. 17, 429 p., jan./abr. 2021.

GONDAR, Jô. Quatro proposições sobre memória social. In: GONDAR, Jô. DODEBEI, Vera.(org.) **O que é memória Social**. Programa de Pós-graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2005

GROSS, Yonne de Souza. FERREIRA, Amauri Carlos. Razão narrativa: significado e memória. V Encontro Nacional de História Oral, Belo Horizonte, novembro de 1999. Disponível em: <file:///C:/Users/lepsc/Downloads/33-Texto%20do%20artigo-178-1-10-20090724.pdf>. Acessado em: 12 de maio de 2022.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2013.

IWANCZUK, Luciane. VOLTZ, Carlos Eduardo Poerschke. ZUCCHETTI, Dinora Tereza. **Uma experiência complexa de escrita acadêmica**. Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica. Salvador, RBPAB, v. 07, n. 20, 254 p., jan./abr. 2022.

IZQUIERDO, Iván. **Memória**. 2ª ed. Porto Alegre, Artmed, 2011.

JOUTARD, Philippe. **Desafios à história oral do século XXI**. In: Ferreira, Marieta de Moraes (org.). História oral: desafios para o século XXI. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, Fundação Getúlio Vargas, 2000.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Unicamp, 2013.

LIMA, Ana Laura Godinho. AMPARO, Patrícia Aparecida do. SILVA, Katiene Nogueira da. **A formação da Biblioteca Viva e o aprendizado do julgamento das leituras**. Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica. Salvador, RBPAB, v. 06, n. 17, 429 p., jan./abr. 2021.

MACHADO, Jivago Furlan. **A narrativa com mediação entre história e ficção**. Dissertação do mestrado, UFSM, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, RS, 2017.

MAGALHÃES, Tereza Ancona Lopez de. **O Papel da Mulher na Sociedade**. Revista da Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo e Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1980. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rfdusp/article/view/66895>. Acessado em 13/08/2022.

MATOS, Raquel Sofia dos Santos Macedo. **Identidade e profissionalismo docente: Uma revisão da abordagem narrativa**. Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica. Salvador, RBPAB, v. 01, n. 01, 183 p., jan./abr. 2016.

MEIHY, José Carlos S. B.; HOLANDA, Fabíola. **História Oral: como fazer, como pensar**. 2ª ed., 7ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2019.

MEIHY, José Carlos S. B.; SEAWRIGHT, Leandro. **Memórias e narrativas: história oral aplicada**. São Paulo: Contexto, 2020.

MIGNOT, Ana Chrystina; SOUZA, Elizeu Clementino de. **Modos de viver, narrar e guardar**: diálogos cruzados sobre pesquisa (auto)biográfica. Revista Linhas. Florianópolis, v. 16, n. 32, p. 10 – 33, set./dez. 2015.

MORAES, Nilson Alves de. Memória Social: solidariedade orgânica e disputas de sentidos. In: GONDAR, Jô. DODEBEI, Vera.(org.) **O que é memória Social**. Programa de Pós-graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2005

MURARO, Rose Marie. **A mulher na construção do mundo**. Petrópolis: Editora Vozes, 1972.

MURARO, Rose Marie. **A Sexualidade da Mulher brasileira**: corpo e classe social no Brasil. Petrópolis: Editora Vozes, 1983.

MURARO, Rose Marie. **Libertação sexual da mulher**. Petrópolis: Editora Vozes, 1975.

MURARO, Rose Marie. **Memórias de uma mulher impossível**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1999.

MURARO, Rose Marie. **Rose Marie Muraro no Sempre um Papo – 200**. Disponível em: <https://sarauparatodos.wordpress.com/2015/08/14/rose-marie-muraro-11111930-21062014/>. Acessado em: 18/06/2022.

NERY, Maria Salete de Souza. **Introdução às teorias da memória**: Aula expositiva pela plataforma *Meet*. Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade. UESB/RTR/PPG/PPGMLS, 2020

NORA, Pierre. H. *Présent, nation, mémoire*. Paris: Gallimard, 2011b. (Bibliothèque des Histoires)

NÓVOA, A. **Firmar a posição como professor**. Afirmar a profissão docente, Cadernos de Pesquisa, São Paulo, v. 47, n. 166, p. 2017.

PICONEZ, Stela C. Bertholo. **A prática de ensino e o estágio supervisionado**: a aproximação da realidade escolar e a prática da reflexão. In: FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. [et al] *A prática de ensino e o estágio supervisionado*. Campinas, SP: Papirus, 1991

PIMENTA, Selma Garrido (Org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

PIMENTA, Selma Garrido. **Formação de professores**: saberes da docência e identidade do professor. Vol. III, setembro de 1997. Faculdade de Educação, USP/ São Paulo. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1287224/mod_resource/content/1/Pimenta_Form%20de%20profs%20e%20saberes%20da%20docencia.pdf. Acessado em: 12 de maio de 2022.

PRADO, Douglas Silva do. **Escolas Normais no Brasil no Período Imperial (1835-1889)**. Curitiba: Instituto Federal do Paraná, 2020.

RIBEIRO, Layta Sena; RIBEIRO, Marcelo Silva de Souza. **Narrativas sobre a saúde mental de adolescentes em tempos de coronavírus**. Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica. Salvador, RBPAB, v. 06, n. 17, 429 p., jan./abr. 2021

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François [et al.]. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa: A intriga e a narrativa histórica**. Tradução de Claudia Berliner, São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

ROMANOWSKI, Joana Paulin. ENS. Romilda Teodora. **As pesquisas denominadas do tipo “estado da arte” em educação**. Revista Diálogo Educacional, vol. 6, núm. 19, septiembre-diciembre, 2006.

SANTOS, Marise Lúcia Ribeiro dos. et al. **Projeto Político Pedagógico da Escola Normal Estadual Professor Pedro Augusto de Almeida**. Secretaria de Educação e da Ciência e Tecnologia, 2019.

SANTOS, Marise Lúcia Ribeiro dos. et al. **Regimento Interno escolar da Escola Normal Estadual Professor Pedro Augusto de Almeida**. Secretaria de Educação e da Ciência e Tecnologia, 2019.

SANTOS, Sydione. **Aprendizagem da docência e formação inicial: concepções e propostas**. XII Congresso Nacional de Educação. IX Encontro Nacional sobre atendimento escolar hospitalar/ ENAEH. PUCPR, 2015. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/16228_7590.pdf. Acessado em 12 de maio de 2022.

SCOTT, Joan. GÊNERO: **Uma categoria útil de análise histórica**. Educação e realidade. n.2, jul./dez.1990.

SILVA, Luiz Eduardo Paulino da. **Biografia, História e Memória de uma Professora aposentada: A evocação das lembranças na Educação do Campo**. In: MANGUEIRA, Rômulo Tonyathy da Silva. et al. **Sementes da Educação: Novos enredos, novos saberes/fazer**. Santa Catarina: Livrologia, 2019.

SILVA, Luiz Eduardo Paulino da. CUNHA, Jorge Luiz da. **História de vida: Memórias e Narrativas de uma professora da Educação Infantil**. In: MANGUEIRA, Rômulo Tonyathy da Silva. et al. **Sementes da Educação: Novos enredos, novos saberes/fazer**. Santa Catarina: Livrologia, 2019.

SILVA, Luiz Eduardo Paulino da. **Memórias e Trajetória de vida: O professor que superou limites**. In: CUNHA, Jorge Luiz da; SILVA, Luiz Eduardo Paulino da; MANGUEIRA, Rômulo Tonyathy da Silva. **Sementes da Educação**. São Paulo: Dialogar, .2019.

SILVA, Luiz Eduardo Paulino da. NETO, Manuel Rosa da Silva. **“O desejo de conhecer”, reflexões de Nós”**. In: SILVA, Luiz Eduardo Paulino da. **Escritas reflexivas: Concepções, pensamentos e ideias**. São Paulo: Pimenta Cultura, 2021.

SILVA, Luiz Eduardo Paulino da. **Saudades**. In: AZEVEDO, Karina. Antologia poética somos feito de saudades. 1ª ed. Recife: EHS Edições, 2021.

SILVA, Maria Abadia da. **Do projeto político do Banco Mundial: ao projeto político pedagógico da escola pública brasileira**. In: Arte & Manhas dos Projetos Políticos e Pedagógicos. Campinas – SP: CEDES, 2003.

SINIGAGLIA, Bruna. **O papel laboral da mulher na sociedade brasileira contemporânea: uma análise sobre sua evolução, a partir de um estudo de caso em uma empresa do município de Santa Rosa -RS**. Dissertação de mestrado, Universidade Cruz Alta, RS, 2018. Disponível em: <https://home.unicruz.edu.br/wp-content/uploads/2019/06/Disserta%C3%A7%C3%A3o-Bruna-Sinigaglia.pdf>.

SOUSA, Sandra Novais. ASSIS, Jacira Helena do Valle Pereira, NOGUEIRA, Eliane Greice Davanço. **Questões teórico-metodológicas da abordagem (auto)biográfica no VI CIPA**. Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica. Salvador, RBPAB, v. 01, n. 01, 183 p., jan./abr. 2016.

SOUZA, Rose Fernandes de. VANZUITA, Alexandre. **Ressignificando memórias: quando a (auto)biografia anuncia a luta pela vida**. Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica. Salvador, RBPAB, v. 07, n. 20, 254 p., jan./abr. 2022.

STUDART, Heloneida. **A Mulher, Brinquedo do Homem?** Rio de Janeiro: Vozes, 1969.

TAMBARA, Elomar; (Orgs.). **História da Educação no Brasil: matrizes interpretativas, abordagens e fontes predominantes na primeira década do século XXI**. Vitória: EDUFES, 2011.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**, Trad. Lólio Lorenço de Oliveira. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

TRINDADE, Josefa Celiane Pociano da. **‘Colégio Sagrado Coração de Jesus’ – Uma instituição a serviço da formação de professoras em Bananeiras (1940 – 1970)**, 2017. 60f (Graduação em Pedagogia) Departamento de Educação, Universidade Federal da Paraíba, Bananeiras.

VANZUITA, Alexandre. ANDRÉ, Elias Mande Laurindo. **Formação de professores(as) e identidade docente quilombola**. In: BRANDT, Andressa Grazielle. MAGALHÃES, Nadja Regina Sousa. SILVA Filomena Lucia Gossler Rodrigues da. **Didática e formação de professores: desafios e perspectivas da articulação 1. ed. entre teoria e prática: volume 2 [livro eletrônico]**. Curitiba-PR: Editora Bagai, 2021. 326p. E-Book.

WHITE, Hayden. **“O texto histórico como artefato literário”**. In: Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura. São Paulo: EDUSP.

APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre Esclarecido - TCLE



ProPEd

Universidade do Estado do Rio de Janeiro-UERJ
Programa de Pós-graduação em Educação - Doutorado
Centro de Ciências e Humanidades
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO – TCLE

Título da Pesquisa:

Entre **tempos, lembranças e narrativas**: Memórias e Trajetórias das professoras egressas da Escola Normal em Bananeiras/PB (1983-2017)

Eu, Luiz Eduardo Paulino da Silva, regularmente matriculado no Programa de Pós-Graduação em Educação – Doutorado, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro-UERJ, (Proped) na Linha de pesquisa: “Instituições, Práticas Educativas e História”, venho por meio deste, convidá-la a participar da pesquisa em questão desenvolvida por mim, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Lia Ciomar Macedo de Faria. Este estudo tem como objetivo é analisar, por meio das memórias, as narrativas das professoras egressas da Escola Normal, em Bananeiras/PB, sobre as práticas docentes, identificando diferentes discursos e subjetividades. Constitui-se em uma pesquisa oral que empregará como procedimentos metodológicos a entrevista semiestruturada por meio da plataforma *Meet*.

Solicito a sua colaboração e participação, como também, sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos acadêmicos e publicações científicas. A pesquisa por meio de entrevista, com uma hora e meia de duração, seguindo um roteiro pré-estabelecido. Os dados serão utilizados para fomentar a elaboração do meu Trabalho de Conclusão de Curso – TESE de doutoramento.

Se houver qualquer dúvida ou solicitação de esclarecimento poderá entrar em contato comigo, Luiz Eduardo Paulino da Silva e-mail: lepscatt@gmail.com, tel.: (21) 97452-9396. Persistindo dúvidas poderá entrar em contato com a Comissão de Ética em Pesquisa da UERJ: Rua São Francisco Xavier, 524, sala 3018, bloco E, 3º andar, Maracanã - Rio de Janeiro, RJ, e-mail:ética@uerj.br- Telefone (021) 2334-2180.

Antecipadamente agradeço a sua participação.

 Pesquisador

Luiz Eduardo Paulino da Silva

Eu, declaro que compreendi as informações lidas e explicadas sobre a pesquisa e afirmo que fui devidamente esclarecida e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação das narrativas. Estou ciente que receberei uma cópia deste documento. Declaro ainda que, por minha livre vontade, autorizo a realização dessa pesquisa a fim de possibilitar a construção de dados para análises posteriores.

Bananeiras/PB, ____ de _____ de 2021.

 Assinatura do participante

APÊNDICE B - Roteiro de entrevista – professoras



ProPEd

Universidade do Estado do Rio de Janeiro-UERJ
Programa de Pós-graduação em Educação - Doutorado
Centro de Ciências e Humanidades

Linha de pesquisa: “Instituições, Práticas Educativas e História
Orientadora: professora Dr.^a: Lia Ciomar Macedo de Faria

Roteiro de Entrevista (Professoras)

Título da Pesquisa

Entre **tempos, lembranças e narrativas**: Memórias e Trajetórias das professoras egressas da Escola Normal em Bananeiras/PB (1983-2017)

Esse roteiro servirá para o norte da entrevista. (podemos fazer mais de um encontro dependendo do caminho de nossa conversa e as lembranças que as professoras forem rememorando.

Nome, data de nascimento, pais, família, localidade onde nasceu. Origem dos pais, trabalho etc. Como foi sua infância e adolescência, onde estudou. Quais sonhos? Onde cursou o ginásio e o ensino médio?

Sempre teve sonho de ser professora? Quando começou o trabalho no Pedro Augusto de Almeida? Descrever, como era as aulas, caderno de plano, diário de classe, entre outros.

O que induziu você a ser professora? o que a levou, na época, a escolha dessa profissão? Qual a visão que você possui na época e a que possui hoje? Se possível falar um pouco da formação e experiência profissional que teve durante o trajeto educacional.

Quais seriam ao seu ver os principais preconceitos transmitidos pela nossa cultura e de que forma você os trabalhou na sala de aula. Como você trabalhava a questão da sexualidade, religiosidade, ideologias políticas e outros temas.

Você é uma pessoa realizada – totalmente

Essa entrevista é um pouco de sua trajetória como mulher, mãe, professora, com foco na educação, precisamos conversar sobre toda a sua trajetória de infância para entendermos os sonhos que tinha intrinsecamente de ser professora.